

Local/ Global. Arte/ Artesanato:

Conversas em trânsito

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE ARTES DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES – PROF-ARTES

ANA PAULA BOAVENTURA MOTA DE LIMA

LOCAL/GLOBAL. ARTE/ARTESANATO: CONVERSAS EM TRÂNSITO

SÃO PAULO, 2020

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE ARTES DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES – PROF-ARTES

ANA PAULA BOAVENTURA MOTA DE LIMA

LOCAL/GLOBAL. ARTE/ARTESANATO: CONVERSAS EM TRÂNSITO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes – Prof-Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito para obtenção de título de Mestre em Artes, na área de concentração em Ensino de Artes, sob a orientação do Prof^o. Dr. Sidiney Peterson Ferreira de Lima

SÃO PAULO, 2020

L732| Lima, Ana Paula Boaventura Mota de, 1977-

Local/global. Arte/artesanato : conversas em trânsito / Ana Paula Boaventura Mota de Lima. - São Paulo, 2020.

142 f. : il. color.

Orientador: Prof. Dr. Sidiney Peterson Ferreira de Lima

Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes

1. Artesanato. 2. Artes e ofícios. 3. Arte - Estudo e ensino.
I. Lima, Sidiney Peterson Ferreira de. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 745.5

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE ARTES DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES – PROF-ARTES

ANA PAULA BOAVENTURA MOTA DE LIMA

LOCAL/GLOBAL. ARTE/ARTESANATO: CONVERSAS EM TRÂNSITO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes – Prof-Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito para obtenção de título de Mestre em Artes, na área de concentração em Ensino de Artes, sob a orientação do Prof^o. Dr. Sidiney Peterson Ferreira de Lima

Banca examinadora

Orientador: Prof^o Dr. Sidiney Peterson Ferreira de Lima

Prof^a Dra. Rejane Coutinho Galvão

Prof^a Dra. Leda de Barros Guimarães

Suplente: Prof^a. Dra. Valéria Peixoto de Alencar

Agradecimentos

Agradeço a Deus pelo livre arbítrio.

Ao meu anjo da guarda, por estar comigo durante toda a experiência e durante as muitas viagens realizadas entre Cruzeiro e São Paulo.

Agradeço ao meu marido Rafael por seu apoio incondicional durante a pesquisa!!

Agradeço aos meus filhos Eduardo e Marcelo por existirem na minha vida e fazer tudo valer a pena.

Agradeço à minha mãe Neusa por ser minha base.

Agradeço ao meu irmão Marcos Paulo pela ajuda de sempre.

Agradeço a minha irmã Gessana por me acompanhar no meu sonho, ler tudo que escrevo, trocar ideias, por ser companheira e incentivadora.

Agradeço à minha sobrinha Beatriz por fazer me sentir especial.

Agradeço ao meu orientador Dr. Sidiney Peterson Ferreira de Lima por toda orientação e apontamentos que me fizeram refletir durante toda caminhada.

Agradeço às professoras da banca Dra. Rejane Galvão Coutinho e Dra. Leda Guimarães pelas contribuições.

Agradeço a todos os professores da UNESP que foram essenciais ao compartilharem seus conhecimentos comigo.

Agradeço aos amigos e amigas do PROF-ARTES pelas conversas, partilha, risadas, reflexões, indicações e pela união.

Agradeço às minhas amigas e amigos pelo grande incentivo e credibilidade que me dão sempre!

Agradeço aos alunos por participarem da pesquisa.

Agradeço à diretora da Escola Estadual “Profº Hildebrando Martins Soderó”, Maria de Lourdes que me permitiu realizar esta pesquisa e por acreditar em meu trabalho.

“Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente.”

(Paulo Freire)¹

¹FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996

RESUMO

O trabalho aqui apresentado emerge da pesquisa realizada com estudantes do Ensino Médio da Escola Estadual “Hildebrando Martins Sodero”, localizada na cidade de Silveiras, Vale do Paraíba- SP. Nesse município, a presença do artesanato é muito forte e pode ser identificada como fonte de renda de muitas famílias. A partir da identificação do artesanato como manifestação artística, nos questionamos: que leituras os/as estudantes realizam? Qual é o lugar desse tipo de produção no ambiente da sala de aula? Partimos para pesquisa de campo em que foram entrevistados dois artesãos da cidade, o que nos deu base para prosseguir na pesquisa e entender um pouco mais sobre o pensamento local. Buscamos investigar o olhar do aluno sobre o artesanato local e se este percebe diferença entre arte e artesanato, artista e artesão, além de entender como o estudante desloca o seu olhar local para o global diante destes questionamentos. Algumas ações foram propostas dentro da sala de aula e outras fora, como as visitas em ateliê local e visita à Pinacoteca do Estado de São Paulo. Uma das ações consistiu em uma curadoria para a escolha de quais imagens levar para a sala de aula e como conversar sobre elas para que pudessem impulsionar um diálogo entre professor e aluno, o qual teria condições, não só responder as questões da pesquisa, mas também ampliar seus olhares para as imagens que estavam apreciando/ lendo. Outra ação proposta foi a produção de registros realizados pelos alunos e, posteriormente, a análise e as discussões durante a dissertação. Fundamentados na Abordagem Triangular, trabalhamos com diferentes ações dessa abordagem (leitura, contextualização e o fazer) que, no caso dessa pesquisa, deu-se na forma de fazer artístico, mas também entendemos as conversas e os momentos de debates como uma forma de “fazer”. Como as manifestações artísticas locais podem ser atravessadas por manifestações artísticas globais? E como o global se reveste de manifestações locais? Em aulas de artes, como trabalhar o local e o global? Que leituras e percepções nos chegam dos alunos? Estes, entre outros, são questionamentos que buscamos enfrentar na dissertação que aqui apresentamos.

Palavras-chave: Leitura/Conversa sobre Arte; Arte/Artesanato; Artista/ Artesão; Ensino de arte

ABSTRACTO

El trabajo aquí presentado surge de la investigación realizada con estudiantes de secundaria de la Escuela Pública "Hildebrando Martins Sodero", ubicada en la ciudad de Silveiras, Vale do Paraíba-SP. En este municipio, la presencia de artesanías es muy fuerte y se puede identificar como una fuente de ingresos para muchas familias. Partiendo de la identificación de la artesanía como expresión artística, nos preguntamos: ¿qué lecturas realizan los estudiantes? ¿Cuál es el lugar de este tipo de producción en el entorno del aula? Salimos para la investigación de campo en la que se entrevistó a dos artesanos de la ciudad, lo que nos dio la base para continuar la investigación y entender un poco más sobre el pensamiento local. Buscamos investigar la visión del alumno sobre la artesanía local y si percibe una diferencia entre arte y artesanía, artista y artesano, además de comprender cómo el alumno cambia su mirada local a la global ante estas preguntas. Se propusieron algunas acciones dentro del aula y otras fuera, como visitas a un estudio local y una visita a la Pinacoteca do Estado de São Paulo. Una de las acciones consistió en una curaduría para elegir qué imágenes llevar al aula y cómo hablar de ellas para que pudieran estimular un diálogo entre docente y alumno, que tendría condiciones, no solo para responder a las preguntas de investigación, sino también amplíe sus ojos a las imágenes que estaba disfrutando / leyendo. Otra acción propuesta fue la producción de registros realizados por los estudiantes y, posteriormente, el análisis y discusiones durante la disertación. Partiendo del Enfoque Triangular, trabajamos con diferentes acciones de este enfoque (lectura, contextualización y hacer) que, en el caso de esta investigación, se desarrolló en forma de creación artística, pero también entendemos las conversaciones y los momentos de debate como una forma de "hacer". ¿Cómo se pueden cruzar las manifestaciones artísticas locales con las manifestaciones artísticas globales? ¿Y cómo asume lo global las manifestaciones locales? En las clases de arte, ¿cómo trabajar lo local y lo global? ¿Qué lecturas y conocimientos obtienen los estudiantes de nosotros? Estas, entre otras, son cuestiones que buscamos afrontar en la disertación que aquí presentamos.

Palabra clave: Lectura / Conversación sobre Arte; Arte/Artesanía; Artista/Artesano; Educación artística

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Ateliê do Marquinhos - “Canto dos Pássaros”	28
Figura 2- Araras penduradas para secagem após pintura e verniz, 2019.....	28
Figura 3- Portal da cidade de Silveiras, 2019	30
Figura 4- Entre no Paraíso - Atelier, 2019.....	31
Figura 5- Exposição de brinquedos para venda no “Entre no paraíso	31
Figura 6- Exposição de brinquedos para venda no “Entre no paraíso ateliê” ...	32
Figura 7- Arara produzida pelo “Entre no Paraíso - Atelier”.2019	40
Figura 8 - ALEIJADINHO. Nossa Senhora das Dores. Madeira (cedro) policromado. 1791-1810.	59
Figura 9- ALEIJADINHO. A Última Ceia. Madeira policromada	60
Figura 10- Dona Isabel – Boneca – noiva (cerâmica policromada)	62
Figura 11- Dona Isabel – Mulher amamentando.	63
Figura 12- MESTRE DIDI. ÈYÈ Kan (Pássaro Ancestral). Coleção do artista. 1993.....	64
Figura 13- MESTRE DIDI. IYÁ Agbá - Mãe Ancestral. nervura de palmeira, couro, tecido, búzios. 1998.	65
Figura 14- REGINA VATER. O que Você Fala se Transforma na Casa aonde Você Vive. Instalação. lampião, placas de vidro e blocos de pedra. 2003.	66
Figura 15- Escultura interativa Mulher Mutante (1969-2017)	66
Figura 16- VÉIO. Figura. 93 cm x 100 cm. Madeira.	67
Figura 17- - VÉIO. Que rei sou eu?	68
Figura 18- Imagem transferida sobre tecido, bastidor e linha de costura.....	70
Figura 19- - Sem título. Impressão sobre tecido, ponta seca e costura.	70
Figura 20- VÉIO. A Grande coruja. 45 cm x 110 cm	76
Figura 21- Pablo Picasso. Le Hibou Gris, 1953, Handpainted terracotta,	76
Figura 22- Marquinho. Artesão de Silveiras. Coruja.....	76
Figura 23- visita ao ateliê do artesão Marquinhos, 2019.....	85
Figura 24- Estudantes na sala da Pinacoteca_Luz.	88
Figura 25- Estudantes na sala da Pinacoteca.....	92
Figura 26- participando do coletivo junto com o grupo de estudantes e professoras IA – UNESP	94

Figura 27- participando da conversa coletiva com o grupo de estudantes e professoras do IA UNESP.	94
Figura 28- Estudantes na sala da Pina_Estação.....	96
Figura 29- Estudantes na sala da Pina_Estação.....	97
Figura 30- Estudantes na sala da Pina_Estação.....	97
Figura 31- Aluno ampliando o desenho através do Datashow	108
Figura 32- Alunas ampliando o desenho através do aparelho celular.....	109
Figura 33- Aluna aplicando técnica do pontilhismo no desenho criado à mão livre.	109
Figura 34- Aluno pintando seu desenho com guache.	110
Figura 35- Desenho do aluno M.I. 2º EM A.	111
Figura 36- Aluna pintando com guache seu desenho criado à mão livre	112
Figura 37- Aluna aplicando técnica do mosaico com desenho criado à mão livre	112
Figura 38- Desenho da aluna K. C. 2º EM A	114
Figura 39- Desenho da aluna E.S. 2º EM B	114
Figura 40- Desenho da aluna E. H., 2º EM B	115
Figura 41- Desenho da aluna V. A., 2º EM B	116
Figura 42- Desenho do aluno M. 2º EM B.	117
Figura 43- Desenho da aluna C. M. 2º EM A	118
Figura 44- Desenho da aluna V A., 2º EM B	119
Figura 45- Desenho da aluna M. A, 2º EM A	120
Figura 46- Desenho do aluno L. P., 2º EM A.....	121
Figura 47- Desenho da aluna A.V. 2º EM B	122
Figura 48- Desenho da aluna J. A. 2º EM A	122
Figura 49- Desenho do aluno A. S., 2º EM B	123

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Das minhas relações com arte e ensino de arte. “Como aconteceu comigo?”.	13
1. Arte e Artesanato. Artista e Artesão. Quem os separou?.....	21
1.1 O lugar da pesquisa	24
1.2 Conhecendo mais de perto	27
1.3 Proposições de um professor curador	33
1.4 A professora mediadora: o antes, durante e depois.....	36
2. Impressões.....	39
2.1 ...mais questões: ampliando olhares sobre o conceito de arte.....	58
2.2 Artista ou artesão: quem os separou?.....	75
3. Entre a escola e o museu: lugares de aprendizagem em arte	82
3.1 - A visita ao ateliê do artesão Marquinho	83
3.2 Da visita à Pinacoteca de São Paulo	86
3.3 Retomando a aula pós experiência no museu de arte.....	97
3.4 Efeitos da visita.....	102
4. As produções	104
4.1 Proposta de atividade	106
4.2 Apreciação dos trabalhos.....	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS.....	130
ANEXOS.....	134

Das minhas relações com arte e ensino de arte. “Como aconteceu comigo?”

*O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros
me põe numa posição em face do mundo
que não é a de quem nada tem a ver com ele.
Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta,
mas a de quem nele se insere.
É a posição de quem luta para não ser apenas objeto,
mas sujeito também de História. (FREIRE, 1996)²*

“Como aconteceu com você?”

Esse questionamento foi feito a mim pela professora dra. Rejane Galvão Coutinho no dia da minha qualificação para o mestrado. A qualificação é um momento no qual nos encontramos na pesquisa. Bem, para mim foi isso. Ao ouvir as professoras que fizeram parte da minha banca de qualificação, percebi onde realmente estava. Elas enxergam coisas que não percebemos quando escrevemos e isso é muito enriquecedor.

Resolvi começar esta introdução retomando o questionamento da professora, o que me leva a escrever o lugar de onde, segundo minha leitura, a pergunta interessa como norteadora para pensar minha formação e minhas relações com a arte e seu ensino.

Em uma das partes do meu relatório de qualificação, mencionei que, em muitas realidades brasileiras, a escola é o único lugar onde o estudante tem contato com o conhecimento em Arte. Em muitos lugares do Brasil, há pessoas que nunca foram ao cinema, ao teatro, à exposição de arte, a um museu. Foi a partir desse apontamento que ela me fez esse questionamento: “Como aconteceu com você?”

² FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996

Sempre morei no interior do estado de São Paulo, mais especificamente no Vale do Paraíba, na cidade de Cruzeiro. Cresci ouvindo moda de viola, bolero, marchinhas de carnaval, samba enredo. Minha mãe, antes de dar aulas, foi costureira das escolas de samba da cidade de Cruzeiro, então, experimentava aquelas fantasias e sonhava com esse universo. Saíamos pouco. Além desses contatos, lembro de irmos ao circo, ao bosque municipal, ao cinema e, criança ainda, ao parque de diversões, o antigo Play Center, este localizado na cidade de São Paulo.

Na escola, meu contato com a linguagem artística era nas aulas de Educação Artística, da qual gostava muito, porque eu sempre adorei desenhar. Apaixonei-me pelo Leonardo da Vinci quando estudei o Renascimento no Ensino Fundamental na aula de História. Os trabalhos desse artista foram os primeiros com os quais tive contato. Estudar e compreender a Arte como área de conhecimento foram movimentos que ocorreram somente quando passei a estudar na faculdade. Nunca havia ouvido falar em Picasso, Van Gogh, Tarsila do Amaral, Portinari... encontrei um novo mundo ao ingressar na faculdade de Artes Plásticas, tive encontros com outras produções e artistas. Mundo que me abriu várias portas, que me abriu a mente, que me fez mais politizada, encantada com a vida e com as formas de expressão.

Hoje, os alunos têm mais contato com diferentes artistas. Desde a pré-escola, a Tarsila do Amaral está presente. Vincent Van Gogh e Picasso também são bem cotados na Educação Infantil. Mas sabemos que isso não basta. O trabalho com o Ensino de Arte nessa fase escolar merece ser repensado e merece um professor com formação específica para que seja realmente desenvolvido um trabalho permeado nas questões das artes, entrelaçado com as propostas do desenvolvimento infantil

Sempre quis ser professora. Pensava em alfabetizar. Minha mãe foi professora alfabetizadora e eu ficava admirada com o carinho que ela recebia de seus alunos e o capricho com que ela propunha as atividades, sempre estava realizando cursos de aperfeiçoamento e se preocupando com a aprendizagem deles, achava aquele mundo interessante, curioso e cheio de conhecimento! Queria aquilo para mim.

Decidi fazer o Magistério, que em 1992 era considerado um curso técnico de formação de professores. Hoje não consigo conceber um curso de

licenciatura, que forme professores como “técnico”, mas naquela época a tendência pedagógica tradicional ainda era muito presente nas escolas. O construtivismo como abordagem pedagógica ainda caminhava no Brasil, bem devagar.

Por incentivo de minhas colegas do Magistério é que fui fazer Artes, afinal, eu sabia desenhar, tinha bastante habilidade com artesanato. E foi lá, na faculdade de Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas que fui conhecer um outro mundo... cheio das artes que não conhecia. E me apaixonei! Como pude ficar tanto tempo sem saber de tudo que estava aprendendo ali? Por que eu não conheci Pablo Picasso, Van Gogh, Tarsila, Portinari? Por que ninguém nunca me falou sobre cerâmica, fotografia, arquitetura, cinema, escultura, teatro, dança, música, performance, instalação...? Analisar materiais? Arte tem história! Percebi a relação da arte e da educação e a necessidade de um ensino de arte de qualidade nas escolas.

No magistério, aprendemos sobre Educação Artística, mas nosso portfólio era sobre datas comemorativas e técnicas de desenvolvimento motor. Arte-educação? Ana Mae Barbosa? Abordagem triangular? Quanta coisa por aprender e me apaixonar. Foram quatro anos de intenso aprendizado, de amor que crescia a cada semestre.

Outro personagem que surge durante a minha trajetória foi Paulo Freire. Já me entendia como professora que transforma vidas, mas quando minha irmã falou dele, e com tanta paixão, fui pesquisar mais, e o que aconteceu? Apaixonei-me por Paulo Freire também. Então, percebi que o estudo mais aprofundado no pensamento freiriano possibilita um professor mais politizado, crítico, ousado, que investiga, pesquisa, pensa no aluno como sujeito e na escola como espaço de aprendizagem significativa, de diálogo, de despertar para o conhecimento do mundo, de si e do outro.

Assim, as ações de professora que surgem em mim, surgem porque quero arte para a educação. Porque desejo oferecer aos meus alunos possibilidades de aprender Artes, com artes. Porque quero que a arte esteja presente nas escolas e enquanto eu estiver numa escola, seja ela qual for, estarei representando este contato com o conhecimento em Artes. E agora, como professora pesquisadora, pesquisarei a arte e seus efeitos na educação.

Como já me disseram uma vez: “Você é idealista!”. Não sei o conceito de idealista³, mas espero, busco e acredito sempre no melhor que possa fazer por mim e pelo outro.

Sempre começo em uma nova escola ou uma turma nova investigando. Procuo me inserir no contexto da realidade dos alunos e da comunidade, busco reconhecer as leituras de mundo dos alunos para, a partir delas, montar meu planejamento.

Assim, a pesquisa que aqui apresento se iniciou partindo do que eu percebia nos alunos e suas atitudes frente às aulas de arte. Em breve sondagem, realizada por meio de roda de conversa, percebi que essa dinâmica não fazia parte da rotina das aulas de arte, que eles não conversavam muito sobre arte, realizavam poucas leituras de imagens, debatiam pouco sobre os temas acerca das manifestações artísticas locais. Tinha uma pergunta e um grande desafio para a pesquisa: como compreender as leituras possíveis dos alunos, sobre imagens de artes? Como entendiam as artes? E as produções artísticas locais, qual o lugar dessas produções na visão dos alunos?

A pesquisadora Ana Mae Barbosa (2014) nos diz que a escola é o espaço público capaz de tornar a arte acessível à maioria dos jovens brasileiros e pensando como Maria Helena Wagner Rossi (2006, p. 11) que “é certo que o educador deve levar o aluno a romper limites, para buscar o acesso ao patrimônio cultural da humanidade”, logo percebi meu papel naquele lugar. Não poderia deixar de incluir a arte na vida destes alunos de maneira que ela rompesse com o olhar massificado que pude identificar nas primeiras conversas e leituras realizadas em sala de aula.

Analice D. Pillar (2002, p. 73) diz que o “significado está relacionado ao sentido que se dá à situação, ou seja, às relações que estabelecemos entre as nossas experiências e o que estamos vendo”. Contudo, esse olhar significativo deve ser provocado pelo professor, de diferentes modos, reconhecendo que os alunos trazem consigo saberes previamente construídos e que precisam pensar sobre e a partir deles.

³ Idealismo – propensão a orientar-se por ideias in: AULTE, Caldas. Dicionário da Língua Portuguesa; edição de bolso; 2ª edição. – Tio De janeiro: Lexikon Editora Digital, 2008

Em seu livro “Imagens que falam, leitura da arte na escola”, Rossi (2006, p. 11) destaca que “o olhar estético tem natureza e função diferentes do olhar banal, cotidiano. E é apenas através da educação formal que a maioria dos brasileiros poderá ter a oportunidade de desenvolver tal olhar.” No entanto, entendo que em muitas realidades brasileiras, a escola é o único lugar onde o estudante tem contato com o conhecimento em arte, assim como acontece com a realidade desta escola de Silveiras, em que por exemplo, há alunos que nunca foram ao cinema (a cidade não possui lugar de exibição de filmes) e além disso, muitos deles não têm condições de ir até a cidade mais próxima para usufruir desta arte.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. Na primeira parte apresento a pesquisa teórica a partir dos seguintes questionamentos: O que é arte? O que é artesanato? Quem é o artista e quem é o artesão? Quem ou em qual momento houve essa separação? Apresento também o lugar em que acontece a pesquisa e relato a entrevista realizada com dois artesãos da cidade de Silveiras.

No segundo capítulo, discuto o planejamento e a realização das aulas ministradas no ambiente de sala de aula em que exploro as questões da pesquisa teórica, mencionadas acima. Nesse capítulo, apresento os/as artistas com as/os quais escolhi trabalhar a leitura de imagens a com as/os estudantes, assim como abordo as conversas e os registros dos alunos sobre estas conversas. Para analisar esses registros, classifico-os em categorias que facilitam a análise, entre os quais: técnica e trabalho manual; trabalho e fonte de renda; cultura ou meio de cultura; objeto decorativo ou utilitários; Arte; Lugar de produção.

No terceiro capítulo, apresento as visitas realizadas durante a pesquisa. A primeira ao ateliê “Recanto dos pássaros”, situada na cidade de Silveiras, que pertence ao artesão Marquinhos. Também apresento a visita que realizamos à Pinacoteca do Estado de São Paulo, na capital paulista. Nesse mesmo capítulo, trago os registros dos alunos, nos quais analiso as percepções e leituras dos alunos nestes dois lugares.

Decidi fundamentar minhas práticas pedagógicas e minha pesquisa na Abordagem Triangular, o que me levou a propor, nesta pesquisa, que os alunos pudessem realizar uma produção plástica, material fundamental para debates e

conversas com os alunos sobre o que eles produziram; fechando, assim, um ciclo que na verdade abre portas para outras conversas e propostas, mas que para esta pesquisa cumpre seu papel. Esta proposta foi descrita no quarto capítulo.

Depois das sondagens necessárias e com base em leituras pontuais para também ajudar a entender o dinamismo da leitura de mundo dos alunos, dei início ao meu planejamento, o qual será apresentado no primeiro capítulo. Nele apresento a pesquisa feita sobre arte e artesanato, artesão e artista, pois são questionamentos pertinentes ao contexto e levados aos alunos. Conto sobre dois artesãos da cidade que me ajudam a entender melhor a história da comunidade silveirense.

Como metodologia para a pesquisa aqui apresentada, escolhi trabalhar com a pesquisa-ação, a qual consiste em

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 2009, p. 16)

Na pesquisa-ação, pesquisador e participantes atuam ativamente, construindo conhecimentos, experiências e contribuindo para discussões acerca da problemática abordada. Ainda segundo Thiollent, dentro da área da Educação, com a orientação metodológica da pesquisa-ação,

os pesquisadores em educação estariam em condições de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico. Tal orientação contribuiria para o esclarecimento das microssituações escolares e para a definição de objetivos de ação pedagógica e de transformações mais abrangentes. (2009, p. 81)

Aproveito para reforçar a importância da pesquisa na área da educação feita por professores que têm o pé no chão da sala de aula. Considero o PROFARTES, Programa de Formação de Professores em Mestrado Profissional pela Capes em parceria com várias universidades, do qual faço parte, uma oportunidade ímpar de contribuição para produção desse conhecimento efetivo. Viabilizar momentos de discussão entre o conhecimento acadêmico e a prática real de sala de aula, faz surgir a verdadeira práxis.

Durante a pesquisa, trabalhei com registros de estudantes. Nestes pude verificar as leituras que os alunos realizavam sobre obras de arte expostas em museus, reproduções com as quais trabalhamos em sala de aula e trabalhos produzidos por artistas locais. Não exigia a produção de um gênero textual, nem uma estrutura gramatical perfeita. A minha questão principal naquele momento era procurar entender o que eles entendiam sobre... como percebiam qual significado...., então deixava-os à vontade com a escrita deles. Após os registros, sempre vinham as discussões. Conversas sobre arte.

Esses registros e conversas, apresento no capítulo dois. Transcrevo o registro de todas as respostas dos alunos para essa dissertação e as analiso à luz de autores que me ajudaram durante a pesquisa, como: ARANTES (1990); CANCLINI (2015); SANTOS (2006); SÁ e SIQUEIRA (2014); GREFFE (2013); FREIRE (1986, 1987, 1996); entre outros. Esse momento foi muito enriquecedor, pois me fez voltar os olhos para o que Ana Mae Barbosa, Paulo Freire nos orientam com sabedoria sobre a leitura de mundo dos alunos, leitura esta que não pode passar despercebida e é ela que nos ajuda a pensar numa escola viva, significativa e de aprendizagens reais. Ainda, neste capítulo, apresento o planejamento das aulas, quais imagens foram escolhidas para o trabalho com leitura de imagem.

Na procura por entender o deslocamento do olhar local para o global e os atravessamentos do global para o local, foram planejadas e realizadas duas visitas: uma ao ateliê do artesão Marquinho da cidade de Silveiras, e outra à Pinacoteca de São Paulo. Para o planejamento destas visitas, eu, como proponente da ação, realizei visitas aos espaços, anteriormente. Como professora pesquisadora entrevistei o artesão e conheci seu local de trabalho e visitei a Pina_Luz e a Pina_Estação, ambas em São Paulo, para conhecer a exposição e planejar o percurso da visita e a mediação, que eu mesma fazia, já que não consegui agendar com o educativo da Pinacoteca.

Após as visitas, aconteceram mais conversas. E, daí, podemos perceber como faz falta a realização de atividades como a visita em exposições fora da cidade. É lamentável que escolas estaduais não possam dispor de transporte para realizar excursões periodicamente com os alunos, os quais muitas vezes não saem sequer da cidade onde moram. Levar os alunos para conhecer a Pinacoteca Paulista foi sem dúvida uma experiência significativa e

transformadora da qual todos puderam participar. Os relatos e exclamações dos alunos também foram analisados, os diálogos nos levaram para diferentes caminhos... até para a história do ensino de arte no Brasil, conforme apresentamos no capítulo três.

Baseio meu trabalho na proposta triangular que foi sistematizada por Ana Mae Barbosa. Essa perspectiva permeia todas as aulas que foram planejadas, conforme discutimos no capítulo quatro, último dessa dissertação em que busco apresentar a proposta de realização de leitura sobre as manifestações, artísticas e culturais, e as conversas realizadas durante as aulas sobre nossas visitas e sobre os artistas apresentados em sala.

Durante a feitura dos trabalhos plásticos dos alunos, realizados em sala de aula, estava presente, conversando o tempo todo com os alunos e procurando entender o pensamento deles diante da produção que realizavam, percebi a dificuldade não só na feitura, mas na criação. Foram muitas histórias. Algumas serão brevemente contadas também no quarto capítulo.

Ao terminar a pesquisa percebo que ela trouxe para mim um olhar mais ampliado sobre o meu papel de professora: a professora curadora e a importância do meu olhar mais alargado para as escolhas das obras e o lugar de fala de cada artista; me fez refletir também mais sobre meu papel de mediadora e propositora. Enfim, acredito que foi uma pesquisa que ampliou não só o olhar dos alunos, mas também o meu como arte-educadora.

1

Arte e Artesanato. Artista e Artesão.

Quem os separou?

Que a arte na realidade não se aprende. Existe, é certo, dentro da arte, um elemento, o material, que é necessário pôr em ação, mover, para que a obra de arte se faça. O som em suas múltiplas maneiras de se manifestar, a cor, a pedra, o lápis, o papel, a tela, a espátula, são materiais de arte que o ensinamento facilita muito pôr em ação. Mas nos processos de movimentar o material, a arte se confunde quase que inteiramente com o artesanato. Afirmemos, sem discutir por enquanto, que todo artista tem que ser ao mesmo tempo artesão. Isso me parece incontestável e, na realidade, se perscrutarmos a existência de qualquer grande pintor, escultor, desenhista ou músico, encontramos sempre, por detrás do artista, o artesão.

(MÁRIO DE ANDRADE, 1938)⁴

O questionamento do título deste capítulo permeia toda esta pesquisa, mas ela não é uma pesquisa sobre arte e artesanato; artista ou artesão, somente. É uma pesquisa que investiga o olhar de um grupo, composto por 60 alunos da 2ª série do Ensino Médio de uma das cidades do Vale do Paraíba, no Estado de São Paulo, chamada Silveiras, cuja maior manifestação artística, cultural e econômica está ligada ao artesanato.

O artesanato faz parte da cultura local desta cidade de maneira efetiva e afetiva. Então, antes de levar as indagações que moveram nossa pesquisa para a sala de aula, foi necessário entender mais sobre estes conceitos, um pouco de sua história e sobre o pensamento local.

As leituras da literatura especializada nos afirmam que na Pré-história o homem já fazia arte. E aproveito para mais uma questão: Ele sabia que fazia arte? Entendia o que era arte? Há várias hipóteses, entre elas aquela que nos

⁴ ANDRADE, Mario. O artista e o artesão. In: o baile das quatro artes. Martins, 1938 ANDRADE, Mario "O artista e o artesão". 1938. Disponível em: <http://www.eba.ufmg.br/alunos/kurtnavigator/arteartesanato/filos-03-artesao.html>

oferece o professor pesquisador Xavier Greffe, um dos mais destacados nomes franceses nos estudos contemporâneos de economia cultural. Suas pesquisas lidam com a economia do patrimônio cultural e com o vínculo entre cultura e desenvolvimento, ele nos conta que uma das hipóteses é simples “sugere que a arte apareceu de repente porque os homens dessa época estariam interessados nela e teriam, desse modo, expressado necessidades estéticas ignoradas até então.” (GREFFE, 2013, p. 28).

Sim, são hipóteses. Mas poderíamos questionar aqui também sobre a produção de ferramentas e utensílios que o homem, denominado pré-histórico, criou com as mãos. Também essa produção era considerada arte? Será que não somos artesãos desde a pré-história?

Construímos com as mãos os objetos para nossa sobrevivência. Ernest Fischer (1971) em seu livro “A necessidade da arte” destaca que:

O ser pré-histórico que se desenvolveu e se tornou humano só foi capaz de tal desenvolvimento porque possuía um órgão especial, a mão, com a qual poderia apanhar e segurar objetos. A mão é um órgão essencial da cultura, o indicador da humanização. (p,22)

O homem pré-histórico não se preocupou em separar nada. Nem sequer sabia se era artista ou artesão. Se o que fazia era arte ou artesanato.

Uma separação mais nítida que podemos perceber foi na Idade Média, período histórico em que se localiza o uso das categorias artes liberais e artes mecânicas.

Na primeira categoria, podem ser identificados o *trivium* (gramática, retórica, lógica) e o *quadrivium* (aritmética, geometria, astronomia, música). Na segunda categoria, estão as denominadas artes servis (tecelagem, manufatura de armas, comércio, navegação, caça, etc.) (GREFFE, 2013. p.37) (grifo do autor)

Percebemos o início de uma separação com data marcada. Ao definir o que pertence a qual categoria, inegavelmente se percebe uma divisão de classes e quem vai dominar quem; porém antes mesmo desta primeira classificação da era medieval, na Antiguidade Clássica o pensamento grego distinguia as atividades liberais das chamadas vulgares ou servis que eram

baseadas no uso da energia física. Ou seja, o fazer estava ligado à condição subalterna do homem, pois naquela época já existiam pessoas escravizadas e eram elas que usavam as mãos, a força. Infelizmente, era essa a ligação ou a separação entre o fazer e o pensar. Hoje, sabemos que teoria e prática devem estar sempre em comunhão, pois sozinhas elas se esvaziam.

Assim acontece com o título que a pessoa recebe: artesão é aquele que faz e artista aquele que pensa, como que fosse fácil esculpir sem planejar e sem tomar decisões, sem conhecer as características dos materiais e criar sem “colocar a mão na massa”.

Com a Renascença, as mudanças surgidas no período medieval vão começar a firmar-se, mesmo que os que são chamados de artistas ainda sejam tratados essencialmente, como artesãos. Com ela, também se vê que surgem as primeiras classificações que prefiguram as noções modernas da arte. (GREFEE, 2013, p.41)

Ana Amélia Bulhões, crítica de arte e Professora Titular do Departamento de Artes Visuais da UFRGS, também relata esta separação entre trabalho manual e intelectual que se deu num processo histórico-cultural com evidente supremacia do trabalho intelectual.

A figura do “artista” sobrepôs-se gradativamente à figura do artesão, dentro da mencionada supremacia do trabalho intelectual sobre o manual. Os pintores medievais, artesãos anônimos que podiam tanto pintar afresco como decorar arcos, foram sendo suplantados pelo “artista”, pintor de renome com um status que o colocava dentro das Cortes em posições privilegiadas. (BULHÕES, 1991, p.29) (grifos da autora)

Na citação podemos perceber que a autora não só afirma a separação em relação ao trabalho manual do intelectual, mas também verifica a presença do “status” do artista que deixa de ser artesão quando também é levado para a corte, trabalhando para os monarcas, imperadores e reis.

Greefe (2013) enfatiza: “Cada vez mais a noção do artista vai se opor à de artesão. Pressupõe-se que o artista descubra o que existe, e não copie ou recopie. Ele deve testemunhar sobre o espírito ou *genius*, antes que o *ingenius*.” (p.58- grifo do autor) e diz ainda que a formação se torna o principal ponto de confrontação entre artista e artesão.

Ainda sobre esta questão, o antropólogo argentino Néstor García Canclini, nos diz que ao

conceber-se a arte como movimento simbólico desinteressado, um conjunto de bens “espirituais” nos quais a forma predomina sobre a função e o belo sobre o útil, o artesanato aparece como o outro, o reino dos objetos que nunca poderiam dissociar-se de seu sentimento prático. (2015, p. 242)

Seguindo o pensamento dos autores em destaque até aqui, percebemos que a separação entre arte e artesanato, artista e artesão, está posta desde a Antiguidade e vem até os dias atuais enraizada no conceito de profissionais que trabalham ou não com os diferentes modos de produção artística. São conceitos atrelados a um pensamento dominante, colonizador, opressor e preconceituoso. Presente também na educação escolar, que, no decorrer desta dissertação, será apresentado e analisado mediante registro escrito dos alunos durante as proposições das atividades que foram desenvolvidas a partir da pesquisa proposta.

1.1 O lugar da pesquisa

O professor do ensino público básico transita muito de uma escola para outra, sobretudo atualmente com tantas mudanças e fechamentos de salas de aula e até mesmo de escolas. Foi por isso que acabei entrando na escola em que aconteceu a pesquisa. A que eu trabalhava anteriormente fechou, e, por isso, fui ex-ofício para a Escola Estadual “Prof. Hildebrando Martins Soderó”. Não a conhecia, nunca havia estado lá, mas sempre ouvia boas recomendações.

A Escola Estadual “Profº Hildebrando Martins Soderó”, fundada em 1958, oferece matrículas para estudantes de Fundamental II e Ensino Médio, contando com transporte escolar em toda área do entorno do centro e bairros rurais do município. A escola possui 10 salas de aulas onde se trabalha com 20 turmas, distribuídas nos períodos da manhã e tarde, possui laboratório de informática e de ciências, sala de leitura, quadra poliesportiva coberta, rampas para garantir a acessibilidade dos alunos, professores e comunidade, além de

um anfiteatro. Atrás da escola há uma mata de onde é comum aparecerem animais silvestres, como macaquinhos, gambás e aves variadas.

Na referida escola, trabalha-se a partir do conteúdo curricular do Estado de São Paulo que traz em sua matriz, para o Ensino de Artes, até então em pauta para o 2ª série do Ensino Médio, os seguintes conteúdos: O encontro entre arte e público; Poéticas pessoais e processos colaborativos em arte; entre outros que contemplam a mediação cultural, desdobramentos das linguagens da arte; festivais e espaços alternativos (nas quatro linguagens), projetos de poéticas pessoais e colaborativas, privilegiando um conteúdo mais relacionado a arte contemporânea, em que são apresentadas inúmeras imagens de produções artísticas contemporânea, na área de artes visuais, dança, música e teatro.

É importante destacar aqui o contexto histórico da cidade. Nos documentos oficiais o nome Silveiras aparece a partir de 1830, com a elevação da cidade à Freguesia, pois até então, era somente um rancho. “Tal nomenclatura, como mencionado, advém do sobrenome do desbravador Antônio da Silveira Guimarães, cujo último nome foi abandonado pelos filhos, os quais adotaram apenas Silveira.” (Sá e Siqueira, 2014, p 11). De acordo com estas autoras, havia vários outros ranchos de famílias distintas, mas o rancho dos Silveira Guimarães estava melhor situado, era “um varjão, cercado de montanhas, fácil de se defenderem dos índios Puris” (Sá e Siqueira, 2014, p 11).

No entanto, segundo Sá e Siqueira (2014), o município de Silveiras era considerado mais um “pouso para tropeiros” uma cidade de passagem, por lá passaram vários tropeiros que participaram da saga do desbravamento do Brasil Colônia. Assim, era uma localidade onde se prestava vários serviços. Eram centenas de artífices trabalhando, entre eles, seleiros, ferreiros, cesteiros, cangueiros⁵, cangalheiros⁶, trançadores de couro, domadores, curtidores de couro, catadores de ferraduras entre tantos outros serviços

⁵ Cangueiros – canga – peça de madeira que junta dois bois pelo pescoço e se liga a carro ou arado por ele puxado.

⁶ Cangalheiros – cangalha – 1. triângulo de madeira que se põe no pescoço de dois porcos para impedi-los de fuçar vegetais plantados; 2. **Cangalhas**. Peça de ferro ou de madeira que serve para sustentar equilibradamente carga em lombo de burro.

oferecidos. Esta atividade passou pelo ciclo do ouro, perdurou até o ciclo da cana de açúcar e no período do café.

Silveiras chegou a se tornar o mais importante Município do Vale, mas sofreu muito com a Revolução Liberal que terminou no episódio das trincheiras quando 56 chefes de família silveirenses foram assassinadas pelas tropas do Barão de Caxias, em 1842. Por um longo período a cidade sofreu bastante e entrou em grande declínio e dificuldades, principalmente pelo fato de que nem a estrada de ferro, nem a Via Dutra (uma importante rodovia, que liga São Paulo ao Rio de Janeiro) passam pela cidade.

Ao final de 1978, alguns grupos de silveirenses se organizaram e movidos pela força do amor à terra, criaram um movimento em torno das raízes histórico-culturais do município, resultando daí, a valorização do tropeirismo, da força secular do artesanato, da gastronomia, das festas religiosas e dos recursos naturais, notadamente a Serra da Bocaina, como potencial ecológico. (SÁ e SIQUEIRA, 2014, p. 19)

Após esse movimento, Silveiras tornou-se uma cidade turística, bastante conhecida tanto pelos aspectos naturais quanto culturais, principalmente pela produção local de artesanato, uma produção que possui características próprias contando com vários ateliês no município.

O silveirense é muito festeiro e bom anfitrião. Anualmente acontecem as festas do Tropeiro, do Rodeio, festas do Divino, Santa Cruz, da Padroeira, de São Benedito, do Barro; entre outras festas em várias capelas; festa da Broa, do Milho, da Iça, do Pinhão; festa junina nos bairros, Semana da Arte onde reúnem os grupos de música e cantores da cidade para apresentações musicais e exposição de produtos artesanais. Além do carnaval que é um momento de grande folia, quando a cidade recebe muitas pessoas para esta comemoração aumentando o fluxo de visitantes na cidade, o que, de certa forma, movimenta a economia local.

Nesta breve descrição da cidade, que podemos perceber algumas de suas características, ainda falta entender, como estas pessoas pensam sobre a sua produção, que leituras produzem de si e de seu trabalho? A seguir, apresento elementos que nos ajudaram a compreender essas visões, elementos que conseguimos a partir de duas entrevistas realizadas com um artesão e uma artesã, da cidade de Silveiras. O primeiro tem formação superior

em Administração e a segunda possui formação em Artes Visuais. Sobre as questões abordadas, há momentos de concordâncias e discordâncias sobre as mesmas situações. Nosso interesse foi perceber o que cada um pensa sobre o artesanato e sobre a arte, sobre seu fazer e seu trabalho.

1.2 Conhecendo mais de perto

Primeiro conversei com o artesão conhecido como Marquinhos que trabalha em um ateliê na entrada da cidade de Silveiras. Durante nosso encontro, ele me mostrou seu ateliê e fez um de seus trabalhos ali na minha frente, para que eu pudesse filmá-lo praticando seu ofício.

Durante aquele encontro, ele contou que é formado em administração, mas fez a faculdade sem objetivo de ser um grande administrador, pois já trabalhava com o artesanato antes de iniciar o curso universitário. Com 15 anos seu pai pediu que um amigo, já artesão “mestre”, o ensinasse a esculpir os pássaros que se revelam como produções recorrentes e, portanto, reconhecidas como artesanatos próprios da cidade.

Segundo Marquinhos, a partir desse momento de contato com o artesanato, ele “tomou gosto” por aquele tipo de trabalho e produção. Seu ateliê, começou em um cantinho na casa dos pais e através de seu trabalho comprou um terreno onde construiu sua casa, seu ateliê e um espaço para venda (loja), tudo nesse mesmo lugar. Ao administrar as vendas, Marquinhos é o artesão que produz, o comerciante e, também, é o administrador do seu negócio. Com tantas demandas, ele apenas esculpe, quem pinta é sua esposa, ofício que ela aprendeu com ele. No momento da entrevista, ele ainda contava com mais ajudantes em seu ateliê, para produzir mais peças; lixá-las, colá-las e envernizá-las.



Figura 1- Ateliê do Marquinhos - “Canto dos Pássaros”
Fonte: acervo da autora



Figura 2- Araras penduradas para secagem após pintura e verniz, 2019. Fonte: acervo da autora

Na concepção do artesão Marquinhos a qualidade do trabalho com os pássaros caiu muito na cidade. Como esse trabalho é para muitas famílias a única renda, a concorrência aumentou, fazendo com que as pessoas produzissem mais peças, em suas palavras, com “menos qualidade”. Ele nos relata que quando iniciou o trabalho,

(...) a produção era pouca porque como eu falei era tudo manual (...) hoje em dia com o (...) pessoal foi assim (...) é modernizando a produção nesse sentido. Daí vai usando a serra de fita, boa parte da escultura a gente faz na serra depois só vem com o acabamento (...), mas como isso aí agilizou o processo de produção aí essas começaram assim: eu tô produzindo, mais então eu posso vender mais barato. Daí a medida que vai aumentando a produção, vai diminuindo o preço. (...) Mas chega uma hora que com o preço que tá ele não consegue se manter. Isso que vai desvalorizando, desqualificando mais. (ARTESÃO, Marquinho. Entrevista cedida a Ana Paula Boaventura Mota da Lima, janeiro de 2019)⁷

⁷ Entrevista em Anexo, p. 139

Na mesma entrevista, Marquinhos disse acreditar que nesse processo o artesanato da cidade foi sendo desvalorizado, pois houve um aumento da quantidade de produção; porém o mesmo não ocorreu em relação à qualidade, e acrescenta: “acabou que não tem a arte no artesanato, não existe a arte no artesanato, é um trabalho, acabou que virou um trabalho. Porque a parte artística, o valor da arte não existe”

Afirma ainda que não há valor agregado ao trabalho que fazem na cidade, pois a preocupação em vender mais peças faz com que a produção tenha somente um caráter produtivo, mas não em relação ao processo, a criação.

Nesse sentido, pondera que quando um artista vende um quadro, as pessoas não olham somente a pintura, mas buscam perceber todo o seu processo, dando a entender que não fazem o mesmo com as esculturas de pássaros produzidas na cidade, essa falta de desvelo acontece principalmente pelo próprio artesão que produz a peça e na hora de colocar preço, não pensa no valor agregado que a peça possui.

A fala do artesão evidencia o que geralmente acontece com comunidades que, como a de Silveiras, vivem da venda de sua produção. Por ter o artesanato como fonte de renda, mas sem instrução nenhuma de como fazer a gestão daquele trabalho, acabam por aceitar as condições impostas pelo mercado de venda das peças dentro do sistema massacrante do capitalismo.

Em outro momento da pesquisa estive no ateliê “Entre no Paraíso”, o primeiro ateliê aberto na cidade, localizado ao lado do “portal de Silveiras”, onde me encontrei com Denise de Oliveira Penna. Ela e o marido são donos do ateliê, mas atualmente é ela quem administra o lugar e concedeu-me uma entrevista, na qual conversamos sobre a sua chegada e a do marido João Camillo na cidade, como foi, porque decidiram morar lá, como iniciaram o trabalho com artesanato em madeira, esculpindo os pássaros, até a produção do casal na atualidade.



Figura 3- Portal da cidade de Silveiras, 2019. Fonte: acervo da autora

Durante a entrevista, ela me contou que se mudaram da capital paulista para a cidade de Silveiras, aconselhados pelo pai de João Camillo, que já havia trabalhado na cidade, no plantio de eucalipto. Assim, o “Entre no Paraíso - Atelier” iniciou suas atividades em 1976, porém, no início das atividades artesanais, produziam macramê⁸ e só se dedicavam ao artesanato.

Denise Penna afirma que ela e o seu companheiro têm formação em Artes Visuais pela Panamericana, Escola de Arte e Design em São Paulo. Diferente de muitos artesãos da cidade, Denise e João Camilo vêm de uma formação acadêmica em artes. Nas palavras dela, o marido, João Camillo, parou de esculpir os pássaros e agora se dedica à pintura em aquarela, com as quais faz algumas exposições. Segundo ela, no começo influenciado pelo artesanato caiçara que viu no litoral, João Camilo decidiu fazer os pássaros também, porém, queria um trabalho diferente daquele do litoral, que era mais estilizado, então, ele pesquisou sobre os pássaros em livros, conheceu e estudou os animais com ornitólogos taxidermistas⁹ que emprestaram pássaros para que pudesse pesquisar sobre a anatomia das aves. Como o artesão não sabia esculpir, pois seu interesse sempre foi a pintura, pediu ajuda para os amigos silveirenses que já trabalhavam com a escultura em madeira, de pilões principalmente; desse modo, um foi ajudando e aprendendo com o outro.

⁸ Macramê - 1 Variedade de passamanaria feita de linha grossa ou barbante entrelaçado, à base de nós, formando desenhos decorativos. 2 Tipo de linha ou de fio próprio para bordados, filés e crochês

⁹ Ornitólogo taxidermista – ornitologia – Parte da zoologia que estuda a morfologia, a fisiologia, a anatomia e os hábitos das aves; taxidermia - Técnica antiga de empalhar animal morto para conservá-lo com aparência de vivo e conservar-lhe as características.



Figura 4- Entre no Paraíso - Atelier, 2019
Fonte: acervo da autora

Com a prática coletiva de aprender e ensinar a esculpir em madeira e sendo o ateliê “Entre no Paraíso” um dos primeiros da cidade, é possível ponderar que o casal proprietário foi, aos poucos, diferenciando o modo de produção dos pássaros, principal produção. No ateliê há maquinários mais modernos, com mais funcionários, e a casa sede do estabelecimento é uma réplica da antiga sede de fazenda produtora de café da região, o que dá um requinte a mais aos seus serviços, já que disponibiliza atendimento diferenciado oferecendo, para quem o procura, serviço de café expresso, feito com cafés nobres, colhidos em fazendas localizadas na Serra da Mantiqueira.

Depois que o trabalho se expandiu e ganhou concorrência, a equipe de produtores e produtoras do “Entre no Paraíso - Atelier” também passou a produzir brinquedos educativos, comercializando-os em sua loja de Silveiras e de outros lugares, com esse diferencial, buscavam chamar atenção de turistas.



Figura 5- Exposição de brinquedos para venda no “Entre no paraíso - Fonte: Acervo da autora



Figura 6- Exposição de brinquedos para venda no “Entre no paraíso ateliê”. Fonte: acervo da autora

Atualmente, Denise Penna se reconhece como uma empreendedora. Também considera que a qualidade na produção dos pássaros de Silveiras caiu muito, pois quem desenvolve o trabalho com pássaros preza mais pela quantidade do que a qualidade; assim, ela está vendo que o produto foi massificado e que também percebe que a população de Silveiras não valoriza muito o que é produzido pelos artesãos locais.

Ao ser questionada sobre a produção local, Denise nos conta:

(...) O município vende para o Brasil todo, não é? O que eu acho que falta aqui é um pouco de valorização do trabalho. Acho que as pessoas precisam optar mais em menos quantidade e mais qualidade. Eu acho que isso realmente caiu muito. A gente aqui... eu diminui muito a minha produção porque como a gente prima pela qualidade a gente acabou ficando com o preço um pouco diferente demais do resto do município. E não deixa de ser uma concorrência, não é? (PENNA, Denise. Entrevista cedida a Ana Paula Boaventura Mota da Lima, janeiro de 2019)¹⁰

Na entrevista, Denise fala ainda que acredita que o artesanato da cidade deveria fazer parte da arte popular. Para a entrevistada, a produção de artesanato da cidade de Silveiras poderia compor muitos dos livros sobre arte popular, em circulação, mas que não está presente devido à desvalorização do trabalho. Segundo ela:

¹⁰ Entrevista em Anexo, p. 132

(...) o trabalho de Silveiras era uma coisa que teria que sair, [em publicações regionais e nacionais] mais não sai,. O pessoal não consegue valorizar o trabalho, ele tá muito massificado, tá muito banalizado, entendeu? Então, não é considerado como arte popular. PENNA, Denise. Entrevista cedida a Ana Paula Boaventura Mota da Lima, janeiro de 2019)¹¹

A fala da artesã nos aponta uma visão muito crítica sobre a desvalorização do trabalho local, uma leitura corroborada pelo pensamento do artesão Marquinhos, o qual também considera que a desvalorização do trabalho de artesanato local sofre de uma massificação na feitura das peças, justamente em busca de mais produção e assim o aumento da renda de suas/seus produtoras/es.

Siqueira (2014) ao realizar pesquisa sobre o artesanato da cidade de Silveiras conclui que “apesar da importância do artesanato para a economia do Município não podemos deixar de assinalar a massificação e banalização desta atividade”, informam-nos ainda que, com a melhora de vida dos primeiros artesãos, “instalou-se na cidade uma verdadeira febre do ouro, ou seja, um capitalismo selvagem cujo único objetivo era o ganho” (SÁ e SIQUEIRA, 2014, p. 101).

E é com essas informações que vou para a sala de aula desenvolver meu trabalho com os alunos. Uma questão, em particular me acompanhava, qual seja, o que eles pensavam sobre arte, artesanato, artista e artesão. E como levar a questão para a aula de artes? Como iniciar essas discussões?

Ao buscar planejar as ações para a pesquisa, outra questão se apresentou: quais imagens podem ser escolhidas para o trabalho junto aos estudantes? Como realizar essa curadoria? Tendo em vista que um dos objetivos da pesquisa era instigar reflexões por parte dos estudantes, acerca da questão principal desta pesquisa, a escolha das imagens levou-me a criar critérios que me ajudassem nesta decisão.

1.3 Proposições de um professor curador

¹¹ Entrevista em Anexo, p.132

Que imagens escolher, a que critérios recorrer para abordar as questões: “O que é Arte?” “O que é Artesanato?” “Quem é o artista e o artesão?” Quais imagens apresentar para instigar a conversa em sala de aula? O que discutir sobre as imagens? Que artistas farão parte das aulas? Como apresentá-los? Que recursos usar na apresentação? Questionamentos, que nos parecem, pertinentes ao professor curador.

Percebo então, a importância da curadoria em sala de aula, onde o professor vai além de simplesmente escolher as imagens ou obras a serem apresentadas aos alunos.

A atividade de curadoria tem origem institucional e de acordo com Marmo e Lamas surgiu no século XIX

da necessidade de se pensar um acervo a partir de suas especificidades. A princípio cabia ao curador estudar, preencher lacunas e pensar formas diferentes de mostrar determinada coleção, o que acabava resultando em exposição de longa duração, montadas depois de um grande período de estudo e pesquisa. (2013, p. 11)

Hoje, curadoria ocupa vários outros lugares, inclusive no contexto escolar. Para Solange Utuari, que é educadora, artista visual e ilustradora, doutoranda em Educação, Arte e História da cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie/ SP, na escola

o professor pode assumir este papel, o de curador educativo e diante dessa ideia fazer seleções e criar ações mediadoras. Para esta tarefa o educador deve pesquisar, organizar e criar curadorias educativas com a preocupação em ativar culturalmente acervos artísticos (2012, p 54)

E como escolher estas imagens? O que levar para sala de aula? O que priorizar no momento da escolha? São questionamentos que me fiz para tentar encontrar as imagens que futuramente levaria para a sala de aula. Escolhas que passariam pela multiculturalismo, pluralidade cultural brasileira, afrodescendentes, indígenas, contemporânea, popular, erudita entre tantas outras e sem mesmo esquecer da presença feminina na arte.

Monica Hoff (2013), Mestre em História, Teoria e Crítica de Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio

Grande do Sul, pontua que essa tarefa leva o professor curador a pensar sobre o que ele quer comunicar; quais construções narrativas ele pretende realizar com seus alunos; quais recortes fará para chamar atenção dos alunos; precisa ter conhecimento de história; e posição política para que sua escolha não caia no simplório (HOFF, 2013)

Diante do meu contato com a Arte, do repertório que posso fui buscar algumas dessas bagagens e percebi que poderia modificar o olhar do meu aluno com uma escolha, com a conversa sobre uma imagem e que para isso precisaria escolher muito bem o que apresentar a eles.

O professor quando desenvolve seu papel de curador tem a oportunidade de repensar o currículo, por isso é preciso ter uma postura política dentro da sala de aula. Ou seja, não se trata de uma tarefa simples.

Quando ouvimos falar em currículo logo pensamos no conjunto de conteúdos a ser trabalhado em sala de aula. José Carlos Libâneo destaca que existem três posições sobre a forma de organização para o aperfeiçoamento curricular¹², e revela que o Brasil optou pelo terceiro modelo, que é

O modelo misto que confere importância ao mesmo tempo às decisões dos órgãos de coordenação central – visando, principalmente, a garantir uma mínima unidade escolar em função de objetivos democráticos da educação nacional - e a flexibilização, à liberdade e ao caráter participativo, em função de iniciativas e interesses locais. (2013, p. 65)

Mesmo depois da implantação da nova Base Nacional Curricular Comum, de 2019, percebemos esse modelo misto já que o documento diz estar pautado na democracia e ação participativa na construção de uma sociedade justa.

Sumaya Mattar, docente na ECA-USP, faz uma observação muito pertinente e atual dentro da realidade das escolas

O que se observa é que os objetivos da docência estão cada vez mais reduzidos à transmissão e ao adestramento e, não raro, as práticas pedagógicas em arte ficam submetidas às delimitações

¹² O primeiro é o modelo centralizado, em que o currículo deve ser planejado, administrado e controlado por órgãos superiores do sistema educacional; o segundo modelo defende a descentralização de organização e aperfeiçoamento curricular, sustentando que o currículo é questão de cada escola e que deve ser construído em âmbito local.

formais definidas pelos órgãos governamentais ou pela direção da escola, não favorecendo a construção de conhecimentos e a vivência de experiências estéticas e artísticas nem por parte dos educandos nem por parte dos professores. (2010, p. 99)

Para mudar essa realidade, e sabendo que há brechas nos documentos oficiais, precisamos de mais aulas autorais, onde o professor possa criar suas aulas, ser ele o autor, o compositor, o diretor, o artista. Sem medo e com ousadia transformar o currículo e a sala de aula tornando-os mais significativos.

Entendemos que se faz necessário nos orientar pelo que de fato é importante para o aluno, entender a sua leitura de mundo, trazê-la para sala de aula e ampliar essa leitura. Nesta perspectiva, a curadoria dá liberdade para o professor se pautar nesta leitura, e depois de conhecê-la, ser autor de sua própria aula.

1.4 A professora mediadora: o antes, o durante e o depois

O planejamento das escolhas que mostrarei no segundo capítulo, partiu da necessidade de um entendimento prévio da leitura de mundo dos alunos. Uma sondagem que teve início com as primeiras apresentações em rodas de conversas, em sala de aula, onde os alunos se sentiram à vontade para falar sobre a escola, a cidade, a família, emprego, festas, arte etc.

Depois daqueles momentos de conversas, que fiz com os artesãos, os quais já foram apresentados anteriormente, havia uma “lista” de quais imagens poderia escolher para trabalhar nas aulas. Possuía também as principais questões que passaram a orientar minha prática, quais sejam, “O que é arte e artesanato? Artista e artesão? Na sequência, passei a realizar as escolhas de trabalhos e artistas que buscava apresentar e trabalhar com a turma de estudantes.

Outra escolha. A Abordagem Triangular, como base fundante da minha metodologia e prática pedagógica. Dentre as ações, presentes na Abordagem Triangular¹³, uma vez escolhidas as imagens de artes e artesanato para

¹³ A abordagem triangular é composta por três ações, não hierarquizadas, de leitura, contextualização e fazer artístico. Para maiores informações Cf: (Abordagem Triangular no

trabalho, iniciei as ações a partir da leitura de imagens. De acordo com a sistematizadora da abordagem Triangular, a pesquisadora e professora de artes, Ana Mae Barbosa, ao utilizar a expressão “leitura” em lugar de apreciação, encontra-se o temor num entendimento de que a apreciação fosse interpretada como mero deslumbramento que vai do arrepio ao suspiro romântico. Nesse sentido, a palavra leitura, segundo a autora, é mais significativa, pois, “sugere uma interpretação para a qual colaboram uma gramática, uma sintaxe, um campo de sentido decodificador e a poética pessoal do decodificador” (BARBOSA, 2014, p. XXXII).

Em sala de aula, minha intensão foi realmente ler as imagens das obras com os alunos e conversar sobre elas. Antes de contextualizar, outra ação presente na abordagem, apresentava a imagem, provocando, através de perguntas com as quais buscava estimular leituras possíveis. Dependendo da imagem, fazia apontamentos, sem que estes induzissem a uma leitura, a ideia era abrir o diálogo, levar os estudantes a trazer suas leituras, um processo que entendo se relacionar a uma prática mediadora.

De acordo com Solange Utari

O professor tem um papel tanto de mediador como de curador. O professor /mediador é aquele que está entre, que conduz uma conversa, que provoca olhares, pensamentos, que promove encontros entre arte e os alunos. O professor curador seleciona, pensa possíveis conceitos a serem explorados com os alunos. A união da ação mediadora e da linha curatorial pode ativar culturalmente uma obra de arte. Para que o professor tenha sucesso nestas duas funções, hoje solicitadas no ensino de arte, pensar seu repertório cultural e didático é fundamental. (2012, p.54-55)

Durante o processo, entendo, estava cumprindo alguns papéis: professora, mediadora, curadora. Abrindo espaços de leitura de imagens, respeitando a formação de vida, cultural e intelectual de cada estudante. De acordo com Rejane G. Coutinho, mestre e doutora em Artes pela USP, temos que ter claro “que objetos ou imagens podem ser lidos com base em diferentes

referenciais teóricos, que podem dar maior ênfase à obra, ao intérprete ou ao contexto, personagem ou ato interpretativo.” (2009, p. 175).

Ciente disso, o professor curador e mediador deve pensar também sobre quais métodos de leitura usar durante a mediação. Qual seu objetivo, quais considerações sobre a obra são mais relevantes para aquele determinado grupo etc.

Outra questão a se pensar é que na escola, os alunos já tiveram outras experiências de mediação. E como elas se deram? Segundo Mirian Martins Celeste professora do Curso de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura e do Curso de Pedagogia da Universidade Presbiteriana Mackenzie onde coordena os Grupos de Pesquisa: Arte na Pedagogia e Mediação Cultural: provocações e mediações estéticas,

A mediação pode provocar a disponibilidade e a empatia, mas também o rebaixamento da sensibilidade e o distanciamento de uma experiência estética e artística. Quando hoje propomos novas mediações, não podemos deixar de considerar as ressonâncias das anteriores, que embaçam ou deixam mais cristalinas o olhar/viver para novos encontros com o conhecimento. (MARTINS, 2002, p. 56)

Nesta perspectiva, a mediação deve ser bem planejada e realizada com todo cuidado, pois a conversa entre público e mediador ou professor e aluno, deve acontecer de maneira a respeitar os olhares e o conhecimento que espectador leva para o diálogo, para que a partir daí possa haver uma troca e que o professor/mediador possa ampliar a leitura e a compreensão de mundo do aprendiz/espectador.

Para esta pesquisa, em que as aulas foram planejadas tendo como base a Abordagem Triangular nos momentos de leitura de imagens buscava trabalhar de maneira dialógica, aberta, crítica, onde a conversa entre professor e aluno se dá de modo horizontal, aliada à contextualização, ao questionamento, à busca e à descoberta e não a uma preleção discursiva definida pelo professor. A seguir apresento algumas experiências, impressões, deslocamentos...em sala de aula e fora dela.

2

Impressões...

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica nada tem que ver com o discurso “bancário” meramente transferido do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições que em que aprender criticamente é possível”.

(Paulo Freire)¹⁴

Nesta parte do trabalho, trago algumas impressões daquilo que foi registrado ao longo do processo, nas aulas de artes, com o grupo de estudantes da escola já mencionada, na cidade de Silveiras. Trata-se do compartilhamento de ações desenvolvidas em classe (e fora dela) em que tive como objetivo inicial uma aproximação com possíveis leituras dos estudantes, sobre a produção artística local, por parte de artistas e de alguns estudantes, parte do grupo, que também trabalham na área de produção de artesanato, na cidade. Como veem essa produção, como arte, como artesanato? Quais as diferenças? Quais as semelhanças? E quem a produz, um artista, um artesão? Qual é sua relação com esta produção? Como ela permeia seu ser?

Em nosso primeiro encontro, recorri a imagem de uma arara, produzida por um artista local. A escolha por esta imagem ocorreu pelo fato de ela estar presente no dia a dia dos alunos, esta produção faz parte do cotidiano e é produzida no “Entre no Paraíso - Atelier”. A escolha também se deu porque a peça tem muito significado naquele contexto, pois, como já mencionado no capítulo anterior, os artesãos e artesãs, desse ateliê, foram os que introduziram o trabalho com os pássaros esculpidos em madeira em Silveiras.

¹⁴FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996



Figura 7- Arara produzida pelo “Entre no Paraíso - Atelier”.2019. Fonte: site: http://www.entrenoparaiso.com/o_atelier.html

Entre as primeiras impressões, os estudantes me passaram, diante da imagem, percepções que variaram entre surpresa e desdém pelo trabalho. Antes que eu iniciasse a conversa sobre a imagem, e, com isso buscava estimular o debate, muitos presentes logo indicaram que já conheciam esta imagem. Alguns até disseram estarem cansados de vê-la. Questionei se os alunos sabiam de quem era aquele trabalho? Responderam trazendo vários nomes de artesãos da cidade. Afirmei que a imagem era trabalho do ateliê de João Camilo.

Seguimos a conversa e muitos começaram a falar palavras de associação à imagem: “pássaro”; “artesanato”; “fonte de renda”; os alunos que já trabalham com artesanato tiveram uma fala mais negativa, entre elas que o trabalho “é chato”; “não aguento mais ver isso”; “trabalho”. Como dispararam a falar, comecei a indagá-los, pois percebi que os alunos já tinham uma concepção formada e muito fechada sobre aquela imagem, ao trabalho de produção. Propus que escrevessem o que eles entendiam por artesanato.

Para surpresa dos próprios alunos, muitos não sabiam falar sobre o conceito e muito menos escrever sobre ele. Começaram a conversar entre si e se perguntarem sobre: o que era artesanato? Entre os estudantes, alguns propuseram pesquisar na Internet, a partir do aparelho de celular, sobre o conceito, mas expliquei que, naquele momento o importante era que cada estudante trouxesse seu próprio entendimento e não um conceito elaborado

por outras pessoas e disponibilizado na internet, muitas vezes entendimentos relacionados aos saberes “acadêmicos”.

Abaixo trago os registros que separei em algumas categorias ou conceitos que mais apareceram nas respostas dos alunos para que possamos analisá-las de maneira mais pontual. Veremos que as respostas se encaixam em mais de uma categoria, o que nos ajudará a entender o pensamento dos estudantes sobre o as produções artísticas locais. Produções que não cabem em uma simples concepção, apenas. Dentro da história da cidade de Silveiras, o artesanato tem uma potência muito grande e isso nos é revelado através da escrita dos alunos. Das respostas, é possível apontar que os alunos entendiam o artesanato como: Técnica e trabalho manual; Trabalho e fonte de renda; Cultura ou meio de cultura; Objeto decorativo ou utilitários; Arte; Lugar de produção.

Técnica e trabalho manual

“Arte feita pelos artesãos, é um meio de cultura, trabalho não industrializado, é feito a mão”

“É uma técnica de trabalho que os artesãos usam para mostrar os seus trabalhos com finalidade de ganhar dinheiro e fazer o que gosta”

“É uma técnica manual utilizada pelo artesão. Este profissional é considerado um artista, pois seus produtos são verdadeiras obras de arte”

“Artesanato é um trabalho manual, realizado pelo artesão; é tradicionalmente a produção de caráter familiar, onde produzem peças, artefatos e especiarias.”

“É algo feito à mão ou nas máquinas”

“É uma técnica utilizada pelo artesão, produto feito à mão, que ele mesmo cria”

“Arte técnica do trabalho manual não industrializado, realizado pelo artesão.”

“Artesanato é uma arte manual produzida pelo artesão; é uma empresa não industrializada.”

“Artesanato é uma forma de arte na qual todo processo é feito à mão ou com auxílio de máquinas, expressando a cultura local ou geral”

“Trabalho feito pelos artesãos, geralmente em casa ou pequenas empresas, todos produzidas à mão”

“É o próprio trabalho manual utilizando-se de matéria-prima natural ou produção de um artesão. Mas com a mecanização da indústria, o artesanato é identificado como aquele que produz objetos pertencentes à chamada cultura popular”

“O artesanato é um trabalho feito à mão que passa por várias etapas até chegar ao consumidor. Esse trabalho é para decorar, mas também tem alguns que são para utilidade doméstica. O artesanato também é uma expressão artística, onde os artesãos podem expressar seus sentimentos, como por exemplo, uma feição pintada.”

“Artesanato é uma técnica manual utilizada pelo artesão; os produtos são feitos à mão.”

“O artesanato é um tipo de arte, onde se utiliza e se trabalha bem mais manualmente, para fazer as peças e depois vender.”

“É a arte técnica do trabalho manual. Utilizando-se de matéria-prima natural, porém 50% dos artesãos utiliza-se da mecanização para facilitar seus serviços.”

“Técnica do trabalho manual não industrializada realizada por artesão; a produção tem finalidade utilitária e artística”

“É a habilidade de trabalhar usando as mãos, as emoções criando e recriando objetos de arte”

“Artesanato é uma arte de produção caseira, à mão, manual e não industrializada.”

“É uma técnica manual utilizada pelo artesão. Este profissional é considerado um artista, pois seus produtos são verdadeiras obras de arte”

“Conjunto das peças de produção artesanal;

“É criar, transformar algo, reaproveitar, inovar”

“Técnica do trabalho manual não industrializada realizada por artesão; a produção tem finalidade utilitária e artística”

O Programa do Artesanato Brasileiro (2012) que tem como um dos seus objetivos valorizar e incentivar o artesanato e o artesão brasileiro, criou um documento, intitulado, “Base Conceitual do Artesanato Brasileiro” (2012) no

qual apresenta vários conceitos ligados à esfera do artesanato. De acordo com os significados expostos neste documento, o artesanato:

Compreende toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (possui valor simbólico e identidade cultural), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios. (2012, p. 12)

Ao ler a definição oferecida pelo documento do Programa do Artesanato Brasileiro (2012) após a leitura das respostas dos alunos, percebemos que eles sabem o que é artesanato. Não precisavam pesquisar na internet, como desejavam, para que registrassem seu conhecimento. A pesquisa na internet nos parece uma possível busca por “embasar” suas respostas.

Podemos pensar na hipótese de que esse conhecimento vem, em grande parte, das suas vivências com a feitura do artesanato. Em Silveiras, há muitas famílias que trabalham com o artesanato no quintal de suas casas, em suas garagens, nas varandas. O artesanato faz parte da vida dessas pessoas, faz parte do seu cotidiano, elas dividem os espaços de moradias com espaços de trabalho, de feitura das peças, o artesanato está relacionado ao seu modo de vida, tem relação com sua vida, sua moradia, seu corpo e pessoas próximas (família). Um dos registros nos revela esse contexto: *“Artesanato é um trabalho manual, realizado pelo artesão; é tradicionalmente a produção de caráter familiar, onde produzem peças, artefatos e especiarias.”*

Em Silveiras, o trabalho artesanal se constitui de várias mãos. O artesão (geralmente homem) entalha as peças; algumas peças são riscadas e cortadas à máquina com serra de fita; em seguida são lixadas à mão ou com máquinas; a pintura fica geralmente por conta das mulheres, que aprendem, desde crianças, a técnica da pintura e, por último, o acabamento que consiste na colocação de ganchos, alças, espelhos, fios, pés.

Segundo Sá e Siqueira (2014)

Cada etapa da produção possui um valor diferenciado por exigir diferentes habilidades. As etapas mais valorizadas são o entalhe e a pintura visto que, para essas atividades, são necessários

treinamentos e acompanhamento até que o trabalhador esteja habilitado. (p101)

Muitos dos alunos desta pesquisa são partes destas famílias, em que o pai é artesão e a mãe pinta as peças, eles cresceram vivenciando todo esse processo. Agora, vamos a outra categoria, recorrente nas respostas dos estudantes: Arte.

Arte

“Artesanato é arte; cultura da nossa cidade; antigamente produtos não industrializados; hoje há novos processos”

“Arte feita pelos artesãos, é um meio de cultura, trabalho não industrializado, é feito à mão”

“É uma forma de expressar através da arte; é utilizado para produzir objetos feitos a partir de matéria-prima natural.”

“É uma forma de expressão artística de uma tal cultura”.

O artesanato é uma forma de arte na qual todo o processo é feito à mão ou com o auxílio de máquinas, expressando a cultura local ou geral.”

“Artesanato é um tipo de arte feito em madeira”

“É uma forma de expressão artística”

Sabemos que Arte vem do termo latino “ars”, significando técnica e/ou habilidade. E nos registros dos alunos percebemos numa mesma frase: “arte”; “feito à mão”; “matéria-prima”. A palavra *expressão* é pouco usada para definir artesanato, mas veremos nos registros, na sequência, em que os questioneei, sobre o que é arte?”, a presença quase unânime da palavra *expressão* para ajudar a definir arte. Isso pode apontar para uma característica do artesanato local que poucos reconhecem: seu valor artístico e estético.

Na escola, as aulas de artes visuais também estão relacionadas ao fazer, talvez por isso vemos nesses registros o vínculo de arte com fazer

manual. Fato que sempre esteve presente nas escolas brasileiras desde que se instituíram os Liceus de Arte e Ofícios no Brasil, em 1873.

Na sequência, outro termo recorrente: Cultura ou meio de cultura. Nas palavras dos estudantes, o artesanato é...

Cultura ou meio de cultura

“Meio de cultura, que é utilizado por matéria-prima natural”

“Artesanato é arte; cultura da nossa cidade; antigamente produtos não industrializados; hoje há novos processos”

“Arte feita pelos artesãos, é um meio de cultura, trabalho não industrializado, é feito à mão”

“É uma forma de expressão artística de uma tal cultura.”

“O artesanato é uma forma de arte na qual todo o processo é feito à mão ou com o auxílio de máquinas, expressando a cultura local ou geral.”

“É o próprio trabalho manual utilizando-se de matéria prima natural ou produção de um artesão. Mas com a mecanização da indústria, o artesanato é identificado como aquele que produz objetos pertencentes à chamada cultura popular”

“Artesanato em Silveiras é uma cultura que passa de geração em geração. Em Silveiras, o artesanato emprega um monte de pessoas de várias famílias”

“Artesanato é um trabalho cultural, arte prática que envolve tecidos, madeiras onde há várias peças que são vendidas para outros compradores de toda a região e de todo Estado”

Nesta categoria, podemos perceber que os alunos que responderam também consideram o artesanato local como cultura daquele lugar. Uma cultura que tem história, passa por transformações impostas pela modernidade contemporânea, como, por exemplo, é o que aparece na resposta:

“Artesanato é arte; cultura da nossa cidade; antigamente produtos não industrializados; hoje há novos processos”

Em entrevista realizada com os artesãos da cidade, já apresentadas neste trabalho, compreendemos a necessidade do artesão que produzia seus pássaros à mão, e que, devido à demanda, começam a utilizar máquinas de corte para agilizar o processo de feitura da peça, além da finalidade de produzir em maior quantidade por dia.

Quando o estudante nos aponta que o artesanato é uma prática cultural e que ela é passada de geração em geração, isso demonstra que ele entende o processo de permanência e continuidade do artesanato da cidade e que ele se constitui como uma produção que pode apontar para uma certa identidade cultural local.

Ao nos questionarmos sobre os significados do termo cultura, logo nos vem à mente algumas palavras-chave, como conhecimento, costumes de geração em geração, tradição, valores. Segundo o dicionário Caldas Aulete da Língua Portuguesa (2008), cultura é

1 Ação de cultivar; 2 Atividade voltada para a criação de plantas e animais: cultura de peixes; 3 O conjunto de conhecimentos de um indivíduo; 4 A soma de conhecimentos que os homens acumulam e transmitem através das gerações: a cultura milenar japonesa. 5 Costumes de um grupo social; 6 Os valores e as tradições de um certo período (cultura clássica); civilização. (p. 288)

Parece-nos satisfatório quando abrimos o dicionário e lemos a definição nele contida: sabemos o que é cultura. Porém, pouco se discute e se amplia o debate em torno desta palavra e o quanto de significados ela carrega. Mas qual conhecimento? Quais costumes? Quais tradições e valores? De quem? Questões que geram em nós inúmeros porquês: Por que preciso entender e discutir sobre cultura? Por que é importante este debate? Por que, na contemporaneidade, discutir esse termo?

No entendimento de Antônio Augusto Arantes, Mestre em Antropologia pela USP e doutor em Antropologia Social pelo King's College, da Universidade de Cambridge, (1990) a cultura está em toda parte.

Todas as nossas ações, seja na esfera do trabalho, das relações conjugais, da produção econômica ou artística, do sexo, da religião, das formas de dominação e solidariedade, tudo nas sociedades humanas é constituído segundo códigos e as convenções simbólicas a que denominamos "cultura". (ARANTES, 1990, p,34) (grifo do autor)

A fala do autor é marcante para nosso trabalho, pois nos traz a questão dos códigos, dos símbolos presentes na estrutura interna e nas relações dos grupos sociais. E se temos códigos, temos também maneiras de interpretar que são próprias do grupo ao qual estamos pertencendo ou sobre o qual estamos aprendendo, para que possamos compreender os porquês da constituição daquela (e da nossa) cultura, em particular.

Para Santos (1996), discutir cultura “implica discutir o processo social concreto” (p. 47). O autor discute a ideia retrógrada de que cultura é algo parado, como eventos tradicionais que são imutáveis, mas não são. Temos visto que apesar de se repetirem o tempo todo e em diferentes lugares, não podemos dizer que são a mesma coisa. Um exemplo é o carnaval, visto como parte da cultura brasileira e que passou, ao longo dos anos, por intensas transformações.

Continuando com Santos (2006), cultura pode ser entendida como

a dimensão da sociedade que inclui todo o conhecimento num sentido ampliado e todas as maneiras como esse conhecimento é expresso. É uma dimensão dinâmica, criadora, ela mesma em processo, uma dimensão fundamental das sociedades contemporâneas. (p.50)

O que nos chama atenção nesta citação é que diferente do significado proposto pelos dicionaristas, assim como em relação ao pensamento de Arantes (1990), Santos (2006) nos faz pensar sobre a outra questão, em relação à cultura. Aqui nos referimos aos apontamentos do autor sobre a cultura como processo, dinamismo, assim como do conhecimento como sentido ampliado. Ou seja, não há como entender a cultura como algo parado se ela sofre influência da sua contemporaneidade, tornando-se dinâmica e em processo contínuo de criação e ainda assim com seus códigos e com seu contexto que devem ser estudados para serem compreendidos.

E pelo que apresentam as respostas de alguns alunos, eles percebem essa transformação dinâmica do fazer artesanal de sua cidade que se constitui como cultura quando ela se torna presente, parte da história, dinâmica e necessária para sustento de várias famílias. Seguimos ao próximo tema, em que os estudantes relacionam, em seus registros, artesanato e o material que dão forma e sentido à produção.

Material

Artesanato é um trabalho que pode ser feito na madeira e em muitos outros materiais. Manual ou industrializado, e eu admiro e gosto da ideia de reciclar materiais e criar objetos etc., dos mais variados tamanhos e formas”

Artesanato são artes esculpidas à mão que podem ser feitas de madeira, barro, entre outros materiais.”

É onde são realizadas obras de madeira e outros tipos de materiais feito por artesãos; em minha cultura o artesanato utiliza madeira para fabricar obras.”

Artesanato são artes esculpidas à mão, em madeira, palha, barro entre outros tipos de materiais.”

Artesanato é a prática de produção de produtos feitos com diversos materiais tanto para objetivo comercial ou para satisfatório.”

É uma das fontes de renda da minha cidade (Silveiras). Em Silveiras, a matéria-prima do artesanato é a madeira e o bambu”

“Algo feito com matéria-prima e onde expressa a arte do produtor”

“Artesanato é a arte feita na madeira ou em outros materiais, usado para decoração ou para usar como algum objeto doméstico”

A presença do material dentro dos registros dos alunos não poderia ser diferente, pois vimos que o artesanato é resultante da transformação de matérias-primas. Segundo o documento do Programa do Artesanato Brasileiro, no artesanato considera-se matéria-prima

toda substância principal, de origem vegetal, animal ou mineral, utilizada na produção artesanal, que sofre tratamento e/ou transformação de natureza física ou química, resultando em bem de consumo. Ela pode ser utilizada em estado natural, depois de processadas artesanalmente/ industrialmente ou serem decorrentes de processo de reciclagem/reutilização. (2012, p.18)

Nestas respostas, a madeira é mais presente, pois o artesanato de Silveiras é muito conhecido pelo entalhe e cortes da madeira para a produção de pássaros da fauna brasileira.

Outro ponto importante que apareceu nas respostas dos alunos foi a questão do trabalho e fonte de renda

A produção de artesanato, em Silveiras, ou em qualquer outra localidade, está relacionada à sobrevivência de muitas famílias; nos registros dos estudantes a questão do artesanato, trabalho e fonte de renda foram recorrentes, como vemos a seguir:

Trabalho e fonte de renda

“É uma técnica de trabalho que os artesãos usam para mostrar os seus trabalhos com finalidade de ganhar dinheiro e fazer o que gosta”

“Artesanato em Silveiras é uma cultura que passa de geração em geração. Em Silveiras o artesanato emprega um monte de pessoas de várias famílias”

“É uma das fontes de renda da minha cidade (Silveiras). Em Silveiras, a matéria-prima do artesanato é a madeira e o bambu”

“É um meio de tirar o seu dinheiro”

“É uma forma de renda e uma forma de viver com o nosso passado”

Silveiras é considerada uma cidade turística. Segundo Sá e Siqueira (2014), “esta vocação surgiu da necessidade de aumentar a renda da população o que era impossível com a economia leiteira” (p.98). Além disso, a cidade não possui fábricas e/ou indústrias que possam oferecer postos de trabalho aos seus habitantes. Isso porque, de acordo com informações verificadas no website do município, silveiras.sp.gov.br, a localidade é a primeira Área de Proteção Ambiental do Estado de São Paulo/ Minas Gerais, assim, na cidade existem somente pequenas empresas de artesanato local, trabalhos que são comercializados também, como já mencionado, em outras cidades e regiões. Dessa maneira, de acordo com Siqueira (2014), “atualmente, a produção artesanal é a principal atividade econômica da cidade, sendo considerada uma das mais importantes do Vale do Paraíba (p.99), o que contribui para que o artesanato seja compreendido como uma das principais rendas familiares de muitos dos meus estudantes e de suas famílias.

Outra categoria interessante é a questão do “lugar de produção”. Após os registros, conversei com o grupo participante da pesquisa indagando sobre por que relacionar o artesanato (produto) ao lugar onde é produzido (lugar de

produção). Percebi, nos registros analisados, que é comum, nesta comunidade, a utilização da expressão: “*Nós vamos lá no artesanato do Marquinho*”; “*Perto do artesanato do Felipe Nery*”; “*Trabalho no artesanato do João Camilo*”; não só para falar do lugar, mas para se referir ao artesanato também, sendo o contrário válido também. Com isso, entendemos que o lugar onde são produzidas as peças de artesanato é assumido como espaço de produção e como referência.

Abaixo, outros termos destacados dos registros...

Lugar de produção

É uma fábrica de madeira”

É uma fábrica que se faz peças de madeira para vender; tem vários tipos de peças, grandes, pequenas entre outras.”

Lugar onde produz peças de madeira que servem para decoração.”

É um lugar onde fazem coisas com madeira, ferro etc.”

É uma oficina de artesão onde se encontra obras de vários modelos como arte de madeira, gesso etc.”

Oficina de artesão que produz objetos caseiros”

Empresa que produz peças de vários tipos de produtos”

Objeto decorativo ou utilitários

“O artesanato é um trabalho feito à mão que passa por várias etapas até chegar ao consumidor. Esse trabalho é para decorar, mas também tem alguns que são para utilidade doméstica. O artesanato também é uma expressão artística, onde os artesãos podem expressar seus sentimentos, como por exemplo, uma feição pintada.”

“Artesanato é a arte feita na madeira ou em outros materiais, usado para decoração ou para usar como algum objeto doméstico”

Outra questão que surge vinculada ao conceito de artesanato para os estudantes é a questão da funcionalidade. De acordo com o documento do Programa de Artesanato Brasileira, a “funcionalidade é definida a partir dos

elementos distintivos que qualificam os produtos de acordo com seu uso e destino.” (2012, p 30)

No caso do artesanato de Silveiras, ele tem funcionalidade decorativa, em que a principal característica é ornamentar ambientes, dispondo formas e cores. Outra característica é a utilidade, ou seja, peças produzidas para satisfazer as necessidades dos seres humanos, seja no trabalho, seja na atividade doméstica. Alguns também são vendidos como *souvenir*. O que não deixa de ter eloquência a relação que os alunos fazem entre artesanato e sua funcionalidade, pois essa questão é bastante percebida e relacionada, como característica do artesanato local.

A partir das análises apresentadas, podemos identificar que os estudantes percebem o artesanato como o fazer manual. Fato marcado, historicamente, pois o homem se constitui como tal através do uso de suas mãos. O professor Ricardo Gomes Lima, antropólogo e pesquisador do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, em entrevista, ao falar da importância do artesanato, responde:

Então, se olhamos para o tempo de existência do artesanato, vemos que essa classe de objetos foi crucial para toda humanidade, que foi assim que a humanidade se fez, com objetos feitos à mão, fosse uma casa, uma colher, uma arma, qualquer adorno, ou qualquer outra coisa, até surgir a indústria com a capacidade de a máquina também criar objetos. Então, a importância do artesanato é a importância da própria vida do homem. (KELLER, 2011, p. 189)

Como percebi uma certa dificuldade dos alunos para escreverem sobre a pergunta: O que é artesanato, questionei mais uma vez: “Como podem conviver com o artesanato todo dia como já me falaram e não sabem responder o que é artesanato?” E, é claro, que eles conseguiram responder, como vimos nos registros acima, mas a indecisão no momento da escrita sobre o que sabiam sobre o assunto nos faz perceber que o tema não é muito debatido entre eles, ou seja, eles vivem o artesanato, mas não conversam de maneira reflexiva sobre ele.

Esse questionamento fez com que comesçassem a pensar sobre sua relação com o artesanato. Então, propus outro questionamento: **O que significa o artesanato para você e/ou para a comunidade?**

As respostas também foram categorizadas para que nossa análise fosse facilitada e pontualmente discutida. Dentre os termos mais recorrentes, destacamos dos registros: Cultura e turismo; Renda/ trabalho; Identidade.

Cultura e turismo

“Cultura, turismo, meio de trabalho”

“Significa cultura e turismo, pois chama turismo para a cidade por ser bem conhecido o artesanato de maneira na nossa região. É uma forma de emprego; é o que mais gera emprego na cidade.”

“Significa arte; cultura onde as pessoas em si dependem delas; na nossa cidade por ter um foco só, há uma grande quantidade e qualidade dos produtos e por oferecer emprego a população”

“Significa cultura e turismo porque bastante gente vem comprar; é um meio de trabalho”

“O artesanato ajuda na renda da cidade trazendo turistas curiosos na biodiversidade do artesanato”

“Para minha cidade, tem uma grande importância econômica e cultural, pois uma das maneiras de fonte de renda vem dessa produção e atração de turismo”

“Para minha comunidade, é a 2ª principal fonte de renda, gerando emprego e salário para a sociedade silveirense”

“Um lugar turístico”

“Significa trabalho, arte”

“Significa cultura”

“Em minha comunidade o artesanato é cultura, principalmente o artesanato feito de madeira”

“Para mim significa cultura e principalmente fonte de dinheiro para uma cidade pequena, e serve para o desenvolvimento da cidade”

“O artesanato, além de nos trazer cultura, ele também é uma forma lucrativa para a comunidade, principalmente aos artesãos”

Notamos que a palavra cultura aparece também dentro do significado de artesanato para a comunidade, o que nos leva a compreender que o aluno estabelece vínculos de valor em relação ao artesanato local. Entendem o artesanato relacionado à cultura além de também conceituar artesanato como cultura. Também relacionam o artesanato ao turismo, talvez por acreditarem e entenderem que é a cultura do artesanato que leva o turismo para a cidade. Os alunos percebem que a venda do artesanato também depende da presença de turistas na cidade.

Entendo que aqui, ao relacionar cultura, artesanato e turismo, o aluno identifica cultura como “cultivar”, quer dizer, o cultivo, a manutenção, o fazer do artesanato local que é passado por gerações. E esse ato de cultivar, de permanência também chama a atenção dos turistas.

Renda/trabalho

“Cultura, turismo, meio de trabalho”

“Significa cultura e turismo, pois chama turismo para a cidade por ser bem conhecido o artesanato de maneira na nossa região. É uma forma de emprego; é o que mais gera emprego na cidade.”

“Significa arte; cultura onde as pessoas em si dependem delas; na nossa cidade por ter um foco só, há uma grande quantidade e qualidade dos produtos e por oferecer emprego a população”

“Em minha comunidade, ele se vê como uma forma de renda, pois muitos trabalham nos artesanatos”

“O artesanato ajuda na renda da cidade trazendo turistas curiosos na biodiversidade do artesanato”

“O artesanato significa para mim algo com importância, pois trabalho com isso na área da pintura, e para a comunidade significa algo que dá serviço para a maioria da população, sendo a principal fonte de renda.”

“A forma de dinheiro e giro comercial e financeiro para a cidade”

“Para minha cidade, tem uma grande importância econômica e cultural, pois uma das maneiras de fonte de renda vem dessa produção e atração de turismo”

“É importante para minha comunidade, principalmente aqui para Silveiras, pois ele ocupa maior parte da economia da cidade”

“O artesanato tem uma importância muito grande na minha comunidade, pois a maioria aqui presente tem objetivo comercial, ou seja, produzir peças para serem vendidas e com isso a economia da cidade se movimentar trazendo inúmeros benefícios.”

“Uma forma de mostrar os seus talentos, uma forma de ganhar dinheiro, sempre atendendo a comunidade e fazendo o que gosta”

“Para minha comunidade, significa fonte de renda, uma forma de cada um sustentar suas famílias; é cultura”

“Pra mim, ele é importante porque eu trabalho em um artesanato, então eu e minha família trabalha e recebe dinheiro salário”

“Para mim, é uma obra de arte; para a comunidade uma forma de ganhar dinheiro e apreciar arte”

“É a maior fonte de renda da cidade; é a dependência econômica de muita gente”

“Para alguns, uma forma de ganhar dinheiro com arte.”

“O artesanato é de extrema importância para a comunidade, pois é um meio lucrativo”

“Fonte de renda”

“Para mim, o artesanato é importante, pois traz a natureza para perto de mim e para minha comunidade é importante, pois é uma fonte de renda para famílias e para o desenvolvimento da cidade”

“É uma fonte de renda para a população”

“É uma forma de fonte de renda, pois a maior parte da renda de todos vem do artesanato”

“Significa cultura e turismo porque bastante gente vem comprar; é um meio de trabalho”

“Significa trabalho, arte”

“Para minha comunidade é a 2ª principal fonte de renda, gerando emprego e salário para a sociedade silveirense”

“Para a comunidade, é muito importante, porque é uma forma de conseguir dinheiro ou uma renda a mais.”

“Em Silveiras, o artesanato emprega um monte de pessoas e várias famílias”

“É de grande importância, pois gera emprego à grande parte da comunidade e, também divulga a minha cidade”

“Ele significa um meio de trabalho onde muitas pessoas precisam e necessitam desse trabalho para ter seu próprio dinheiro e a sai própria renda dentro de casa e fora também.”

“O artesanato, além de nos trazer cultura, ele também é uma forma lucrativa para a comunidade, principalmente os artesãos”

“Em minha comunidade, é uma fonte de renda, pois muitos trabalham com o artesanato aqui”

“Para minha cidade, o artesanato é a fonte de renda mais utilizada e também é vista como arte pelos turistas”

“O artesanato, além de nos trazer cultura, ele também é uma forma lucrativa para a comunidade, principalmente aos artesãos”

“Para a minha comunidade ela é de extrema importância pois é a principal fonte de renda”

“Significa muito porque todos precisamos ver e observar estas belezas artísticas e, também é muito importante porque muitas pessoas precisam desse trabalho”

A relação do artesanato com a renda é mais presente quando o aluno percebe seu significado tanto para ele, quanto para comunidade do que quando conceitua o que é artesanato. Assim, para eles, o artesanato **significa** mais fonte de renda e trabalho do que cultura, mas quando conceitua artesanato, o faz mais em relação à cultura do que com a fonte de renda e trabalho.

É importante perceber isso na fala dos alunos, visto que nos ajuda a entender que alguns separam uma coisa da outra. Quando o aluno vê que o

artesanato está relacionado à fonte de renda e o entendem também como cultura, podemos perceber que essa relação é diferente daquela que só percebe o artesanato como fonte de renda.

Ao notar que o estudante sabe separar um do outro nos dá a entender que aquele estudante tem uma visão mais ampliada e uma relação de vínculo com o artesanato local. Enquanto o outro, que não percebe essa relação, mantém um relacionamento distanciado, sem vínculo, sem valor simbólico para ele e para a sociedade.

Em entrevista para a Revista Pós Ciências Sociais, Ricardo Gomes Lima ao ser solicitado por Paulo Keller que falasse sobre a importância do artesanato tanto para a cultura quanto também para a economia, principalmente a economia popular, ponderou que:

Na economia, o artesanato tem uma importância enorme, muitas vezes menosprezada. Ela não aparece tanto quanto deveria, mas na verdade está aí numa escala enorme. Com relação ao cultural é a mesma coisa, o artesão produz a partir de uma cultura e o produto que faz, o objeto artesanal, tem esse duplo caráter: é uma mercadoria por um lado, mas é também um produto cultural resultante do significado da vida daquela pessoa. (KELLER, 2011, p.191)

Outro conceito que aparece nos registros dos estudantes e aqui tomados como base para nossas análises, é o termo identidade, que na percepção deles, tem relação com o artesanato.

Identidade

“Para mim, artesanato é muito importante, pois com ele meus pais criou eu e meus irmãos, ele é uma história da minha cidade à qual construiu muitas famílias e não deixou faltar alimento para as famílias. O artesanato mostrou muitos artistas”

“Para minha comunidade significa muito, é o que caracteriza nossa cidade; é uma das principais fontes de economia nossa. Oferece bastante vaga de emprego também.”

Nestes registros, percebemos um laço muito forte entre os estudantes e suas respostas. Ambas são fruto do valor simbólico do artesanato na comunidade. Entendem que o artesanato é mais do que gerar renda, do que levar turista para a cidade. Percebem o artesanato como algo constituinte de suas histórias.

Durante as conversas com esses estudantes, em sala de aula e fora dela, notamos o amor que nutrem pelo artesanato. É mais que dinheiro dentro de casa... é prazer em fazer bem feito, fazer bonito, fazer perfeito. Gostar do que faz. Gostar de aprender mais. Querer continuar aquilo que tem aprendido ao longo de tão pouca vida que percorreram até ali.

Quando conversamos mais com os alunos, podemos notar que sabem do valor que o artesanato tem dentro da comunidade. Eles vivem a luta daqueles artesãos e artesãs para sobreviver de sua produção e venda. Alguns experimentam, no dia a dia, o trabalho com o artesanato. Aprender mais técnicas e procedimentos para poder “pegar mais serviço” como me falou uma das alunas.

Mas ainda são poucos os que compreendem o valor simbólico daquele trabalho. Percebemos entre os estudantes aqueles que não veem valor no trabalho com artesanato, por isso a importância de o professor ter esse olhar de conhecer a realidade local, investigá-la e, num diálogo provocativo, procurar inspirar a criticidade no estudante.

Além de ampliar seu olhar, através de conversas e leituras, manter contato mais direto com produtores de artesanato, pois quando passam a conhecer mais e melhor da produção artística de seu município, podem conhecer e discutir outras manifestações artísticas regionais, nacionais e mundiais.

Durante a aula, questionei se conheciam a história do artesanato da cidade. Responderam que não. Isso me ofereceu abertura para trabalhar com o tema, a partir de referências bibliográficas e imagens. Entre as referências, mencionei a existência de um livro sobre a história de Silveiras, mencionaram saber da existência desse material, mas que nunca tinham lido, até porque a obra nunca esteve presente nas aulas de artes daqueles estudantes.

Aqui é importante destacar que esta pesquisa me trouxe, enquanto arte educadora e cidadã, vários questionamentos acerca do meu posicionamento no mundo, da minha identidade, de quem eu sou. Ouvindo aqueles alunos falando que não sabem da história da cidade, fiquei pensando quantas e quantas crianças, adolescentes e adultos, não sabem da sua história local, não reconhecem o valor da sua cultura local e por não conhecerem essa história,

não criam vínculo e, sem esse vínculo, não se preocupam em modificar sua própria história.

O educador Paulo Freire nos ensina que uma das tarefas mais importantes da prática-crítica é propiciar as condições para que o educando, durante as relações coletivas entre seus pares e/ou professores, ensaie a experiência de assumir-se.

Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão de outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do *tu*, que me faz assumir a radicalidade de meu *eu*. (FREIRE, 1996, p. 41)

Diante de tal ensinamento, é que me coloco, me assumo, porque me vejo como sujeito que quer conscientizar os sujeitos do seu estar no mundo. E por isso que as minhas escolhas para as ações em sala de aula tiveram uma preocupação de apresentar aos alunos obras e artistas que demonstram consciência de sua importância no mundo enquanto artistas.

2.1 ...mais questões: ampliando olhares sobre o conceito de arte

Na aula seguinte, antes de começar a apresentação preparada para o dia, fizemos uma revisão sobre o que conversamos na aula anterior. Se no primeiro encontro a ênfase estava no artesanato, no segundo encontro, parti da questão: “O que é arte?”, sem com isso desejar separar e/ou reforçar a já existente separação, mas com o objetivo de provocar o debate acerca, agora, do entendimento dos estudantes acerca da “arte”. A “dúvida” naquilo que poderia se oferecer como resposta “correta” indicava os percursos necessários para mim, como professora, para eles, como estudantes e, para todos nós, como um coletivo que aprende juntos. Lancei a pergunta e solicitei que cada estudante escrevesse sua resposta, com isso teria os registros para análises que apresento a seguir.

Antes, preciso destacar que seguindo meu planejamento, foram escolhidos/as artistas que, em minha leitura, apontassem certa relação com a

chamada “arte popular”, mas também com “arte contemporânea”. Com as imagens e artistas escolhidas/os buscava provocar um olhar mais curioso e de reflexão acerca das formas e temas tratados nos trabalhos apresentados, e que fossem produzidas por brasileiros/as. A intenção foi também de mostrar a arte brasileira e artistas de gêneros diferentes para incluir e valorizar a diversidade.

Buscando ampliar os debates com os alunos a partir de análises das imagens apresentadas, durante as discussões sobre arte, artesanato, artista e artesão, em sala de aula, tinha também como finalidade fomentar o debate acerca dos diferentes usos de materiais, técnicas e códigos, presentes nas obras apresentadas.

Aleijadinho, foi um dos artistas escolhidos. A escolha por esse escultor brasileiro se deu porque em nosso entendimento seu trabalho suscita discussões diretamente relacionadas com esta pesquisa, trata de uma pessoa e seu ofício em família, como vários artesãos da cidade de Silveiras, que aprenderam o ofício da produção dos pássaros com mestres artesãos mais velhos e experientes.



Figura 8 - ALEIJADINHO. Nossa Senhora das Dores. Madeira (cedro) policromado. 1791-1810. Fonte: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras

No trabalho com as imagens de obras de Aleijadinho, percebi que os alunos se identificaram com a história do artista/artesão. Ficaram encantados com as obras, com tamanha riqueza de detalhes. Ao apresentar este artista, esperava que os alunos já o conhecessem, pois o estilo barroco também se desenvolveu no Brasil e acreditamos que ele é trabalhado nas aulas de Arte e em outras disciplinas, mas apenas um aluno relacionou o artista Aleijadinho ao Barroco, dizendo: “*Ele é do barroco?*”



Figura 9- ALEIJADINHO. A Última Ceia. Madeira policromada. 1795-1796. Santuário do Bom Jesus do Matosinho. Reprodução Fotográfica Sérgio Guerini/Itaú Cultural. Fonte: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras

Sabemos que não é necessário trabalhar os períodos históricos numa linha do tempo, dentro ou não de uma ordem cronológica, mas deixar de trabalhar alguns temas da história da arte brasileira e, principalmente, um assunto ligado à constituição da nossa cultura, realmente é algo a ser questionado.

Quando o aluno lembrou do movimento artístico barroco, questionei os demais presentes na sala sobre quem mais conhecia os trabalhos e o artista apresentado e, para minha surpresa, ninguém mais conhecia. Com essa verificação, senti a necessidade de apresentar, brevemente, o movimento artístico, o artista e sua obra.

Seguindo a aula, pois o objetivo não era explanar sobre vida, obra nem período histórico de maneira aprofundada de nenhum dos artistas que

apresentava, segui para o trabalho de Izabel Mendes da Cunha, mais conhecida como D. Izabel, produtora de arte popular que traz em sua história também um contexto bem parecido com a comunidade de Silveiras, porém, ao invés da madeira, ela trabalha com o barro.

A artesã viveu no Vale do Jequitinhonha, nordeste de Minas Gerais, no município de Ponto dos Volantes. Quando criança morou em uma casa situada na zona rural, com sua família. O pai e os irmãos trabalhavam na roça enquanto ela ficava em casa com a mãe, que fazia panelas de barro para ajudar no sustento da família. E mesmo depois de se mudarem para a zona rural do município, a mãe continuou fazendo as panelas de barro, que eram procuradas pela qualidade e bom acabamento.

Ela não tinha brinquedos, por isso produzia-os. Queria fazer uma boneca de barro, mas a mãe não gostava que usasse o seu barro para brincar, pois era grande o esforço para ir buscá-lo. Izabel ficou viúva cedo e para sustentar os filhos se dividia entre fazer as panelas, ofício que aprendeu com a mãe, e o trabalho na lavoura. A vontade de fazer as bonecas ficou por muito tempo adormecida, pois não tinha tempo para o trabalho com elas.

Somente em 1978, com 44 anos é que suas panelas começaram a ser vendidas para outras regiões devido a uma iniciativa da Comissão do Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha, uma organização estatal que apoiava a autossustentação dos habitantes da região. Com isso, D. Izabel teve a oportunidade de retomar seu projeto de fazer as bonecas de barro.

Interessante destacar que D. Izabel não aprendeu a fazer bonecas com ninguém. Em entrevista para Professora da USP, Dra. Sumaya Mattar, a própria D. Izabel nos conta que:

Esse trabalho da gente, que eu sei fazer, custou muitas descobertas, desde criança, que eu tinha inteligência de fazer esse trabalho aqui, eu aprendi a fazer por minha ideia mesmo, porque ninguém nunca me ensinou porque eu não tinha. Eu não tenho estudo, não estudei. Só sei mesmo a assinaturinha. Então, a pessoa não tem conhecimento, eu não tenho leitura nenhuma, mas eu entendo em pensamento, assim, como eu pensei em fazer essas coisas que eu nunca tinha feito, nunca tinha visto falar. (MATTAR, 2010, p. 124)

Dona Izabel é outro exemplo de artesã que se tornou artista aos olhos dos apreciadores de arte. Ela iniciou seu trabalho como artesã desconhecida e

bastou que alguém que “entendia um pouco mais” tivesse um olhar mais crítico para as questões estéticas para valorizar seu trabalho.



Figura 10- Dona Isabel – Boneca – noiva (cerâmica policromada). Acervo Galeria Estação, São Paulo, SP. foto: João Liberato. Fonte: <https://www.revistaprosaversoarte.com/dona-isabel-artesa-do-vale-do-jequitinhonha>

A história de Dona Izabel é bem parecida com as dos artesãos da cidade de Silveiras. Pessoa simples, que aprende um ofício em casa, luta para sustentar a família, trabalha com artesanato sem, num primeiro momento, ser reconhecido como uma produção artística e/ou por aquilo que gosta de fazer.

Os estudantes, no contato com as obras de D. Izabel, também se encantaram pela sutileza e pelos temas abordados pela artista. Acharam curioso e particular o modo da produção das peças: o corpo parte da moringa, ou seja, uma jarra de barro, a cabeça é feita à parte e a escultura não tem pés, esta parte do corpo é sempre coberto pelas vestes.



Figura 11- Dona Isabel – Mulher amamentando.
Fonte:<https://www.revistaprosaveroarte.com/dona-isabel-artesa-do-vale-do-jequitinhonha/>

Com a intenção de provocar debates sobre a diferença do trabalho técnico empregado por D. Izabel e aqueles que os artesãos da cidade de Silveiras fazem, questionei os estudantes, a partir do contato e das leituras deles: Vocês sabem o que significa esculpir e o que é moldar uma peça? Aguardei os comentários que primeiro surgiram com as mãos, numa tentativa de explicar com o gesto e então chegamos a um lugar de resposta de que no ato de esculpir vamos retirando pedaços de um material mais rígido como a madeira, por exemplo, até dar a forma desejada e no ato de moldar, temos um material mais maleável e com as mãos vamos dando forma ao objeto desejado.

Também apresentei o trabalho desenvolvido por Deoscóredes Maximiliano dos Santos, mais conhecido como Mestre Didi, que relaciona ao seu trabalho sua ancestralidade e representatividade africana, a partir de materiais e formas bastante particulares.

Mestre Didi é baiano. Escritor, sacerdote e estudioso da religiosidade afro-brasileira, além de escultor consagrado dentro e fora do país. Descendente de africano, desde menino esteve cercado por personalidades ligadas à preservação e manutenção das religiões e culturas africanas na

Bahia e no Brasil. Em suas obras, percebemos o uso de materiais naturais como búzios, sementes, couro, nervuras e folhas de palmeira, entre outros.

Para a leitura das obras de Mestre Didi, foram necessários mais que informações, pois seu trabalho é um dos exemplos de que, se não contarmos sobre a vida do artista, ficará faltando alguma coisa para que consigamos atribuir significados, interpretações a partir de leituras da sua obra. A escolha por este artista ocorreu justamente por isso, pela sua representatividade, o uso de materiais diferenciados e que fazem referência à sua ancestralidade, à sua cultura. Desejava com a apresentação das imagens de trabalhos desse artista que os alunos percebessem que o trabalho com arte não é só o fazer pelo fazer, sem nenhuma intensão, cada artista tem sua poética, seu modo, sua história, seu contexto e traça relações com suas ancestralidades, culturas e formações de vida.

E, muitas vezes, precisamos conhecer o artista e seu contexto para compreender sua obra, precisamos recorrer a suas biografias, mas sem necessariamente, na prática pedagógica, nos prender às informações de catálogos e livros diversos. Logo, faz-se necessário abrir espaços para outros modos de nos aproximar das obras, através de leituras feitas considerando nossas formações de vida que são diversas também.



Figura 12- MESTRE DIDI. ÈYÈ Kan (Pássaro Ancestral). Coleção do artista. 1993. Fonte: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras



Figura 13- MESTRE DIDI. IYÁ Agbá - Mãe Ancestral. nervura de palmeira, couro, tecido, búzios. 1998. Acervo Banco Itaú. Fonte: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras

Na medida que falava sobre a cultura africana com os alunos, é que iam percebendo os elementos que apareciam na obra. Na verdade, não falaram muito sobre o assunto, talvez também pela ausência de conhecimentos sobre a cultura e a arte africanas, outra questão que é pouco tratada nos contextos das escolas.

Seguindo nossos estudos, buscamos conhecer os trabalhos de outra artista, Regina Maria da Motta Vater, que trabalha com intermídia, ilustração, desenho, pintura e fotografia. Dessa artista, selecionei imagens de seus trabalhos com materiais diferentes, entre instalação e pintura, buscando, com isso, provocar a reflexão sobre o uso dos materiais que ela utiliza em seu trabalho.



Figura 14- REGINA VATER. O que Você Fala se Transforma na Casa aonde Você Vive. Instalação. lampião, placas de vidro e blocos de pedra. 2003 (Foto: Paula Alzugaray). . Fonte: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras

Os materiais que a artista usa nos levam a refletir, propõem uma leitura mais abrangente, mais flexível. No começo, para os alunos, essas características, que são leituras minhas, não foram tão claras; percebi que eles ficaram tentando imaginar o que poderia ser aquilo. O desconhecimento sobre a artista e sua obra indicam que eles, ao longo de sua vida escolar, não tiveram muito contato com a arte contemporânea, mesmo sendo essa o principal conteúdo das apostilas das Escolas Estaduais Paulistas.



Figura 15- Escultura interativa Mulher Mutante (1969-2017) (Foto: Paula Alzugaray). Fonte: <https://www.select.art.br/regina-vater-mulher-mutante/>

Aqui a mediação foi mais intensa, tive que mediar as possíveis interpretações, das obras de Regina Vater. Para Coutinho (2009) a mediação

Pode potencializar esse processo de interpretação, seja no momento da ampliação, quando o mediador alimenta o leitor com novas informações, seja na articulação dessas informações, quando o mediador instiga o leitor com questões que provocam reações. (2009. p. 176)

Iniciei as ações, como mediadora, fazendo as perguntas, que depois partiram deles. Das respostas, elaborava outras perguntas, e assim fomos construindo possíveis interpretações sobre a obra da artista, tratando, naquele momento, de leituras, de contextualizar a obra e as leituras; ação fundamentada na Abordagem Triangular, com a qual embasamos o trabalho desde o início.

Cícero Alves dos Santos, artista conhecido como Véio, foi outro selecionado para as aulas. Seu trabalho conta da história do povo sertanejo. Narrativas que são atravessadas por misticismo, lendas e lutas sempre ligadas à natureza (MONTEIRO, 2018). O artista não derruba uma só árvore para produzir. Toda madeira usada em seu trabalho é uma forma de denúncia, pois utiliza materiais, fruto do descaso humano, ou seja, pedaços de galhos secos encontrados por onde caminha, restos de árvores derrubadas no entorno do lugar onde reside e produz suas peças.

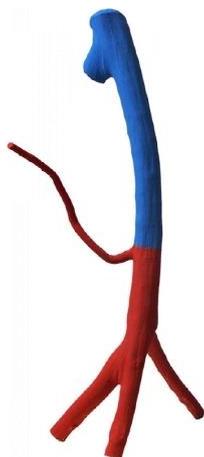


Figura 16- VÉIO. Figura. 93 cm x 100 cm. Madeira. Fonte: <http://www.galeriaestacao.com.br/artista/7>



Figura 17- - VÉIO. Que rei sou eu?
42 cm x 130 cm. Madeira
policromada. Fonte:
[http://www.galeriaestacao.com.br/a
rtista/7](http://www.galeriaestacao.com.br/artista/7)

As obras do Véio chamaram atenção dos alunos. Desde o primeiro contato, começaram a questionar o valor das obras, como os artistas ganham dinheiro, quanto custaria cada uma daquelas obras. Essa é uma curiosidade de muitos alunos, principalmente quando estão diante de peças de artesanato, ou seja, produções que não, necessariamente, são expostas em museus ou produzidas por alguém com conhecimentos acadêmicos.

Diante das questões, juntos, ponderamos que para um artista “ganhar dinheiro”, com sua arte, não é simples como pensavam e explicitaram durante os encontros. Primeiro, o artista tem que investir em si próprio, acreditar em seu trabalho, muitas vezes ele mesmo investe dinheiro em exposições, materiais, participação em eventos, para que possa divulgar seu trabalho e só depois de muito tempo conseguir ser reconhecido no meio artístico como tal, evidentemente que isso não é uma regra. Para exemplificar minha fala, retomei o exemplo de D. Izabel, artista abordada anteriormente, que só foi reconhecida depois que alguém, reconhecido por seus pares como alguém que “pode” identificar algo como arte, reconheceu suas peças como algo de valor artístico.

A pesquisadora Ana Mae Barbosa traz uma observação sobre as imagens do nosso cotidiano, nos dizendo que

Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens veiculadas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, *slogans* políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. (2002, p. 19)

Em sua fala, os estudantes acreditam que todo artista, que expõe em museus de arte, é rico. Acreditam que todo artista é famoso, ganha muito dinheiro, e essa fantasia vem da televisão que apresenta artistas (que atuam nas diferentes modalidades artísticas) em suas mansões, carros luxuosos, festas e viagens. Esse mundo ilusório – de glamour - povoa a mente dos alunos e, acredito, seja nosso papel como educadoras/es problematizar, desmistificar. A leitura de imagens em sala de aula ajuda a exercitar a consciência para aquilo que vemos diariamente.

A última apresentação foi de trabalhos da artista, educadora e curadora Rosana Paulino. Seu trabalho é bastante representativo ao abordar questões sociais, étnicas e de gênero. A leitura de suas obras também exigiu minha atuação como mediadora. Frente aos trabalhos, através de reproduções, percebi certa dificuldade, por parte dos estudantes, em apreender os elementos constituintes das obras, principalmente porque elas não têm título. Precisamos de títulos para realizar leituras de obras de arte? A obra precisa ser intitulada? Se não há uma leitura, partimos, em ambientes educacionais, daquilo que é apreendido, inclusive questionando e ponderando sobre o título, sobre a imagem, sobre ambos.

Ao contrário das obras de Regina Vater, que apresentam título e isso, na percepção deles, ajuda a interpretar as obras, nas imagens de Rosana Paulino a ausência de títulos se apresentou como dificuldade para realização das leituras.

A partir das imagens, trabalhei com os elementos presentes em cada obra: cores, costura, bordado, falamos do contexto em que a artista as usa em sua obra e sua luta, através da arte, por uma sociedade não racista. Isso nos levou a abordar questões relacionadas aos processos coloniais de escravização, ao racismo, ou seja, lemos as obras, contextualizando-as

historicamente, mas também acreditei ser importante pontuar a questão da mulher no campo das artes, com o objetivo de discutir a presença feminina na produção artística. Foi um momento muito importante do encontro, pois os estudantes participaram com perguntas, oferecendo testemunhos sobre aquilo que lembravam em relação a experiências e a assuntos sobre racismo e questões de gênero.



Figura 18- Imagem transferida sobre tecido, bastidor e linha de costura. 30 cm diâmetro, 1997.

Fonte:

<http://www.rosanapaulino.com.br/>



Figura 19- - Sem título. Impressão sobre tecido, ponta seca e costura. 58,0 x 89,5 cm, 2016.

Fonte: <http://www.rosanapaulino.com.br/>

Ao fim desta conversa perguntei aos alunos como foi, para eles, as ações voltadas para as leituras das imagens. Responderam que algumas eram mais difíceis, pois exigiam que tivessem diferentes tipos de conhecimento para

interpretar, entender o que estavam vendo e construir uma narrativa a partir do que era apresentado.

Questionei também se todas as obras que havia mostrado a eles eram arte. A maioria respondeu que sim, mas ficaram um pouco relutantes com as obras do artista popular Véio, pois as características de suas obras e como elas são feitas, consideraram simples, como eles próprios disseram, é um tipo de produção que “qualquer um faz”. Quando consideram a produção muito simples, eles desacreditam no potencial artístico do trabalho, não entendem como arte.

Ao analisar as respostas dos alunos diante do questionamento: **O que é arte?** também foi realizada uma categorização, para que as análises fossem mais pontuais. Assim, diante das respostas, os alunos entendem arte como: Expressão; Criatividade; Pensamento; Conteúdo; Percepção/ apreciação

Expressão

“É um modo que podemos expressar uma pintura, um sentimento, uma paisagem, tudo que podemos ver é uma arte”

“É um jeito de expressar suas emoções e colocar tudo em um papel em forma de arte”

“Arte é um meio de se expressar e mostrara a cultua como é e também coisas cotidianas passadas e atual”

“É uma forma de expressar, mostrar os seus talentos”

“Arte é toda forma de expressar (sentimentos e emoções) cultura, através do corpo, tela, entre outros”

“É uma maneira de expressar”

“É uma forma de se expressar, falar o que está sentindo no momento. É uma mistura de sentimentos. É feito por pinturas, esculturas, dança e teatro”

“Arte é um meio de expressão artística cultural”

“Arte é um meio de expressar visualmente, com pinturas, músicas, exposições artísticas, dança, instalações”

“É um conjunto de expressões que se formam através de imagens, dança teatro e músicas e serve para mostrar talentos”

“É uma maneira de expressar seus sentimentos através da dança, desenho, etc”

“É uma forma de expressar seus sentimentos e emoções assim como a música a arte não tem limites. Até onde sua criatividade vai?”

“é um meio de produzir expressando seus sentimentos em quadros estátuas ou qualquer outro tipo de monumento.”

“Arte é um modo de expressar de diferentes modos”

“Arte é forma de você se expressar, como desenho música, teatro, imagens, etc.”

“Arte é uma forma de você expressar sentimentos, emoções, cultura”

“É algo que nos permite expressar nossas ideias de formas diferentes”

“Arte é uma forma de expressão cultural e social”

“Arte é uma expressão cultural, através de tudo que se possa imaginar”

“Arte é toda forma de expressar, pintar, montar, esculpir, cerâmica, grafite, etc”

“Arte é uma pintura, desenho, dança, música, teatro, expressão corporal.”

“É uma forma de se expressar em diversas formas de pintura ou escultura”

“Arte é tudo aquilo que podemos expressar, admirar, sentir, desenvolver e compreender”

“Arte são obras realizadas por artistas, onde eles tentam se expressar por meio de suas obras”

“Arte é a maneira de nos expressar através de um desenho, pintura ou modelagem, entre outras coisas. Arte é a maneira de mostrar a nossa criatividade.”

“Arte para mim é um método do artista se expressar, mostrar ao mundo seu ponto de vista”

“é uma forma de expressar as obras e a história dos antigos”

“Um modo de se expressar de várias formas e meios”

“Arte é toda ideia que se tem na mente, é de expressar através de tudo”

“Arte é uma maneira de expressão cultural”

A partir das respostas mencionadas, podemos perceber que a maioria dos alunos compreende a arte como modo de expressão. Alguns a ligam com o fazer, mas o fazer mais acadêmico e também associam a arte ao belo. Alguns estudantes mencionam outras linguagens, além das artes visuais, a dança, música e o teatro, mas as artes visuais aparecem com mais recorrência nos relatos dos estudantes. Entendemos que a presença das artes visuais, na maioria das respostas, pode ocorrer pelo fato de os estudantes, em sua vida escolar terem, principalmente, contato com aulas dessa vertente artística.

Criatividade

“Arte é a criatividade de cada um, por exemplo, teatro, pintura, desenhos, obras, criações, tudo que criamos.”

“Arte é tudo aquilo que você inventa, um quadro ou uma moldura e vira arte”

“Arte é o que nós produzimos, como por exemplo: pinturas, teatro, obras; criações; tudo que criamos”

“Arte é a criatividade de cada um”

“Arte é uma forma de você conseguir visualizar obras e produzi-las;

“Arte é a criação de outras pessoas, seja na pintura, no teatro, nas instalações, a arte envolve muito a imaginação e a criatividade de cada indivíduo para ser realizada.”

“Tudo aquilo que se produz, ou seja, aquilo que vira sentido”

Criatividade, criação, invenção são palavras constantemente ligadas ao conceito de arte. E são recorrentes, pois a sociedade coloca o artista como o “ser criativo”, “genial”, “original”. São expressões muito comuns no dia a dia não só escolar. Na introdução de seu livro “Criatividade e processos de criação”, Fayga Ostrower considera “a criatividade um potencial inerente ao homem, e a realização desse potencial uma de suas necessidades” (2012,

p.05). Através dos registros entendemos que os alunos percebem esta característica marcante no artista.

Percepção/ apreciação

“Arte é tudo aquilo que pode ser admirado é uma coisa que desperta sentimentos nas pessoas e as fazem ficar felizes e admirados por verem a real beleza de alguma dança, música, artesanato, etc”

“Arte é tudo aquilo que pode ser visto, mas vai de cada pessoa como é o ponto de vista dela, pode envolver cultura, cores, formas, etc. É tudo aquilo que está ao nosso redor”

“Arte é tudo aquilo que é agradável aos olhos”

Estes registros apontam para uma visão de que arte é também contemplativa, para ser apreciada, que é agradável.

Pensamento

“Arte é um jeito de pensar que você aplica através de desenhos e pinturas”

“Algo que a pessoa desenvolve expressando algo que está sentindo e pensando no momento”

Conhecimento

“É o conhecimento das imagens, fotografias e pode se expressar com dança, teatro, música e outras coisas”

“É a habilidade do talento, conhecimento, e sua forma de se expressar”

Conteúdo

“São músicas, pinturas, esculturas ... criado às vezes para criticar, causar reflexão ou passar uma mensagem”

Este registro nos mostra que entendem que arte não se restringe às artes visuais e que ela pode além de tudo transmitir ideias, mensagem, ser crítica.

Talvez tenhamos aí alunos que já começaram a entender e trazer um significado para a arte dentro de um contexto mais político, mais crítico, pois atribuem ao conceito a questão da reflexão, ponto de vista, pensamento, conteúdo mesmo ainda misturado às outras questões que apareceram no restante das frases. Isso mostra como é preciso conversar sobre arte com eles. Mostrar que a aula de arte não tem que ser um fazer descolado, alienado da realidade.

2.2 Artista ou artesão: quem os separou?

Ao ler o texto “Entre arte y artesanía: elementos para pensar el oficio artesanal en la actualidad” de Vanessa Freitag, ao discutir sobre os modos de ver o artesão e o artista, ela traz três imagens de diferentes representações de corujas e questiona: “Quais foram elaboradas por mãos de artesão e quais foram feitas por mãos de artistas?”¹⁵ Indagação provocadora que me levou a reproduzir a ação, usando as imagens, do artista popular Véio, do artista Pablo Picasso e do artesão Marquinhos. Imagens que tem um mesmo tema: coruja.

Então, para a última aula, já entendendo um pouco do pensamento dos alunos sobre os conceitos de arte e artesanato, solicitei que pensassem e escrevessem sobre o que eles entendiam o que é ser artista e o que é ser artesão. Pedi que pensassem nas semelhanças e diferenças.

Depois da escrita deles, iniciei a aula com as imagens, apresentadas:

¹⁵ Tradução nossa



Figura 20- VÉIO. A Grande coruja. 45 cm x 110 cm
Madeira Policromada.
Fonte: <http://www.galeriaestacao.com.br/artista/7>



Figura 21- Pablo Picasso. Le Hibou Gris, 1953, Handpainted terracotta,



Figura 22- Marquinho. Artesão de Silveiras. Coruja Fonte: Acervo da autora.

Ao apresentar essas três imagens juntas, os alunos logo me disseram que a terceira imagem pertencia a um artesão da cidade de Silveiras, só não souberam identificar de qual artesão. Não reconheceram a coruja feita pelo artista popular Véo nem a do artista Pablo Picasso. Quando disse que a coruja, do meio, foi feita por Pablo Picasso, ouvi várias exclamações. Daí, voltamos ao assunto da aula anterior: “Essa é a coruja mais cara?” Lembrando-os da conversa, questionei: “Por que você acha que é mais cara? O aluno me respondeu: “Sei lá... talvez porque ele é mais conhecido que os outros...”

Faz parte do imaginário, não só dos alunos, mas da maioria das pessoas que quem trabalha com arte, e quem é artista é bem remunerado, acreditando que seu trabalho é vendido com valor muito alto. Contexto que nem sempre é verdadeiro, pois muitos artistas demoram para ter seus trabalhos inseridos no mundo da arte e aceitos como tal.

A discussão sobre esse tema leva o aluno a pensar sobre o mundo capitalista, sobre o processo de formação e criação do artista, sobre a valorização do trabalho pelo próprio artista e pela sociedade. Além disso, faz

questionarem quem dá a legitimação do título a alguém, por que é importante o título? Por que é importante o reconhecimento, a valorização do trabalho?

Ao acompanhar o que eles apresentavam de entendimento sobre arte e se diferenciavam artista de artesão, buscava, com essa discussão, ampliar os saberes acerca das temáticas envolvidas, aprofundando a questão sobre a separação entre arte e artesanato, artista e artesão, assim como sobre o processo histórico de separação. Como se deu tal processo? Durante os encontros, essa separação se evidenciou nas falas dos estudantes.

É com esse tipo de entendimento, dessa separação e diferença entre arte e artesanato, artista e artesão, que nós professores do ensino de artes podemos trabalhar. Auxiliar os alunos a refletir sobre essa questão em sala de aula, buscando não menosprezar os trabalhos manuais dos alunos, nem deixando que sobressaia a “genialidade e o talento” de uns e tão deixar que os alunos tenham essa ideia de que arte e artesanato são contrárias e que nada existe entre elas.

A partir do debate sobre a questão, destaco algumas percepções dos estudantes sobre as possíveis relações e distanciamentos entre arte e artesanato:

Semelhanças

“Não, pois artesanato também é arte”

“O artista faz obra em painéis com tinta o artista faz obra como escultura com materiais de madeira e vários outros, a semelhança é que os dois fazem obras para se expressar”

“São semelhantes, pois os dois usam algo para transformar”

“São criadores de obras, então são iguais”

“Na minha opinião não tem diferença”

“Os dois criam obras”

“Para mim os dois são a mesma coisa eles criam obras”

“Não tem diferença, pra mim os dois são a mesma coisa”

Nos registros dos alunos que consideram as semelhanças, o ponto principal dessas semelhanças é a criatividade. Reconhecem que tanto um como outro (artista e artesão), independente do que façam ou produzam, trazem como semelhança o ato criador.

Diferenças

“Artista só faz sua parte, tem tudo na mão. O artesão faz todo o composto de seu trabalho”

“A diferença é que o artista na maioria das vezes usa o corpo, a pintura etc, para demonstrar a expressão ou linguagem do corpo e o artesão sempre usa um material específico para os seus projetos artesanais”

“Artesão tem habilidade de artífices como carpinteiro, serralheiro, peças cerâmicas e mecânicas. Artista se desenvolve na arquitetura, onde o arquiteto é o artista e o artesão.”

“O trabalho do artista é mais valorizado do que o do artesão, e o artista produz uma única vez a sua obra e o artesão fabrica várias vezes.”

“O artista é reconhecido e o artesão não”

“O artista cria arte para expressar uma expressão cultural, já o artesão faz arte em grande escala para vendê-la, apenas para fins financeiros”

“Tem diferença, o artesão faz arte para mais vender e conseguir algum dinheiro, já o artista é mais para todo mundo ver sua arte”

“Tem diferença, o artista é reconhecido e já o artesão faz arte para se expor e os materiais são diferentes”

“Artista é de um teatro ou filme. Artesão é de artesanato, que faz passarinho. Os dois têm muito diferença entre eles, um faz uma coisa, cada um tem o seu propósito.”

“Sim, há diferença, porque o artesão constrói coisas, já o artista utiliza essas coisas”

“Artista é aquele que produz coisas. Artesão tem procedimento padrão”

“Artesão faz uma arte muito repetitiva e já o artista está sempre inovando, por exemplo ele pinta aquele quadro uma vez ou poucas vezes e o artesão tem um padrão a ser seguido.”

“Artista está sempre evoluindo e o artesão já tem um padrão”

“Artista ele evolui, renova, já o artesão fica só no jeito que ele produz artesanato, tem um padrão a ser seguido.”

“Ambos são muito semelhantes. O artesão cria e ganha em cima disso, o artista nem sempre. Seus estilos e inspirações são totalmente diferentes.”

“O Artista sempre faz coisas diferentes, sempre evoluindo, e o artesão tem um padrão a ser seguido”

“Artista fazem vários tipos de obras já o artesão é mais específico no que faz”

“A diferença é só a forma”

“O artista só faz suas artes de uma forma. E o artesão faz peças para que possa vender no artesanato”

“Acredito que o artista é aquele que faz suas obras e tem reconhecimento maior que o artesão. Cada obra tem uma valorização diferente vindo de nós.”

“O artista faz suas obras para gerar pensamento em outras pessoas. Já o artesão faz suas peças principalmente com objetivo comercial e com uma ideia estabelecida”

“Artista e artesão pra mim são diferentes, artista trabalha com seus sentimentos e artesão trabalha com madeira e outros objetos de artesanato”

“O artista expressa sua arte de forma única e o artesão cria uma técnica e segue o padrão, porém ambos são artistas com patamares diferentes”

“Sim, em minha opinião tem funções diferentes, o artesão faz arte e o artista expressa e tal, mas ambos são artistas.”

“Pouca diferença, pois a maioria quer lucro de suas obras ou atuações. A diferença é que o artista faz sua obra sozinho, já o artesão faz suas obras em conjunto”

Notamos pelos registros que as diferenças estão ligadas a um fazer padronizado (artesanato) e um fazer livre (arte), também à questão da venda do produto e ao reconhecimento maior do artista do que do artesão, questões antigas, vindas de uma história capitalista, elitista. Portanto, promover outras formas de olhar se faz cada vez necessário em nosso cotidiano educacional, no campo de ensino de artes.

Outras leituras e percepções

Ambos são artistas, porém o artesão faz o trabalho para uma renda para sustentar a família, já o artista não faz para uma venda barata de baixa renda, ele faz peças raras com outras técnicas, peças únicas, com valor alto e exige muito tempo. Mas para mim eu não vejo diferença, eu vejo diferença na técnica de pintura e outras artes também, mas ambos são artistas”.

“eu acho que os dois expressam e mostram seus talentos, mas um tem mais vantagem que o outro, nos acostumamos a dar mais valor nos artistas do que ao trabalho do artesão”

“Ambos expressam arte, mas o artista faz seu trabalho para ganhar fama e o artesão faz sua arte para sobreviver”

“Não tem diferença de artista e artesão, porém os dois produzem arte e muitas vezes são a mesma coisa”

“o artista ele é reconhecido pelo seu talento já o artesão também é, mas só que fazer uma arte já é mais difícil de ser conhecido”

“Os dois podem ser considerados artistas, mas os artesãos não são reconhecidos da maneira que deveria, essa é a diferença.

“Ambos são iguais, a única diferença é que o artista faz um único exemplar de sua obra, já o artesão faz vários exemplares”

“São trabalhos diferentes, mas pra mim são artistas”

“O artista expressa sua arte de forma única, já o artesão segue um padrão e expressa sua arte geralmente de forma física em madeira e tinta., mas ambos são considerados artistas, porém de formas diferentes.”

“Ambos expressam a arte, mas o artista faz para ganhar fama, ser reconhecido, já o artesão faz para ter sua renda, para sobreviver”

Nas falas destacadas como “outras leituras e percepções”, percebemos que os alunos reconhecem uma linha tênue entre arte e artesanato (que separa e ao mesmo tempo une), e que pela complexidade da questão fica difícil pontuar exatamente o que é um e outro. Com isso, percebemos que os estudantes se posicionam de forma mais aberta a outras leituras e indagações.

Depois de muitos apontamentos e conversas, os alunos chegaram a um lugar de resposta de que o reconhecimento para a arte e artesanato é oferecido pela sociedade, é ela que oferece o título de artista a alguém, mas que existem vários artistas que não são reconhecidos como é o caso dos artesãos da cidade de Silveiras. Para parte da comunidade local, que lançam um olhar sobre o assunto, aqueles que produzem o artesanato são artistas, mas são simples artesãos para outros, que só enxergam o lado da reprodução das peças, só veem o artesanato como fonte de renda.

Essa visão vem ao encontro do que apresentamos, dos dois artesãos entrevistados, Denise e Marquinhos, que também apontaram para a questão da desvalorização do artesanato local.

As ações desenvolvidas apontaram para o pensamento da comunidade frente à questão do artesanato local e do pensamento que eles, estudantes e artesãos, têm de arte e de artesanato. Com o objetivo de aprofundar os debates propus aos estudantes a realização de duas visitas: uma a um ateliê local e outra a Pinacoteca do Estado de São Paulo, localizada na capital paulista. Todo processo de planejamento, execução e atividade nos locais das visitas será tratado no próximo capítulo.

3

Entre a escola e o museu: lugares de aprendizagem em arte

O educador libertador tem que estar atento para o fato de que a transformação não é só uma questão de métodos e técnicas. Se a educação libertadora fosse somente uma questão de métodos, então o problema seria mudar algumas metodologias tradicionais por outras mais modernas. Mas não é esse o problema. A questão é o estabelecimento de uma relação diferente com o conhecimento e com a sociedade. *(Paulo Freire)*¹⁶

A escola não é o único lugar de aprendizado. Essa afirmação vem sendo desvelada desde o século XIX por diferentes pensadores e pensadoras da pedagogia Escola Nova¹⁷ em que propõem colocar o estudante em contato com diferentes situações, proporcionando vivências e experiências que ampliem não só o aprendizado e o conhecimento do aluno, mas também o relacionamento entre ele, seus colegas, pais e professores.

Pensando nestes lugares de aprendizado propusemos aos alunos a visitar a dois espaços: o ateliê de um dos artesãos da cidade de Silveiras, Marquinho Artesão e a Pinacoteca do Estado de São Paulo. Com a primeira visita, tínhamos como objetivo investigar a produção artística local junto aos alunos e viabilizar o contato deles com tal produção, com a segunda, buscamos analisar produções de arte contemporânea, com a finalidade de identificar quais leituras realizam esses estudantes em ambas situações.

Além de proporcionar momentos de leitura de imagens que pudessem contribuir para um certo movimento do olhar, um deslocamento do local para o

¹⁶ Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor / Ira Shor, Paulo Freire; tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

¹⁷ Escola Nova dá ênfase à expressão, preocupando-se com o aluno, seus interesses, sua espontaneidade e o processo do trabalho

global – o contrário também é importante, as visitas oportunizaram pensar sobre esses espaços e seus significados sociais.

3.1 - A visita ao ateliê do artesão Marquinho

Na sequência das aulas de artes no âmbito da sala de aula, as quais foram descritas no capítulo anterior, propus a realização de algumas visitas. Primeiro combinamos a visita a um dos ateliês da cidade, o ateliê do artesão Marquinho. Conversei com o artesão, agendamos a data e o horário em que visitaria, com os alunos, seu ateliê. Durante nossa conversa, solicitei ao artista que, durante o encontro, pudéssemos conversar sobre seu trabalho, processo de criação e produção das peças e o que mais se sentisse à vontade para falar com eles. Marquinhos, de início, achou que não iria contribuir muito comigo e com as aulas, pois acreditava que tudo aquilo já era conhecido pelos alunos.

Em sala de aula, conversei com os alunos sobre nossa ida ao ateliê do artesão Marquinhos. Mesmo que não conhecessem o lugar, muitos já o conheciam, então não seria novidade ter contato com a pessoa em si, nem em conhecer um ateliê, mas foi proposto aos alunos que prestassem atenção ao que o artista pudesse falar sobre os temas já combinados e que, a partir da fala dele, que pudessem realizar perguntas a partir do exposto.

Na data agendada, saímos da escola por volta das nove horas da manhã, a caminhada demorou uns 10 a 15 minutos até o local. Chegando lá, Marquinhos já nos esperava. Ele cumprimentou os alunos, um por um, já que, além de conhecer a todos, também conhecia seus pais. A cidade de Silveiras tem essa característica: todos se conhecem.

Assim que terminou as saudações, começou a conversa destacando praticamente tudo que me contou, em entrevista: sobre como ele começou a sua trajetória no artesanato, com quem aprendeu, sobre seu curso superior, como se instalou naquele local e como era antes, quanto tempo trabalhava com o artesanato, explicando como faz seu trabalho e respondendo a algumas perguntas dos alunos.

Também nos apresentou a oficina, onde pudemos ter contato com o maquinário e a parte superior, que é o espaço em que as peças são pintadas,

envernizadas e colocadas para secar. A visita teve duração aproximada de 40 minutos. O mais interessante foi mesmo depois da visita. O relato dos alunos. Alguns comentaram: *“Já estou acostumado com isso aí... vejo todo dia... não aguento mais”*, dizendo ainda que a produção vista no ateliê não apresentava novidade nenhuma, que era tudo igual.

Entendo nesta fala que os alunos que pensam desta maneira têm um olhar acostumado, massificado sobre a produção local. Não percebem a estética da produção, não reconhecem que apesar de “todos” os ateliês realizarem a produção de aves (araras, tucanos, corujas, passarinhos, etc), cada artesão tem sua poética.

Sobre essa questão, o artesão Marquinhos afirma que:

“Se você pegar uma arara que eu faço e for pegar todos que faz a mesma arara... mas só que não é a mesma, cada um tem o seu, sabe, o seu toque especial, seu jeito, seu estilo de fazer. Então, quer dizer... não é tudo igual.” (MARQUINHO. Entrevista concedida a Ana Paula Boaventura Mota de Lima. Silveiras, janeiro de 2019)¹⁸

Como já mencionado, realmente há muitos da comunidade silveirense que só percebem o lado da renda no trabalho artesanal, a produção local se torna pequena, para os que têm esse olhar.

Em contraste à fala do aluno mencionado, outros estudantes demonstraram ser apaixonados pelo trabalho com artesanato: *“Eu já aprendi a pintar!”*, contou-me uma aluna, falando, na maior alegria, sobre como foi o processo de aprender a pintar. Disse-me que, para isso, tem que ter leveza na mão, ficar tranquila e que no começo foi bem difícil para ela, que demorou um pouco para aprender. Retomando as palavras do artesão a quem acabara de ouvir, ela afirma que *“tem que ter paciência, ninguém nasce sabendo”*. Ela nos disse ainda que, em seu processo, foi persistente e que agora sabe pintar vários tipos de pássaros. Porém, não fica apenas na pintura, procura aprender de tudo um pouco, *“ficar bem informada”*, pois quanto mais sabe fazer dentro do processo artesanal, mais oportunidades de trabalho surgem.

¹⁸ Entrevista em Anexo, p. 140



Figura 23- visita ao ateliê do artesão Marquinhos, 2019. Fonte: acervo da autora

Em outros comentários percebemos um olhar mais curioso e atento:

Eu achei muito interessante essa experiência de nós alunos irmos lá pra ver realmente como é feito o artesanato na nossa cidade mesmo que alguns lá já tem o contato direto com essa profissão e ver essa maneira de como se faz o artesanato, como são os processos de fabricação nos dá uma visão mais ampla do artesanato.(aluno L.F.)

Eu esperava que fosse um local com mais matérias tipo que nem aquele negócio de cortar as peças de madeiras sabe, só tinha uma que estava funcionando. (aluna M.V.)

Estes comentários vão de encontro com o que a artesã Denise Penna comentou, de que há pessoas que moram em Silveiras e que não se interessam em conhecer a produção, são alheias ao processo de fabricação das peças. Vemos novamente a importância da escola e das aulas de arte para a formação estética e de valorização da produção artística.

No comentário a seguir temos estudantes mais sensíveis, mais atentos à produção local.

Foi legal; nunca tinha reparado que cada pessoa adota um jeito de fazer a Arara, o modelo pode ser até diferente, mas não foge daquilo que é o artesanato nosso (aluna V.A.)

Algo que está tão presente no nosso dia a dia que meio que se tornou mecânico, e nem prestamos tanta atenção nos mínimos detalhes (aluno J.P.)

Aproveitando a fala desta aluna que traz a ideia do olhar mecânico, podemos questionar: Será que ainda temos muitos olhares que não prestam atenção aos mínimos detalhes? Quais são esses mínimos detalhes?

Talvez esse tipo de olhar massificado seja o da grande maioria da cidade de Silveiras. Olhares acostumados, vazios de significado, enquanto as mãos se enchem de esperança e criatividade para transformar a realidade daquele lugar.

3.2 Da visita à Pinacoteca de São Paulo

Assim que convidei os alunos para participar desta pesquisa, falei resumidamente o que faríamos, qual seria nosso cronograma. Ao mencionar sobre a visita a uma instituição localizada em São Paulo, todos ficaram bastante eufóricos. Os alunos desta escola pouco saem da cidade, alguns nunca foram ao cinema, nem conhecem algumas cidades vizinhas ao município em que vivem.

Para nossa viagem à São Paulo, conseguimos o ônibus com a prefeitura da cidade de Silveiras, então um mês antes comuniquei a data da viagem, solicitei e recolhi as autorizações dos pais ou responsáveis e conversei sobre o que e quanto levar para o passeio.

Uma semana antes da viagem, as expectativas iam aumentando. Expliquei mais detalhadamente como e onde seria a visita. Falei da Pinacoteca_Luz, que é um dos mais antigos prédios da cidade de São Paulo, e que se trata de um museu de artes visuais com ênfase na produção brasileira do século XIX até a contemporaneidade. Fundado em 1905, a Pinacoteca Luz está instalada no antigo edifício do Liceu de Artes e Ofícios, projetado no final do século XIX pelo escritório de arquitetura coordenado por Ramos de Azevedo, que depois passou por uma ampla reforma, com projeto do arquiteto Paulo Mendes da Rocha, no final da década de 1990.

Durante nossa conversa informei que na Pina_Luz veríamos trabalhos de artistas brasileiros como Tarsila do Amaral, Portinari, Di Cavalcanti, assim como expliquei que durante nossa viagem iríamos na Pinacoteca da Estação, museu, inaugurado em 2004, que originalmente abrigou os armazéns e

escritórios da Estrada de Ferro Sorocabana. Seu edifício, também projetado por Ramos de Azevedo, foi totalmente reformado pelo arquiteto paulistano Haron Cohen para receber parte do programa de exposições temporárias e do acervo do museu.

Para que pudéssemos organizar nossa visita, solicitei aos estudantes que ficassem sempre em grupos, além de ressaltar os cuidados com os pertences materiais. Também combinamos que, conforme já havia programado, faríamos, nos dois espaços visitados, conversas a partir das leituras dos alunos sobre os trabalhos expostos, ação realizada sempre coletivamente.

A visita à Pinacoteca do Estado de São Paulo, e da Pinacoteca Estação, foi uma visita livre, ou seja, sem mediação oferecida pelo próprio museu. Na data que consegui o ônibus para levar os estudantes, não havia mais a possibilidade de agendamento para que a visita fosse acompanhada por educador/a da instituição. Então, visitei as exposições uma semana antes de levá-los para que pudesse conhecer o espaço, as exposições em cartaz e, com isso propor ações durante e após a visita.

Planejar é um exercício inerente ao ser professor. Em uma prática educativa consciente, nós professores planejamos nossas ações, prevemos recursos, procedimentos, mas muitas vezes somos pegos de surpresa, daí entram os famosos “planos B, C, D...”

De acordo com o historiador e filósofo da educação Jose Carlos Libâneo:

O planejamento é um processo contínuo de conhecimento e análise da realidade escolar em suas condições concretas, de busca de alternativas para a solução de problemas e de tomadas de decisões, possibilitando a revisão dos planos e projetos, a correção no rumo das ações. (2013, p. 125-126)

Como planejamento, visitei a exposição em cartaz, buscando também reconhecer os espaços, as obras, procurando saber qual era a proposta da curadoria, para que eu pudesse organizar, planejar e realizar a minha proposta com os alunos. A proposta educativa da Pinacoteca está registrada no guia de visita da instituição, que é coordenada por Milena Chiovatto, para quem

O recorte proposto pela mostra vai do período pré-colonial – imagens religiosas e de devoção, objetos de culto, adornos e altares, pinturas decorativas do interior de igrejas – aos anos de 1930, quando se estabeleceu no meio artístico brasileiro a distinção entre “belas artes” e a “arte moderna” (LIMA, CHIOVATTO, 2011, p.9)

Ao ter conhecimento sobre o espaço expositivo, planejei leva-los a ter contato com as obras do segundo piso, lá estavam as obras acadêmicas (em maior número), obras modernas e contemporâneas que dialogavam com os temas destas obras acadêmicas e que nos possibilitava criar contextos de leituras.

No dia da visita, me dirigi com os alunos diretamente para o segundo piso. Os estudantes ficaram encantados com tamanho realismo na representação das paisagens. É muito comum, quando apresentamos pinturas acadêmicas aos alunos, eles ficarem extasiados, pois têm aquela concepção de belo muito arraigado à ideia clássica de beleza e ao mesmo tempo à técnica



Figura 24- Estudantes na sala da Pinacoteca_Luz. Fonte: acervo da autora

A pintura acadêmica ficou por muito tempo no gosto dos brasileiros, que desde a chegada de D. João VI em 1808 ao Brasil e logo em seguida a vinda do artista Debret e companhia para a criação da Escola Imperial de Belas Artes, o brasileiro acostumou a apreciar a arte acadêmica, mesmo que esta sempre fosse proposta para a elite dominante.

José Luiz dos Santos (2006), professor de antropologia da Unicamp, nos conta que foi a partir da ideia de “refinamento pessoal que a cultura se transformou na descrição das formas de conhecimento dominante nos Estados

nacionais que se formavam na Europa a partir da Idade Média” (p,54), ainda, segundo este autor:

Esse aspecto das preocupações com a cultura nasce assim voltado para o conhecimento erudito ao qual só tinham acesso setores das classes dominantes. Esse conhecimento possuído pela maior parte da população, um conhecimento que se supunha inferior, atrasado, superado, e que aos poucos passou a também a ser entendido como uma forma de cultura, cultura popular. (SANTOS, 2006, p.54)

Ao ler estes dois autores, temos a ideia de como a classe dominante, que é a minoria letrada, usou o conhecimento como um dos meios de poder sobre a maioria iletrada. No Brasil, um dos pensadores que reconhece isso é Paulo Freire, quando ele trata da educação crítica e política, da educação pela liberdade e da esperança.

Quem nos diz que um é melhor que o outro? Quem diz que eu posso ou não frequentar um museu de arte? Quem diz que não sou culto? Paulo Freire quando indaga seus alunos adultos, produtores e consumidores da cultura popular, mostra, a nós educadores, a potência do nosso trabalho dentro da escola como agentes transformadores.

No campo da Arte/Educação, podemos citar Ana Mae Barbosa, que imbuída das ideias de Paulo Freire vai defender a importância da alfabetização visual como forma de ampliação de conhecimento cultural. Em seu entendimento

O que a arte/educação contemporânea pretende é formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte. Uma sociedade só é artisticamente desenvolvida quando ao lado de uma produção artística de alta qualidade há também uma alta capacidade de entendimento desta produção pelo público. (BARBOSA, 2014, p.33)

Uma das funções das aulas de arte é justamente levar entendimento sobre a produção artística cultural para a escola. Formamos público para realizar leituras críticas das artes.

Retomando a visita à Pinacoteca, acredito que o interessante deste piso é que junto com as obras acadêmicas havia obras modernas e contemporâneas de mesmo tema. Por exemplo, pinturas acadêmicas de paisagem, como a de Jean Jacques François Coindet de título “Fábrica Meuron no Andaraí” e a as obras “Dunas” de Mario Zanini que é uma obra abstrata, e

“Nuvens” de Carmela Gross, que é um trabalho realizado em placas de madeira de cor verde com formato de nuvens.

A presença desses trabalhos me levou, durante a visita, a chamar a atenção dos alunos, no sentido de provocar conversas a partir das leituras de cada um e do coletivo sobre cada obra, sobre o conjunto. Quais os significados daquelas obras para os estudantes? Durante a visita busquei mediar as leituras, provocando com questões que planejara anteriormente, mas outras que foram elaboradas a partir das leituras das obras, no momento mesmo da visita.

Em sala de aula, o professor é mediador de arte diante de uma imagem, nesta experiência, o olhar mediador do professor dentro do museu nos faz refletir sobre como é diferente estar diante da obra (ao vivo) falando sobre ela com os alunos. E, não é diferente somente para o professor, nos alunos também provoca outras sensações. Ao entrarmos na sala onde estavam as obras de Tarsila do Amaral os estudantes logo expressaram:

“Nossa, a Tarsila!” (relato 1)

“Desde pequena que eu pinto essa obra e a do pesão!” (relato 2)

“Nossa, já fiz essa obra várias vezes!” (relato 3)

Olharam em volta para procurar a obra “Abaporu”, mas não encontraram. Expliquei que esta obra não pertencia ao acervo da Pinacoteca e que ela integra o Museu de Arte Latino-Americana de Buenos Aires (MALBA), ficaram curiosos e chateados, mas as outras obras ali presentes “Antropofagia” (1929), “Distância” (1928), “Carnaval em Madureira” (1924) e “São Paulo” (1924), foram o suficiente para inúmeras fotos e selfies por eles registradas.

Chamei atenção dos alunos e perguntei se eles conheciam o contexto daquelas obras. Nenhum deles sabia. Nada souberam dizer sobre a Semana de Arte Moderna de 1922; nem sobre antropofagia e muito menos sobre a fase pau-brasil a qual da Tarsila também participou. Explanei sobre o assunto com eles, fui chamando atenção para as obras, seus detalhes, pinceladas, técnicas. Além da Tarsila, puderam visitar e ver as obras de Di Cavalcanti, Portinari, Lasar Segall entre outros.

Trago, novamente, algumas expressões dos alunos:

“Nossa, a Tarsila!” (relato 1)

“Desde pequena que eu pinto essa obra e a do pesão!” (relato 2)

“Nossa, já fiz essa obra várias vezes!” (relato 3)

Quando ouvi estes apontamentos, pensei: “Que bom que eles já viram, que conhecem essas obras”, mas ao mesmo tempo trazem na fala somente o fazer. Um fazer desvinculado de contextualização histórica, social, cultural, entre outras possíveis.

Na proposta introduzida no Ensino de Arte por Ana Mae Barbosa e seus colaboradores, a Abordagem Triangular aponta para a importância das ações: leitura, produção e contextualização. Contudo, segundo Monteiro e Mostafa (2010) ao investigarem as tendências de produção científica em Arte/Educação nas instituições de ensino superior, elas destacam que:

Nas instituições de ensino, quando se fala em leitura e releitura de obras, encontram-se muitas divergências quanto à utilização desses termos e dos processos educacionais que envolvem essas duas práticas; existe certa confusão, em nome da Abordagem Triangular, quando os professores trabalham a releitura como cópia. (MONTEIRO, MOSTAFA, 2010. p.205)

Ainda segundo as autoras, a “falta de compreensão dos processos de leitura e releitura por alguns profissionais da educação pode desencadear uma prática copista”, que ocorre:

quando a imagem é apresentada para o educando, sem a devida orientação, esta vai representar apenas um objeto de modelo, para um exercício vazio. Essa estratégia de ensino usada como prática comum poderá causar no educando uma estagnação na sua própria criatividade, passando então, a se utilizar da cópia como forma de expressão contínua e repetitiva. (MONTEIRO, MOSTAFA, 2010, p. 206)

As falas dos alunos relatadas acima são indicativas de aulas de arte que recorrem ao uso da estratégia de releitura em que o método empregado por muitos professores é: apresentar a obra, falar do artista, solicitar que os alunos

olhem para a reprodução e que realizem a cópia. Dessa forma, acreditam que estão fazendo releitura!



Figura 25- Estudantes na sala da Pinacoteca. fonte: acervo da autora

Conhecer a exposição antes de levar os alunos me proporcionou escolher o roteiro para a visita, possibilitou também a definição do objetivo do percurso. No processo de escolha dos percursos e obras, pesava a questão sobre o que prevaleceria nos percursos, que perguntas poderiam ser feitas, que obras poderiam ser feitas as leituras e, importante, que leituras poderiam emergir?

A visita teve um significado muito relevante. Ao realizarmos esse tipo de ação com os alunos, abrimos um leque de possibilidades de leituras as quais eles levam para a sala de aula depois, por exemplo, aqueles que viajaram para a visita, fazem links constantemente com tudo o que eles viram na viagem e nas exposições. A fala deles diante de uma imagem ou atividade hoje é pautada em uma experiência significativa, marcante, que contribui para seu pensamento criativo, para sua leitura e produção.

Ao iniciar pelas salas de obras acadêmicas e depois caminhar para as salas onde são expostas obras de arte modernistas, tratei de questões do campo da História da Arte. Fomos caminhando pelas salas do museu, discutindo sobre obras históricas que retratam, através das pinturas de gênero, uma arte erudita, de grande influência europeia até chegar no modernismo, numa proposta em que percebessem a quebra da concepção de belo ideal, presente em grande parte da história da arte, inclusive no Brasil.

Durante a visita, os estudantes não fizeram nenhum tipo de comentário ou pergunta que indicasse relações entre a cidade, o museu e as obras com a cultura da cidade em que vivem ou do seu trabalho com artesanato de maneira específica. Não foram feitas relações entre o artesanato e as obras de arte expostas na Pinacoteca. Os comentários e comparações se relacionavam mais à beleza do lugar. A Pinacoteca tem uma estrutura gigantesca, nunca frequentada e nem imaginada por eles, até o elevador foi novidade. Quando eu os questionava sobre possíveis relações entre a cultura local e aquela que estavam vivenciando, destacavam que: “É muito diferente!”.

No momento em que realizamos a visita, conhecemos o trabalho do artista tailandês Tiravanija, denominado *untitled 2019 (demo station n.7)*. Trata-se de uma estrutura aberta, um palco com estrutura em espiral pensado para uma experiência teatral performática, que fica à disposição para a livre utilização dos visitantes. Naquele momento, não havia nenhuma programação específica para aquela obra e como queria que os estudantes experimentassem aquele espaço, planejei uma ação que envolvia música e corpo, a ação foi pensada considerando que se trata de um grupo de estudantes que gosta muito de cantar. Em seguida, a ideia era falar sobre a experiência, em conversa coletiva, em roda, no mesmo espaço.

Naquele mesmo dia havia outro grupo ocupando o espaço, a obra de arte era um grupo de alunos do Instituto de Artes/UNESP que estava acompanhado pelas professoras Rejane Coutinho e Rita Bredariolli. Ao nos aproximarmos, verificamos que discutiam, questionava sobre a importância do ensino público de arte. Ao identificar e reconhecer o grupo, levei os estudantes para o palco com a intenção de que, ao acompanhar os debates, pudessem vivenciar a proposta trazida por aquele coletivo. Houve, então, uma mudança de planos, o espaço já estava ocupado e cantar naquele momento poderia atrapalhar a ação dos que ali estavam. As mudanças não são necessariamente ruins, podem ser boas na medida em que buscamos nos abrir para elas.

Ao nos juntarmos com o grupo de estudantes do IA/UNESP, percebi que os estudantes da minha turma se sentiam envergonhados para falar algo. Para eles tudo era novo e se expor em um local desconhecido causava muita timidez. Mas diante das conversas e provocações alguns alunos participaram com falas e registros nos papeis e no tecido que continha a frase “Qual a

importância do ensino público de arte?”, que tinha a função de receber os registros dos participantes depois da conversa com o coletivo. Foi um momento de reflexão sobre o tema e importante para a pesquisa porque puderam perceber que precisamos conversar sobre arte.



Figura 26- participando do coletivo junto com o grupo de estudantes e professoras IA – UNESP. Fonte: M.V. aluna do 2º EM A



Figura 27- participando da conversa coletiva com o grupo de estudantes e professoras do IA UNESP. Fonte: Acervo da autora

Os alunos com quem trabalho não são acostumados com aulas de arte em que o debate é uma constante. Como é a primeira vez que trabalho com esta turma, senti isso. Aula de arte para eles é para “fazer alguma coisa”, não é entendida como um momento para reflexões. Toda aula os alunos esperavam que fossem fazer algum desenho.

Depois da visita, quando conversamos, chamei a atenção do grupo para este momento na Pinacoteca, alguns gostaram e entenderam a proposta, outros, não conseguiram ver a importância da proposta do octógono (palco que ocupamos com os estudantes do IA-UNESP), mesmo depois das discussões em sala.

Saindo da Pina_Luz, fomos para a Pinacoteca da Estação, ou Pina_Estação, a qual também visitei uma semana antes, assim, optei por apresentar e conversar sobre o artista Marepe¹⁹ e suas obras em exposição no museu. Escolhi este artista por ser contemporâneo e seu trabalho fazer uso de materiais diferentes, relacionados ao cotidiano. Seria bem diferente do que viram na Pina_Luz. Assim que chegamos fomos para o espaço em que se encontravam os trabalhos do artista.

Chegando no andar, falei sobre o artista, quem era, a proposta de seu trabalho e chamei atenção para algumas das obras e seus materiais, como por exemplo “Os filtros” (1999) que é uma instalação com filtros de cerâmica sobre bancos de madeira; a instalação com guarda-chuvas “Cânone” (2006) e “Chorinho” (2009) feita com carretéis suspensos de linha de costura azul, que caem, fio por fio, em tonalidades diferentes, até o chão.

As obras, a princípio, causaram certo estranhamento e os alunos ficaram atônitos num primeiro momento. Olhares que pareciam não entender o que viam, muitas vezes pareciam duvidar, mas quando começaram a andar pela sala, olhando para as obras, chegar perto delas, tirando fotos, foram se sentindo mais à vontade, começaram a fazer muitas perguntas, momento em que pude conversar e devolver os questionamentos em forma de reflexão.

Entendendo meu papel ali, pois também não tínhamos conseguido agendar uma visita com participação de educador da instituição para nos

¹⁹ Marcos Reis Peixoto, no início de sua trajetória, realiza esculturas de concreto. Na década de 1990, passa a utilizar em suas instalações objetos do cotidiano, como latas de cerveja, trouxas de roupa, caixas de cigarro ou papelão. site Enciclopédia Itaú Cultural 1998

acompanhar na visita, me coloquei mais uma vez na posição de mediadora. Segundo Rejane Coutinho (2009)

A mediação pode potencializar esse processo de interpretação, seja no momento da ampliação, quando o mediador alimenta o leitor com novas informações, seja na articulação dessas informações, quando o mediador instiga o leitor com questões que provocam reações. (p. 176)

Durante a visita o que mais me perguntavam era: “O que isso significa?” “O que ele quis dizer com isso?” “Nem pensei que dava pra fazer arte com um balde!” “Nossa, pode usar os óculos?”. Como “mediadora” buscava responder os questionamentos com outras perguntas: diante das obras de Marepe, o que significa isso para você? Você já leu o título da obra? Isso te sugere algo? Qual o significado dessa obra para você? Ia andando pela sala de exposição e questionando a todos.

Nas casas de artesanato da cidade de Silveiras, é muito comum colocarmos as mãos para escolher o que comprar. Nesta exposição percebi os alunos mais à vontade, querendo tocar em tudo, experimentar. Talvez a proximidade dos objetos usados pelo artista tenha despertado a vontade de tocar as obras.



Figura 28- Estudantes na sala da Pina_Estação. Fonte: acervo da autora



Figura 29- Estudantes na sala da Pina_Estação. Fonte: acervo da autora



Figura 30- Estudantes na sala da Pina_Estação. Fonte: acervo da autora

Logo após a visita, os estudantes ficaram livres para visitar outros espaços do museu, cada um seguindo, fazendo seu próprio percurso. Ao propor que cada estudante visitasse sozinho ou em pequenos grupos (mesmo que eu acompanhasse de longe), buscava compreender o que lhes chamava atenção, sobre o que conversavam, que obras outras prendiam seus olhares. Após nossa saída desse museu, me disseram que gostaram mais da estrutura da Pina_Luz, o “museu de tijolinhos” chamou mais a atenção dos estudantes.

3.3 Retomando a aula pós experiência no museu de arte...

De volta para a escola, pedi que escrevessem sobre a visita. Como foi? Do que mais gostaram? O que surpreendeu? Do que não gostaram? Quais as

sensações? O que acharam da cidade de São Paulo? Que diferenças e semelhanças podiam elencar entre a cidade visitada e a cidade em que vivem?

Destaco alguns comentários:

“A viagem foi muito agradável, gostei praticamente de todas as coisas que vi. A experiência de conhecer novos lugares é sempre bem-vinda; as obras têm suas distinções, pois retratam coisas totalmente diversificadas.

A experiência de presenciar algumas obras que já conhecia por fotos e livros foi muito prazerosa e divertida. Das obras de Marepe, o varal de guarda-chuvas foi o que me encantou, achei uma bela obra”(aluno 4)

“Ver as obras de perto nos dá outro ângulo, dá a sensação de estarmos dentro das obras. O que mais me chamou atenção nas obras é que nelas há objetos que usamos no nosso dia a dia, objetos que eu nunca pensei que poderia virar arte” (aluno 5)

“Gostei de ver as exposições da Pinacoteca e a discussão sobre o que é arte. Houve um choque muito grande, do interior para a capital. Foi uma percepção totalmente diferente, pois via obras de arte apenas em livros e na internet.” (aluno 6)

“Foi bom conhecer outros lugares e foi inesquecível a viagem. O que mais gostei foi os museus para entender um pouco mais de arte. Não gostei de ver a pobreza nas ruas. (aluno 7)

“É muito diferente, né. Tem mais pessoas nas ruas, os movimentos, muito carro, prédio entre outras coisas. As pessoas passam não conversam muito nas ruas, não falam bom dia (...)”(aluno 8)

“É muito assustador e ao mesmo tempo muito interessante ver coisas que víamos apenas na TV e poder ver de perto” (aluno 9)

“A viagem pra mim foi muito boa, pois vi que arte está em todos os cantos de formas diferentes.” (aluno 10)

“Em Silveiras em qualquer lugar na cidade que você vai, você encontra vários artesanatos espalhados um perto do outro já lá não, é um lugar feito que não tem muitas culturas espalhadas” (aluno 11)

“A viagem pra mim foi ótima, gostei de ver as obras e conhecer lugares diferentes onde eu nunca tive oportunidade de conhecer antes. Percebi em São Paulo como é o modo de vida das pessoas que vivem na rua. Quando vi as obras realistas no museu pude perceber traços da pintura que são realistas o modo como a obra foi feita, onde através do livro, isso não é possível perceber.

Algo que me chamou percebi que mais me chamou atenção é a diferença do ar poluído o que não acontece em Silveiras” (aluno 11)

“Foi uma viagem maravilhosa e inesquecível; gostei de ter ido visitar o shopping; não gostei de ver os moradores de rua com fome e pedindo para as pessoas e ninguém parava para ouvir.

Foi uma experiência diferente, já que não estou acostumada a ver trânsito todos os dias, helicóptero sobrevoando a cidade toda hora, o ar tão poluído, os prédios altos, etc. Das pessoas não se cumprimentarem, dar atenção ao que o outro está falando.

Ver as obras de arte de perto foi incrível e espetacular, pois de perto percebi mais traços, detalhes e cores que não tinha visto nos livros; a maneira de se expressar, as cores e os traços.

Senti como se eu estivesse vendo e visitando um novo mundo, repleto de coisas diferentes do cotidiano.” (aluno 12)

“Foi muito legal, interessante e foi importante para expandir o conhecimento sobre arte. Gostei das obras da Tarsila do Amaral, por ser totalmente diferente da que víamos na escola.” (aluno 13)

“Foi muito interessante, pois tinha muita vontade de conhecer algumas obras e ter mais conhecimento sobre elas. Gostei muito das pinturas à óleo e as esculturas que são diferentes pessoalmente. Sair do lugar que está acostumado é totalmente diferente, você expande mais o seu conhecimento e visualiza coisas que não conhecia. Pessoalmente as obras são incríveis e você consegue visualizar melhor.

Na exposição do Marape gostei da maneira que ele usa objetos do cotidiano e transforma em arte. Percebi que as obras são diferentes, cada artista tem uma maneira de produzir, os objetos usados no nosso cotidiano transformando em arte é visto de maneiras diferentes.” (aluno 14)

Pelos registros dos alunos, dá para perceber como vivenciar aquele novo espaço, estar diante das obras, ver as pincelas, reconhecer objetos foi muito prazeroso, provocou sensações que não conheciam, pois estar diante de uma tela não é o mesmo de estar diante de uma reprodução da obra de arte

em um livro. São experiências e aprendizados que se constroem de formas diferentes.

Outro destaque é a diferença entre as cidades, mas foi importante que eles puderam vivenciar esta diferença e não só ouvir falar que a capital é diferente do interior do Vale do Paraíba. Em Silveiras não há moradores de rua, o ar é limpo, sem poluição, as pessoas se cumprimentam todas as vezes que se veem na rua, o tempo parece passar de outro modo. Em São Paulo, capital, tudo é uma correria, muito trânsito, as pessoas mal se olham, o ar parece sufocante para quem não está acostumado. Características que causam, em quem conhece pela primeira vez – e mesmo para quem já conhece a cidade e visitou muitas vezes – certo estranhamento, quando comparado a pequenas cidades do estado e do país.

Sobre essa questão, uma aluna destaca que:

“Em Silveiras em qualquer lugar na cidade que você vai, você encontra vários artesanatos espalhados um perto do outro já lá [em São Paulo] não, é um lugar feito que não tem muitas culturas espalhadas”

A aluna percebe que a cultura local que ela vivencia em sua cidade não aparece na capital. É como se em São Paulo as manifestações populares acontecessem em lugares certos, destinados, com agenda marcada e na sua cidade as manifestações estão presentes no dia a dia.

Já para outra aluna: *“A viagem pra mim foi muito boa, pois vi que arte está em todos os cantos de formas diferentes”*, reconhecendo a arte em todos os lugares e modos de representação, não só como ela vê em sua cidade, conseguiu perceber que a arte existe em diferentes modos, materialidades, suportes e lugares. Ainda segundo esta estudante, *“sair do lugar que se está acostumado viver é totalmente diferente, você expande mais o seu conhecimento e visualiza coisas que não conhecia”*.

Sair do lugar de costume é uma oportunidade de expandir o conhecimento, ver o que não conhece. Vivenciar novos lugares é muito importante para a ampliação de conhecimento de forma consistente e consciente.

O filósofo John Dewey (2010, p. 117) nos fala que “nenhuma experiência de nenhum tipo constitui uma unidade, a menos que tenha qualidade estética” qualidade esta que se dá através da interação prática com o objeto ou com o lugar que se anseia chegar ou conhecer. Através dos relatos dos alunos percebemos que a experiência que tiveram no museu, no contato com as obras de arte só vistas até então nos livros, foi uma experiência de qualidade estética, pois não foi só uma experiência discursiva, mas também uma experiência singular, experiências reais que marcaram de alguma maneira cada aluno, e sobre as quais eles podem dizer algo, tendo em vista o antes e o depois da visita.

Vemos isso no relato da aluna

(...) Foi uma experiência diferente, já que não estou acostumada a ver trânsito todos os dias, helicóptero sobrevoando a cidade toda hora, o ar tão poluído, os prédios altos, etc. Das pessoas não se cumprimentarem, dar atenção ao que o outro está falando.

Ver as obras de arte de perto foi incrível e espetacular, pois de perto percebi mais traços, detalhes e cores que não tinha visto nos livros; a maneira de se expressar, as cores e os traços.

Senti como se eu estivesse vendo e visitando um novo mundo, repleto de coisas diferentes do cotidiano.”

Ao relatar o que sentiu, suas percepções, comparações, e se projetar para “um novo mundo” e pensar sobre essa experiência quando é solicitada, nós educadores percebemos como é importante sair do lugar habitual com os alunos e levá-los a lugares que movam pensamentos e sentimentos diferentes. E conversar com os alunos sobre esses momentos faz com que compartilhem suas sensações, emoções e adquiram novos conhecimentos com os outros colegas e com nós professores.

Após as visitas aos museus, em São Paulo, investimos, em sala de aula, em ações que envolviam discussões a partir dos registros escritos e visuais. Essas conversas envolviam não somente o visto e vivido em São Paulo, mas buscavam retomar ações realizadas antes, nas aulas de artes. Dentre os registros destacamos algumas perguntas que emergiram a partir do encontro e debate com o grupo de alunos do IA-UNESP, na Pinacoteca, são elas: conversamos sobre arte? quando? Em que lugares?

Os estudantes perceberam que pouco conversaram sobre arte no decorrer da sua escolaridade e que ainda há professores que levam desenhos prontos para pintar, atividades mecânicas para realizar em sala. Neste momento, senti necessidade de falar um pouco sobre a história do ensino de arte no Brasil, a conversa tinha como finalidade contextualizar determinadas práticas do campo de ensino de artes.

3.4 Efeitos da visita...

Podemos perceber alguns efeitos que a visita provocou nos alunos que dela participaram. Não só em relação a visitar museu e a buscar ler criticamente obras de arte, mas em relação à diversidade de imagens apreendidas por eles.

Desde seu planejamento, e aí destaco que as visitas, em qualquer espaço expositivo, ganham um significado maior quando são planejadas com antecedência e quando o professor, disposto a conhecer a cultura local da comunidade escolar, tem a sensibilidade de perceber e traçar um roteiro que propicie uma experiência aos estudantes, até o retorno para a escola na aula seguinte.

A euforia para esperar o dia da viagem. Acordar mais cedo que que necessário. Chegar antes de todo mundo só para “pegar o melhor lugar no ônibus”; preparar o que vai levar para comer durante a viagem, quanto levar para gastar lá e com o que gastar, escolher a roupa adequada, pois o clima de São Paulo muda rapidamente!

O que falar do caminho? A Rodovia Presidente Dutra era desconhecida por muitos destes alunos. Onde fica Aparecida do Norte? Já passou Guaratinguetá? O que é aquilo? Onde estamos? Falta muito para chegar? Minha mãe ligou para saber onde estamos!

Uma viagem embalada por muitas perguntas, mas também por momentos de muita música. Como cantaram! Moda de viola, sertanejo raiz, sertanejo atual, funk, pagode... uma *playlist* imensa. Muitas risadas e causos

contados pelo caminho. Na ida e na volta! A diferença é que na volta a conversa foi sobre o que vivenciaram durante a visita.

Conversar com os alunos sobre como foi tudo e tendo participado com eles de todo esse movimento faz com que eu reflitisse ainda mais sobre o papel da arte na escola e o meu de professora de arte. O professor tem um papel importante enquanto mediador (em sala de aula em exposições de arte) no trabalho com artes. Utilizar os espaços da sala de aula e do museu como lugares de conversa sobre arte e potencializar o conhecimento sobre o campo artístico não se dá sem escolhas conscientes e pesquisa articulada ao contexto histórico e cultural dos alunos e do objeto de apreciação.

Cabe destacar que a conversa sobre arte nas escolas pode ampliar o olhar do aluno diante da própria disciplina, possibilitando pensamento crítico e reflexivo. Conversar sobre arte se faz tão importante quanto o fazer, pois a proposta triangular deixa claro que é um tripé que se sustenta, um não é mais importante que o outro.

4

As produções

*Além de um ato de conhecimento, a educação é também um ato político.
É por isso que não há pedagogia neutra. (Paulo Freire)²⁰*

Todo planejamento das aulas para esta pesquisa se baseou na Proposta Triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa. Esta proposta ou abordagem dá liberdade ao professor de propor a sua metodologia, ou seja, decidir sobre o caminho pelo qual vai percorrer com o aluno dentro do trabalho com a leitura e interpretação da imagem, seja ela uma reprodução de obra de arte, seja uma imagem do cotidiano.

A proposta triangular se baseia em um tripé: produção, leitura e contextualização. Nem sempre nessa sequência, pois é exatamente aí que entra o planejamento do professor, quando ele escolhe com qual ponta deste tripé quer começar a sua aula.

A professora da UNESP Dra. Rita Bredariolli, nos explica que os fundamentos da Abordagem Triangular não podem ser caracterizados como um método disposto hierarquicamente e nos fala que:

A Abordagem Triangular foi estruturada como um organismo, articulado pela interpretação e interdependência entre suas totalizadoras – a “leitura” crítica, contextualização e produção – realizadas no diálogo entre professor e aluno. Há uma condução, mas também uma abertura para a mudança de caminho, condicionada à participação do aluno. Por essa condição a Abordagem Triangular assume a característica de um sistema epistemológico e não metodológico de Ensino da Arte. (BREDARIOLLI, 2010, p.36)

²⁰ Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor / Ira Shor, Paulo Freire; tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

Essa liberdade de condução e abertura para a mudança traz ao professor a possibilidade de propor e dialogar com os alunos os meios pelos quais vão seguir juntos dentro da construção do conhecimento em arte.

O meu caminho foi iniciado pela leitura das imagens de obras de arte e trabalhos dos artesãos da cidade de Silveiras, em sala de aula, seguido da contextualização e reflexão sobre o que estávamos vendo e conhecendo naquele momento. Continuamos lendo e contextualizando quando fomos visitar o ateliê do artesão da cidade e a Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Decidi realizar o trabalho com as produções plásticas com os alunos por entender que é uma das ações que compõem a Abordagem Triangular e que assim estaria “fechando” um ciclo, mas no decorrer das atividades, desde a primeira aula, já estávamos produzindo. Estamos acostumados a pensar a abordagem assim: PRODUZIR, LER, CONTEXTUALIZAR ou CONTEXTUALIZAR, LER, PRODUZIR ou LER, PRODUZIR, CONTEXTUALIZAR... e vários outros conjuntos de práticas, porém não nos atentamos que produzir não está somente no campo do desenho ou qualquer outra produção plástica, e que a produção pode ser de várias maneiras, inclusive através de reflexões e conversas em que compartilhamos nossas formas de pensar com artes, ou seja, não estão presas a um fazer que resulte em uma materialidade, como mencionado acima a uma produção de uma pintura, por exemplo, como eu entendia.

Para a professora Regina Stela Machado (2010) essas três ações da Abordagem Triangular podem se manifestar concretamente em inúmeras relações e aponta que o eixo das produções envolve ações que se configuram toda vez que alguém produz de alguma forma

Refere-se à realização de uma escultura, dança, música, filme, ou outras formas de produção artística; refere-se à produção de pensamentos sobre arte, por exemplo, quando alguém escreve um texto dando forma a ideias; refere-se a experiências de leituras, quando alguém, diante de uma obra de arte, configura para si mesmo um encontro e “entende poeticamente”, quer dizer, realiza para si mesmo uma forma significativa de encontro com aquela obra. (MACHADO, 2010, p. 65) (grifo da autora)

Durante as ações propostas, houve, além das produções que serão apresentadas neste capítulo, outras realizadas durante todo o trajeto deste trabalho com os alunos, e que já foram expostos nos capítulos anteriores e mesmo que no momento das análises eles não tenham sido tratados com um “fazer”, podem ser considerados como tal, pois foram registros produzidos dentro de um contexto que exigia sistematização do conhecimento que tinham de arte/artesanato, artista/ artesão.

Diante desta ponderação, neste capítulo, apresentarei a parte da produção plástica dos alunos em sala de aula. Sim, mesmo compreendendo que o fazer não se limita a uma produção plástica, decidi conscientemente seguir esta possibilidade.

4.1 Proposta da atividade

Depois de toda conversa já colocada aqui sobre a leitura das obras e as visitas, cheguei à sala de aula com vários materiais para produção do nosso trabalho: sulfite, cartolina, papel crepom e papel guachado (cores diferentes), giz de cera, lápis de cor, caneta hidrográfica, tinta, pincel, massinha de modelar, arame, durex, fita crepe. Olharam para o material e me perguntaram para que era e o que faríamos, daí respondi falando que faríamos uma produção plástica.

Logo me perguntaram o que era produção plástica, respondi que é toda produção que envolve a manipulação de materiais para construir formas e imagens de acordo com a concepção de cada um. E assim, solicitei que pensassem nos temas relacionados à cultura local e que realizassem um trabalho plástico sobre ele. Discuti sobre esses temas, lembrando o que já havíamos conversado sobre a cultura local. Disse também que poderiam usar quaisquer daqueles materiais dispostos sobre a mesa e que poderiam usar a técnica que quisessem.

Perguntei se conheciam alguma técnica que pudesse ser usada na composição dos trabalhos. Foi unânime o silêncio. Somente depois que eu questionei se eles alguma vez já tinham feito a técnica do pontilhismo, é que lembraram da técnica e disseram que já haviam feito isso na pré-escola ou no

Ensino Fundamental 1 (1º ao 5º ano). Indaguei sobre outras técnicas e não lembravam, daí senti a necessidade de levar exemplos de técnicas, pois estava vendo que o trabalho deles ficaria no sulfite e no lápis de cor, pois era com isso que eles tinham mais afinidade.

Notei, também, que os alunos queriam fazer um trabalho mais relacionado ao acadêmico, um desenho realista. Daí rememorei com eles tudo o que vimos nas visitas em São Paulo. Será que preciso de um desenho realista para tratar de um tema? O que vocês viram na exposição foram somente obras realistas, realizadas dentro de padrões e regras estabelecidas pela academia ou vocês também viram várias formas de se expressar e vários materiais usados colaborando com a expressão do artista?

Então, na aula seguinte, apresentei um Power Point com exemplos de diferentes técnicas para estimular e movimentar o trabalho dos alunos: pontilhismo, grafismo, desenhos estilizados, geometrizados, apresentei também o expressionismo, o fauvismo, o cubismo, o mosaico, as esculturas com diferentes materiais e alguns trabalhos mais contemporâneos. E propus a eles que explorassem os materiais e os próprios traços. Que não tivessem medo de realizar o trabalho, uma vez que cada um tem seu traço, seu modo de ver a realidade, assim, cada trabalho ganharia sua expressividade e traduziria a sua poética.

Confesso que foi difícil! Muitos queriam cópias prontas de araras, tucanos, cavalos, pois diziam que “não sabiam desenhar”! Para muitos adolescentes, o ato desenhar exige talento e um desenho só é bom quando ele é uma cópia perfeita da realidade. Por isso logo recusam o convite para a realização do desenho. Ideias histórica e culturalmente construídas que persistem na atualidade.

Para Ana Angélica Albano, professora da UNICAMP/SP:

Toda criança desenha. Tendo um instrumento que deixe uma marca: a varinha na areia, a pedra na terra, o caco de tijolo no cimento, o carvão nos muros e calçadas, o lápis com tinta no papel, a criança brincando vai deixar sua marca, criando jogos, contando histórias. (ALBANO, 2012, p.15)

Podemos dizer que o ato de desenhar é inerente ao desenvolvimento humano, a criança nasce e antes mesmo de escrever ela já produz suas

primeiras garatujas e nos conta que imagem é aquela. Contudo, sabemos que ao entrar na escola a criança perde gradativamente o contato e o incentivo para com o desenho, colocando no lugar deste a escrita. No entanto, desenhar é também uma habilidade que pode ser desenvolvida ao longo da vida de qualquer pessoa que, de acordo com o seu objetivo, queira aprender a desenhar dentro das várias modalidades em que o desenho se apresenta.

Histórica e esteticamente fomos condicionados a gostar de formas mais naturalistas, realistas, ter como belo a ideia grega, renascentista e neoclassicista que é questionada na contemporaneidade, mas ao mesmo tempo muito veiculada e exaltada pela mídia capitalista.

Este tema poderia ser um outro questionamento levado para a sala de aula e dele poderiam surgir vários outros projetos e dissertações, mas que agora só está sendo pontuado para reflexão do leitor.

Então, fui conversando com eles, lembrando algumas obras que vimos, retomando alguns dos slides, ajudando com opiniões sobre técnicas e modos de fazer. Logo percebi a frustração dos alunos em relação ao ato de desenhar e para não os desestimular ainda mais, levei para a sala de aula o Datashow e mostrei como poderiam ampliar o desenho que eles estavam tentando copiar do celular.

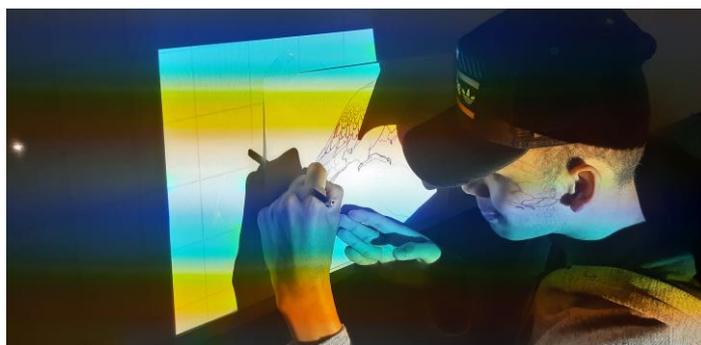


Figura 31- Aluno ampliando o desenho através do Datashow. Fonte: acervo da autora

Alguns conseguiram ampliar a imagem pesquisada no celular, pois tinham tal habilidade, mas outros se frustravam por não conseguir. Por isso, o uso do Datashow como possibilidade de técnica: os alunos escolhiam a imagem que queriam trabalhar; colocávamos essa imagem em um slide de

Power Point e projetava na lousa. Os alunos colocavam uma folha sobre o desenho na lousa e copiavam a imagem passando o lápis por cima dos traços projetados.

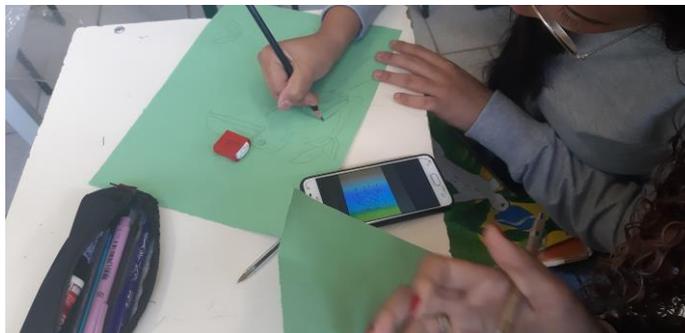


Figura 32- Alunas ampliando o desenho através do aparelho celular. Fonte: acervo da autora

Mesmo com essa tentativa, muitos alunos ficaram resistentes, demoraram para escolher o material, escolher uma imagem, ir até a frente do quadro para fazer a ampliação do desenho e realizar seu trabalho. Outros foram mais decididos, desenharam à mão livre, criaram seus próprios desenhos, pintaram ou aplicaram técnicas diferentes



Figura 33- Aluna aplicando técnica do pontilhismo no desenho criado à mão livre. Fonte: acervo da autora



Figura 34- Aluno pintando seu desenho com guache.
Fonte: acervo da autora

A história deste trabalho acima foi bem marcante. O aluno gosta de cavalo, como vários dessa escola, afinal, Silveiras é uma cidade muito mais rural do que urbana.

Ele queria desenhar um cavalo e não conseguia. Pediu minha ajuda e disse “Professora quero desenhar este cavalo aqui! (mostrando-me a foto em seu celular) É meu potrinho.” Daí, pedi que me enviasse a foto pelo celular para que eu pudesse enviar para o meu computador que estava sendo usado junto com o data show através de um cabo USB, já que o celular dele não estava com um cabo naquele momento.

Conseguimos colocar a imagem do cavalo na tela para que ele pudesse ampliá-la. Saiu todo feliz com o desenho do cavalo na mão. Pegou vários materiais e foi experimentando o que ficaria melhor. Acabou escolhendo como base um EVA preto e ali ensinei como ele faria para transferir a imagem do cavalo para aquele material. Resolveu recortar a silhueta do cavalo e colar ali na base preta. Ficou andando com aquele desenho nas mãos até que decidi por pintá-lo com tinta guache. Ele estava ficando feliz com o resultado, mas os demais alunos não gostaram muito do que viram, pois a cor do cavalo que ele pintou não era a cor do cavalo na realidade.

É um fato muito interessante, pois eu estava ali tentando tirar essa ideia de “desenho perfeito” de “desenho realista”, com “cores ideais” e continuavam a criticar o trabalho do colega que saía deste caminho.

Claro que não foram obrigados a fazer um trabalho voltado ao expressionismo ou ao contemporâneo ou a qualquer outro estilo artístico, foram estimulados a novas possibilidades, poderiam realizar da maneira que se sentissem à vontade para falar do tema proposto. Mas o respeito ao trabalho

do outro, o entendimento de uma arte mais expressiva deveria existir, e muitos ainda ficaram presos a ideias preestabelecidas e não conseguiam quebrá-las.

Já em outro momento, um outro aluno reclamava que não sabia desenhar, mas queria ilustrar uma iça (uma formiga típica da região), o colega ao lado que havia participado da excursão disse para ele o seguinte: *“Cara, não liga não! Faz aí! Você não viu as obras de arte lá em São Paulo, né! Tem umas que os desenhos não são bonitinhos, não! Desenha aí!”* Essa foi a tentativa de estimular o colega a desenhar do seu jeito, já que na Pinacoteca tinha visto trabalhos de arte mais expressivos onde o desenho pouco importava à expressão da arte.



**Figura 35- Desenho do aluno M.I.
2º EM A. Fonte: acervo da autora**

Os alunos que demonstram mais habilidades para o desenho são tratados como artistas na sala de aula. A concepção de artista ainda está muito vinculada ao fazer bem feito, ao belo, ao criativo, questões que lemos nos registros realizados pelos próprios alunos, já discutidos no capítulo 2.

A presença de alunos que desenhavam bem, nas salas de aula, inibe os alunos que julgam não saber desenhar e isso impacta diretamente na produção individual e com isso impede que desenvolva sua capacidade acerca da criação de imagens. O professor precisa ficar atento a estas questões para

ajudá-lo a superar essa frustração, na tentativa de tornar positiva a relação do aluno com o seu desenho.



Figura 36- Aluna pintando com guache seu desenho criado à mão livre. Fonte acervo da autora

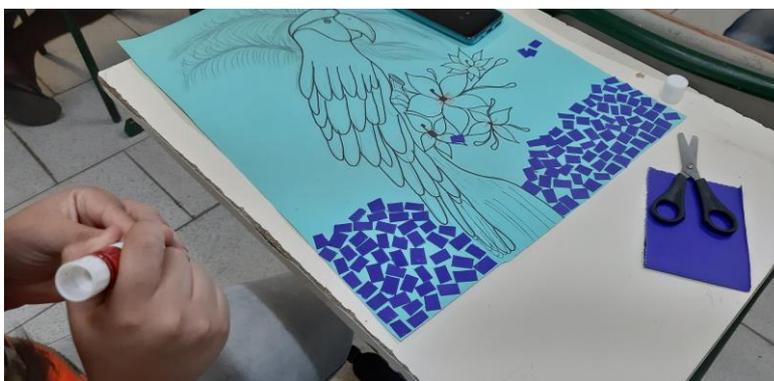


Figura 37- Aluna aplicando técnica do mosaico com desenho criado à mão livre. Fonte cervo da autora

Acompanhei todos durante todo o processo de feitura destes trabalhos. Alguns surpreenderam pelo fato de buscar soluções para o problema encontrado no desenho. Por exemplo: precisava de tinta branca e ela tinha acabado, resolveram pegando o corretivo. Procurar na internet do aparelho celular como fazia tal técnica, ou como desenhar usando tal material. Alguns foram bastante proativos, enquanto outros não faziam um traço sem me perguntar se estava bom ou que eu estava achando, como se precisasse de uma aprovação para continuar o que estava fazendo. Outros, mesmo com dúvidas, não me perguntavam nada e quando eu chegava perto deles, tentavam esconder o desenho que estavam fazendo.

Os que tinham maior destreza para produzir ficavam bastante focados em seu trabalho, enquanto os que tinham dificuldades eram mais indecisos, até na escolha do tema do trabalho. Não sabiam sobre o que produzir, que material usar, que técnica aplicar. Estava sempre conversando com eles e estimulando a produzir, relembando fatos da visita, dos slides apresentados, perguntando sobre o que eles gostavam, o que pensavam sobre o tema proposto.

Ficamos o tempo de três semanas (6 aulas) para a conclusão destas atividades. Quando propomos atividades ligadas ao fazer manual, elas demandam tempo, pois cada aluno tem seu tempo dentro do seu processo de criação.

4.2 Análise dos trabalhos

Como cada aluno terminava e entregava o trabalho em seu tempo, não consegui fazer a apreciação dos trabalhos no ano letivo em que iniciei a pesquisa (2019), pois quando chega novembro, os alunos vão entrando em clima de festa de final de ano, já estão cansados de ir à escola e não valeria a pena fazer a apreciação dos trabalhos com metade da sala. Assim, esperei o ano letivo seguinte (2020) para levar para os alunos a analisarem o trabalho realizado.

Quando comecei a colocar na lousa os trabalhos, logo perguntaram: “Cadê o meu, professora?” E quando viam se sentiam satisfeitos.

Após expor todos na lousa, começamos a conversar sobre eles. Uns gostaram dos resultados, outros, ainda insatisfeitos com o próprio resultado, responderam negativamente.



Figura 38- Desenho da aluna K. C. 2º EM A. Fonte: Acervo da autora

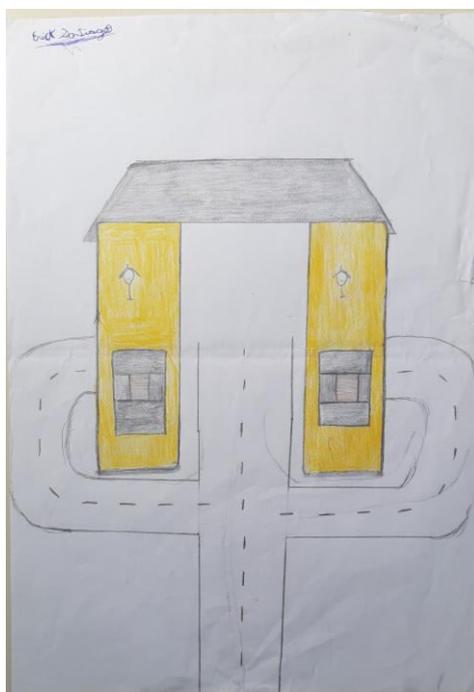


Figura 39- Desenho da aluna E.S. 2º EM B. Fonte: acervo da autora

As produções dos alunos da figura 38 e 39 representam a entrada da cidade de Silveiras, imagem já mostrada aqui no primeiro capítulo (figura 3). Eles me disseram que ao representar este portal, queriam que desse a impressão de uma estrada que segue ao longe, mas que não sabiam como fazer. Como não me pediram ajuda antes de terminar o desenho, eles me entregaram assim, do jeito que vemos na reprodução acima, mas em sala dei explicação para eles como poderiam fazer para dar esse sentido de perspectiva no desenho.



Figura 40- Desenho da aluna E. H., 2º EM B. Fonte: Acervo da autora

Esta representação é do “Rancho dos Tropeiros”, ele fica em uma das praças da cidade e é um dos lugares de festa da comunidade silveirense. É um espaço que tem de um lado uma cozinha e do outro um espaço para mesas e cadeiras. Também é usado para outros fins, como exposição de trabalhos, reunião de jovens, etc.

No fundo do desenho vemos uma paisagem típica de desenhos infantis: montanhas arredondadas e o sol em amarelo, ocupando o primeiro plano da composição. Percebemos que o aluno capricha um pouco mais no tema principal: o Rancho dos Tropeiros e termina seu trabalho colocando no fundo uma representação de paisagem que não é a real, mas que não interfere no seu trabalho final, pois o tema escolhido é duplamente identificado, tanto pelo desenho quanto pelas palavras escritas no próprio desenho.



Figura 41- Desenho da aluna V. A., 2º EM B . Fonte: acervo da autora

Esta aluna pegou uma folha de cartolina inteira para fazer sua produção. Podemos perceber a paixão deles por animais, por rodeio, por festas. Aqui ela representa a festa de rodeio que acontece em agosto na cidade. É uma festa que atrai bastante movimento e na semana da sua realização os alunos mal vão à escola, pois grande parte trabalha nas festas e muitos já fazem montaria. Então, é um tema bastante enraizado na cultura da comunidade.

No desenho, percebemos a aplicação da técnica do claro/escuro que mesmo não sendo realizada de maneira exímia, notamos uma preocupação da aluna em realizá-la de maneira caprichosa. Um fato corriqueiro nas escolas dentro das aulas de arte é o aluno optar por “pintar” seu desenho em “preto e branco”. Com o passar dos anos escolares podemos também perceber essa tendência do aluno deixar de colorir seu trabalho, optando pela aplicação de claro/escuro.

A imagem a seguir é o resultado do trabalho do aluno descrito mais acima: o que me pediu para desenhar o seu cavalo. Ele trocou a cor do animal que no começo estava laranja, depois colocou preto, tentou fazer um jogo de luz e sombra; com isso a tinta começou a misturar e escurecer todo o trabalho;

os colegas começaram a questionar as cores que ele estava usando, ele não deu muita atenção aos colegas, e por fim me entregou dizendo: “Ah!... tá bom professora!”



Figura 42- Desenho do aluno M. 2º EM B. Fonte: acervo da autora

De todos os trabalhos este, para mim, é o mais original. O aluno se despreendeu de todos os cânones da pintura e do desenho para a realização deste trabalho. A única coisa que durante o processo que ele se propôs foi conseguir desenhar o “seu cavalo” e no decorrer do processo foi buscando cores e modos de pintar que o agradava. Em nenhum momento ele se preocupou em perguntar o que o outra estava achando de seu desenho. Os colegas riam dele e ele nem se importava.

A minha interferência neste trabalho foi somente para ajudá-lo a desenhar o cavalo que ele queria. Quando eu passava do seu lado enquanto ele pintava, ele me olhava e eu dizia: “Vamos lá! Isso mesmo! É do seu jeito, sua expressão, suas cores, seu traço. O desenho é seu! E ele voltava ao trabalho.

Tinha a mesma postura para com todos os alunos. Tentava estimulá-los a quebrar a ideia de que desenhar é difícil ou que tem que ser “perfeito”. Aliás, questionava: “Perfeito para quem? Se cada um tem um tipo de letra, cada um

tem um tipo de traçado no desenho. Não teremos desenhos iguais, cores iguais.”



**Figura 43- Desenho da aluna C. M. 2º EM A.
Fonte: acervo da autora**

O trabalho da aluna C.M., figura 43, foi o primeiro a ser realizado. Ela é uma das filhas de artesãos da cidade. Uma menina muito decidida. Pegou a cartolina de cor azul, inteira, fez o esboço do seu trabalho e logo escolheu as tintas, misturou as cores e me disse: “Já estou acostumada a fazer esses desenhos! Trabalho com isso!” e me contou também que ajuda o pai na parte da pintura das peças de pássaros, porta copos, chaveiros, mexedores de suco, entre outras peças, isso tudo desde pequena. Sua habilidade manual para a pintura é muito grande e também criativa, quando alguma coisa não dava certo no seu trabalho, ela dava um jeito de consertar ali mesmo. Ajudava as colegas que não tinham muita habilidade, dava dicas de como fazer a pintura, misturar as cores



Figura 44- Desenho da aluna V. A., 2º EM B. Fonte: Acervo da autora

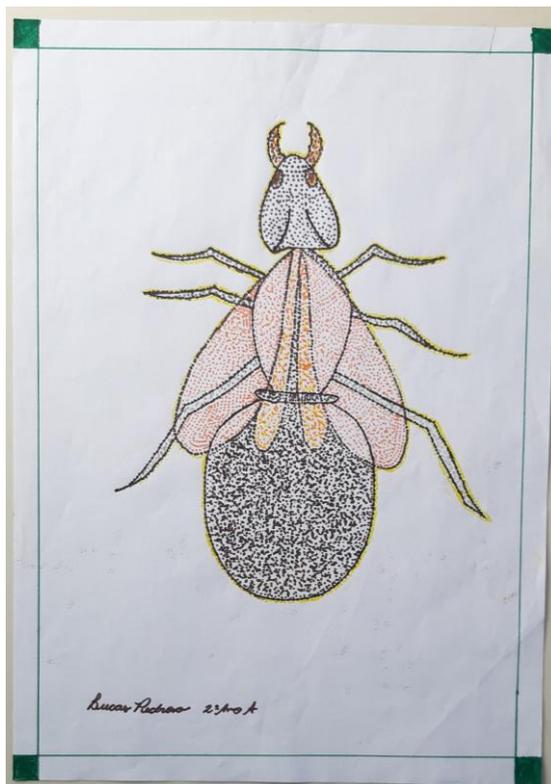
Este é outro exemplo de trabalho de uma aluna que trabalha com o artesanato local. A aluna V.A., 17 anos, figura 44, pinta peças para o artesanato local desde os 12 anos, ela não é filha de artesão, mas realiza trabalho terceirizado para os ateliês da cidade. Também demonstrou muita habilidade para realizar este trabalho, porém ela se mostrou mais exigente e perfeccionista do que a aluna C. M., do exemplo anterior. Ficou as 6 aulas realizando esse trabalho: pintava, esperava secar, misturava tinta até chegar na cor que queria, fazia com calma, trocava o tamanho do pincel. Me dava dicas de como pintar os pássaros, dava dicas para as amigas que estavam perto dela.



**Figura 45- Desenho da aluna M. A,
2º EM A - Fonte: Acervo da autora**

Este trabalho é um dos poucos em que colocaram moldura. Quando os colegas viram o trabalho com moldura, gostaram bastante. Acharam adequado colocar a moldura e consideraram isso ser diferente de quando se coloca margem na folha para depois desenhar. A aluna desenhou à mão livre, usou mistura de técnicas: pontilhismo e lápis de cor e por último decidiu colocar a moldura. Uma necessidade que ela sentiu depois que terminou o trabalho, pois ela me perguntou o que eu achava: se deveria colocar a moldura ou não. Mostrei que poderia escolher, que a decisão deveria ser dela, já que ela é a criadora do trabalho.

Então, peguei outros pedaços de cartolina e coloquei atrás do seu desenho, dando exemplos de cores para a moldura e pedi que fosse experimentando o que ficasse melhor para ela. Depois, ela me mostrou o resultado final e me disse que estava satisfeita.



**Figura 46: Desenho do aluno L. P., 2º EM A.
Fonte: Acervo da autora**

Apesar de os alunos não darem muita importância, pois para eles é comum, a iça – formiga da família da saúva – comida típica da cidade, comercializada como uma iguaria e com valor alto, ela é um dos atrativos que ganhou um festival só dela: “Festival da Iça”, no qual os cozinheiros da cidade criam pratos com esta formiga. Neste trabalho, o aluno desenhou à mão livre, aplicou a técnica do pontilhismo e terminou o trabalho colocando uma simples moldura.

A maioria das produções foram sobre o tema do artesanato local: pássaros da fauna brasileira.



Figura 47- Desenho da aluna A. A. 2º
EM B - Fonte: Acervo da autora



Figura 48- Desenho da aluna J. A. 2º
EM A - Fonte: acervo da autora



**Figura 49- Desenho do aluno A.
2º EM B - Fonte: Acervo da
autora**

Durante a apreciação dos trabalhos pelos alunos, alguns lembraram da visita à Pinacoteca. Retomando a questão da expressividade do artista vista em muitas obras expostas no museu e assim, posicionaram-se de maneira crítica e consciente diante dos trabalhos dos colegas, dizendo que “cada um tem seu jeito de expressar”.

Outros, ainda, falaram da questão do belo: “Pra mim está bonito, pra você pode não estar, mas pra mim todos os trabalhos estão bons, pois cada um expressa de um jeito e eu gostei”

A aluna que fez essa colocação incomodou-se com um outro colega que estava “zombando” do trabalho da amiga, então ela saiu na defesa argumentando contra a postura daquele colega que não teve o mesmo olhar que ela.

Comentários depreciativos são muito comuns entre os adolescentes nas escolas. Novamente, retomo a importância de o professor estar atento durante a execução dos trabalhos dos alunos, pois um aluno pode não estar produzindo, por estar sendo coagido por um outro colega. Por isso, a roda de

conversa em sala de aula, onde diferentes temas são discutidos tem grande relevância para o aluno que coage e que é coagido.

Na nova BNCC (Base Nacional Curricular Comum) para o Ensino Médio, dentro da área de Linguagens, onde Arte se encaixa, sobre apreciação na competência específica 6, nos diz o seguinte:

Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BRASIL, 2019, p. 496)

Ensinar o respeito à produção do colega é sim, um dos trabalhos do professor de Arte nas escolas. Somos formadores de público, seja de artes visuais, dança, teatro ou música. O contato com a arte, muitas vezes, só acontece na escola e a formação de um espectador respeitoso e consciente também compete ao currículo de arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurar entender o lugar onde trabalho, quais são meus alunos, o que a comunidade leva para a escola, como a escola se deixa influenciar pela comunidade, me fez, além de pesquisar sobre os questionamentos que permearam toda essa dissertação: O que é arte? O que é artesanato? Quem é o artista e quem é o artesão?, entender ainda mais a importância de, como professora e profissional que sou, busca entender minha comunidade escolar para que possa realizar junto a ela um trabalho mais significativo e verdadeiro.

As entrevistas com os artesãos, da cidade de Silveiras, trouxeram dados importantes para a pesquisa, pois mostraram o que depois veríamos nos registros dos alunos: como a comunidade vê sua produção cultural. Ambos os artesãos, Denise Pena e Marquinhos, percebem que o artesanato é pouco valorizado e esta desvalorização se dá pelo fato de a comunidade silveirense entender o artesanato mais como um produto que gera renda, do que um produto artístico. Nesse sentido, os artesãos percebem que a massificação do produto contribuiu para um produto final pouco elaborado, pois não primam pela qualidade do trabalho e sim pela quantidade de produtos feitos por dia.

Ao analisar as respostas dos estudantes, adquiridas por meio de debates em sala de aula, em visitas a exposições de arte e nas visitas aos ateliês dos artistas locais, conseguiu-se alcançar um dos objetivos desta pesquisa, que foi entender se o aluno silveirense reconhece o artesanato local como arte e o artesão como artista e se há uma relação de identidade com a cultura da cidade. Através desses registros, pude perceber que eles também entendem o artesanato local como cultura. Enxergam a produção artesanal como algo que é transmitido de geração em geração e a tem como identidade, pois reconhecem que aquela atividade faz parte da vida deles e da comunidade como um todo.

No entanto, os alunos silveirenses também reconhecem que o artesanato local é fonte de renda das muitas famílias que moram no município, já que muitos são filhos de artesãos e/ou crescem vendo seus familiares trabalharem com a feitura das peças em madeira, esculpindo os pássaros da fauna brasileira e com isso levando o sustento para toda família.

Percebemos ainda pelos registros que muitos não separam o artista do artesão. Acreditam que o artesão da cidade de Silveiras é também um artista, pois transformam, criam, e se expressam através daquele trabalho manual.

Outro objetivo da pesquisa foi verificar quais leituras os alunos realizam sobre as produções locais e aquelas expostas em museus. Pude observar, que, ao serem colocados frente a uma imagem de um trabalho realizado por um artesão local, a leitura dos alunos é somente descritiva, ou seja, só conseguem ver o que está diante dos olhos e não realizam uma leitura mais aprofundada da imagem. E ao descrever resumem o que estão vendo: “é um pássaro”. A leitura desses alunos não está no campo da compreensão e da interpretação, ela fica no imediato.

Durante a leitura da imagem de um trabalho local (descrita no capítulo 2, p. 39. figura 7) tive que fazer várias interferências para que eles percebessem que não é um simples “pássaro”. Que dentro de uma leitura formal vemos cores, volume, textura que são elementos próprios da linguagem visual; seguindo para o campo cognitivo podemos recorrer a história daquela imagem como algo constitutivo de uma cultura local, podemos destacar o seu fazer, o significado cultural, o material com que é feito, de onde ele é retirado. Aliás, os alunos pouco sabiam sobre a história do artesanato da cidade, como tudo começou e como ele se tornou a principal fonte de renda da cidade. Notamos que a leitura mais emotiva, sobressai à leitura mais cognitiva. Quero dizer, que ao lerem colocam o “gosto ou não gosto”, “feito ou bonito” na frente de questões mais profundas que a imagem carrega.

Diante das imagens de artistas plásticos apresentadas nas aulas seguintes, percebemos olhares e leituras diferentes dependendo do trabalho do artista. Ao apresentar as obras de Aleijadinho, os estudantes ficaram bastante impressionados com o produto final, ou seja, com o trabalho mais realístico das obras, mais detalhado; mas ao ver os trabalhos do artista Véio, por exemplo, não se encantaram muito, pois para eles o produto final não era tão elaborado quanto o do Aleijadinho. Notei que ainda estavam apegados à questão mais tradicional da arte, que é a que está ligada ao belo, no sentido de perfeição, no sentido de cópia da realidade.

Assim, nas leituras das obras de arte contemporâneas, estavam lendo somente por fora, ou seja, realizando uma leitura muito mais descritiva e

emotiva (feio/bonito, gostei/não gostei) do que uma leitura mais aprofundada na qual se deve levar em conta outros fatores como: material usado, contexto, história do artista, interdisciplinaridade, questões que ajudam numa leitura mais significativa.

Mais uma vez realizei várias interferências. Chamava atenção dos olhares deles para as formas, para os materiais usados, para a história do artista, para o contexto no qual ele viveu ou vive; também chamei atenção para o título da obra, fato que, para o artesanato local não é comum, pois os artesãos não dão título ao trabalho realizado. Notei também que apesar do currículo paulista de arte conter muito assunto sobre arte contemporânea, os alunos traziam pouco conhecimento sobre o assunto.

Assim, ao planejar as ações que desenvolvemos ao longo do período da pesquisa, pude, com maior cuidado, rever como vinha planejando minhas aulas, quais artistas eu sempre usava e por que não usava outros, de épocas diferentes, de gêneros diferentes, de etnias diferentes. Peguei-me questionando por que permanecia trabalhando sempre com os mesmos artistas? E, o que implica essa “repetição” no processo de ensino/aprendizagem, em artes?

As ações realizadas fora da sala de aula também nos contam muito da percepção dos estudantes acerca da produção local, de como leem essas produções e que relações estabelecem com a arte, exposta em museus. A visita ao ateliê do artesão Marquinhos, por exemplo, mostrou o quanto os alunos acreditam que toda casa de artesanato é igual e com isso não se apropriam daquele lugar. Para os estudantes, conhecer um daqueles espaços de artesanato é como conhecer a todos. Porém, a visita revelou a muitos estudantes, que apresentavam leituras “pré-concebidas acerca do espaço e da produção”, que cada um tem sua maneira de trabalhar, seu gesto, seu corte, seu tratamento com o material.

A pesquisa, cabe destacar, demonstrou que tal entendimento não foi adquirido por alguns. Tenho consciência de que não atingi cem por cento dos alunos. Entendo isso, pois ao voltar para a sala de aula alguns ainda continuaram com o discurso de que as casas de artesanato são todas iguais. Esses alunos precisarão de mais tempo para compreender as nuances existentes no mundo complexo da arte. Tenho a concepção de que é possível

a realização de uma ação em sala de aula que não alcance todas as pessoas que participam, entendo que se trata de um processo e as pessoas são, digamos, afetadas, em tempos distintos, não poderia esperar respostas imediatas em relação às leituras dos estudantes, a partir daquela visita. Contudo, podemos afirmar que alguns perceberam a vivência no ateliê como espaço para ampliação do seu repertório, em relação ao ateliê, ao artista e à produção artística.

A visita à Pinacoteca do Estado de São Paulo foi outro momento importante. Além da viagem, que foi para muitos a primeira para fora dos limites do município, os relatos revelam, logo de início, o deslumbramento com o tamanho e a beleza da arquitetura da Pinacoteca, conhecida como Pina_luz, (por estar no bairro da Luz).

Ter contato com a obra que só viam nos livros foi também impactante, principalmente as que viram com mais frequência durante a escolaridade, que no caso, foram as obras da artista Tarsila do Amaral. Lá, em frente à obra, perceberam os detalhes dos traços, as pinceladas marcadas, as tonalidades das cores, as formas, as texturas que, muitas vezes, é imperceptível na foto ilustrativa que o livro leva para a sala de aula.

Perceberam como é diferente fazer as leituras vendo imagens em livros e diante da tela. As imagens das obras nos livros não carregam as mesmas vibrações e sentimentos de quando estamos diante da obra, isso também ficou claro nos relatos que me fizeram.

Outro relato foi comparar a forma da exposição das obras e o contato com elas. Nas casas de artesanato em Silveiras, eles podem entrar e colocar a mão nas peças que estão em exposição para serem vendidas, e na Pinacoteca foi diferente, não podiam tocar. Entenderam o porquê não podiam tocar as obras e o dever de respeitar as marcações no chão, mas sentiram falta do contato que é permitido nas casas de artesanato de sua cidade.

Um outro relato, após a visita, foi sobre o fato de que as pessoas conversam sobre arte. E o que provocou esse sentimento foi participar da vivência oferecida pelos alunos da Unesp na Pina_luz enquanto estavam ocupando o espaço do Octógono. A conversa sobre arte, a escola pública, direitos, deveres, política, tudo isso despertou em alguns alunos esse questionamento: eu posso conversar sobre arte?

Durante os momentos de leitura com os alunos, tanto em sala de aula quanto nas visitas, procurei fazer uma mediação que ampliasse o olhar dos estudantes para o que estavam vendo, propus questionamentos que pudessem levá-los à interpretação das obras e dos lugares. Queria que pudessem pensar sobre o que estavam vendo e percebessem que toda aquela conversa e leituras geravam um conhecimento. Conhecimento que nascia entre a sua leitura e a obra de arte.

Desta maneira, acredito que consegui atingir mais um dos objetivos da pesquisa, o de ampliar os saberes dos alunos a partir de análises de imagens, visitas e entrevistas por meio de debates e discussões sobre arte, artesanato, artista e artesão. Mesmo não tendo alcançado a totalidade dos alunos, percebi que boa parte dos que participaram de toda a pesquisa puderam refletir sobre tudo o que conversamos, ampliar as leituras, rever conceitos que tinham sobre arte e, principalmente, sobre o artesanato local.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Ana Angélica. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 15 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012

ANDRADE, Mario “**O artista e o artesão**”. 1938. Disponível em: <http://www.eba.ufmg.br/alunos/kurtnavigator/arteartesanato/filos-03-artesao.html>. Acesso em 02/02/2019

AULETE, Caldas. **Dicionário Caldas Autele da Língua Portuguesa**: edição de bolso. 2ª Ed. RJ: Lexikon Editora, 2008.

ARANTES. Antônio Augusto. **O que é cultura popular?** 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 2002

_____, Ana Mae. **A imagem no ensino de arte: anos 1980 e novos tempos**. 9. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014

BARBOSA, Ana Mae. CUNHA, Fernanda Pereira da. (orgs.) **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO Rejane Galvão, Ensino da Arte no Brasil: uma história que vai da dependência à antropofagia. p. 57-91. In: COUTINHO Rejane Galvão, JUNIOR, Klaus Schlünzen e SCHLÜNZEN, Elisa Tomoe Moriya (Coordenadores). – **Artes** [recurso eletrônico] / São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista: Núcleo de Educação a Distância, [2013]. – (Coleção Temas de Formação; v. 5). Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/141300/1/unesp_nead_redefor_e_book_artes_audiodescricao.pdf Acesso em: 10/07/2019

BREDARIOLLI, Rita. Choque e formação: sobre a origem de uma proposta pra o Ensino de Arte. *in*: BARBOSA, Ana Mae. CUNHA, Fernanda Pereira da. (orgs.) **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 27 – 42.

BULHÕES, Ana Amélia. **Considerações sobre o sistema de Artes Plásticas** Revista Porto Alegre. Porto Alegre, v.2, n.3, maio, 1991. Semestral. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/PortoArte/article/viewFile/27406/15928> Acesso em: 15/07/2019

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2019. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 12/07/2019

BRASIL. **Base Conceitual do Artesanato Brasileiro Programa do Artesanato Brasileiro**. Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.artesanatobrasileiro.gov.br/pagina/4>. Acesso em: 08/04/2020

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Ana Regina Lessa; Heloisa Pezza Cintrão; trad. Da Introdução Gênese Andrade – 4ª ed. 7ª. reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

COUTINHO, Rejane Galvão. Estratégias de mediação e a abordagem triangular. *In*: BARBOSA, Ana Mae. COUTINHO, Rejane Galvão.(Orgs). **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 171-185.

DEWEY, Jonh. **Arte como experiência**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. Trad. Leandro Konder. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1971

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

_____. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967

FREITAG, Vanessa. Entre arte y artesanía: elementos para pensar el oficio artesanal en la actualidad. **El Artista**, núm. 11, diciembre, 2014, pp. 129-143. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/874/87432695007.pdf>. Acesso em: 08 Ago. 2019

GREFFE, Xavier. **Arte e Mercado**. Trad. Ana Goldberger. 2.ed. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2013

HOFF, Mônica. **Mediação (da arte) e curadoria (educativa) na Bienal do Mercosul, ou a arte onde ela “aparentemente” não está**. *Revista Trama Interdisciplinar*, 4(1). Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/5543>. Acesso em: 12/01/2020

KELLER, Paulo. Artesanato em debate: Paulo Keller entrevista Ricardo Gomes Lima. **Revista Pós Ciências Sociais**. v.8, n.15, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.periodicoseltronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/593/339>. Acesso em: 08/09/2019

LIBANEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 6ª ed. Ver. E ampl. – São Paulo: Heccus Editora, 2013

LIMA, Anny Christina; CHIOVATTO, Mila Milene. (coord. ed.) **Arte no Brasil: uma história na Pinacoteca de São Paulo, guia de visita: propostas educativas.** São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2011

LIMA, Ricardo. **Artesanato: cinco pontos para discussão.** Palestra Artesanato Solidário/ Centro Artesol, 2005. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Artesanato_Cinco_Pontos_para_Discussao.pdf. Acesso em: 12/07/2019

_____. **Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda?** S.d. Consult. 10 Janeiro 2012, disponível em http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_e_Arte_Pop/CNFCP_Artesanato_Arte_Popular_Gomes_Lima.pdf. Acesso em: 08 Ago. 2019

MACHADO, Regina Stela. Sobre mapas e bússolas: apontamentos a respeito da abordagem triangular. *In:* BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da. (orgs) **A abordagem triangular no ensino das artes visuais.** São Paulo: Cortez, 2010, p. 64-79.

MARMO Alena Rizi LAMAS, Nadja de Carvalho. **Curador e a curadoria.** Revista Científica Ciência em Curso – R. cient. ci. em curso, Palhoça, SC, v. 2, n. 1, p. 11-19, jan./jun. 2013. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/ciencia_curso/article/view/1550 Acesso em: 12/01/2020

MATTAR, Sumaya. **Sobre Arte e Educação: Entre a oficina artesanal e a sala de aula.** Campinas, SP: Papirus, 2010.

MONTEIRO, Maria Cristina. MOSTAFA, Solange Puntel. Tendências de produção científica em arte/educação no Brasil e a Abordagem Triangular de ensino da arte. *In:* BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da. (orgs) **A abordagem triangular no ensino das artes visuais.** São Paulo: Cortez, 2010, p. 195-210.

MONTEIRO. Paulo. Na boca da mata (Véio). *In:* EID, Vilma, MONTE-MÓR, Gremana. (coord.) **Arte popular brasileira: olhares contemporâneos.** Martins Fontes: São Paulo, 2018, p. 157-160.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** 27ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar no Ensino de Arte.** *In:* BARBOSA, Ana Mae. (Org) **Inquietações e mudanças no Ensino de Arte.** São Paulo: Cortez, pp. 71-93

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam: leitura da arte na escola.** 3ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2006

SÁ, Olga de e SIQUEIRA, Sônia M. G. (Org) **Retratos do Vale**: Silveiras. Lorena, CCTA, 2014

SANTOS. José Luiz dos. **O que é cultura?** 16ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia** – O Cotidiano do Professor. Tradução de Adriana Lopez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2009

UTARI, Solange. **Professor propositor**. Revista Seminário Nacional de Arte e Educação. n. 25, 2016: Poéticas, Pesquisa e docência. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/article/view/42>. Acesso em: 12/01/2020

Anexos

ENTREVISTA COM DENISE PENA

DENISE PENA - Meu é meu nome Denise meu marido chama João Camilo Nós somos paulistanos viemos para cá em 1976 para fazer artesanato. Só que o trabalho não era pássaro, a gente trabalhava com macramê, era sisal pano tapeçaria, e tal. Muitas pessoas aprenderam a fazer e tal. Durante 4 anos esse foi o trabalho desenvolvido aqui.

Em 1981, meu marido Camilo começou a pensar a fazer esse trabalho de pássaro inspirado no trabalho no litoral norte do estado de São Paulo. Os caiçaras de lá faziam o trabalho de pássaros bem estilizados. Para não fazer uma cópia do trabalho de lá, ele resolveu fazer pássaros da fauna brasileira. Então foi uma pesquisa bem grande com livros, ornitólogos. Tivemos... ornitólogos taxidermistas que emprestaram pássaros pra gente, pra gente fazer a anatomia e tudo isso. Como a técnica da escultura nós não sabíamos muito, por que a gente sempre trabalhou com pintura eu fiz Panamericana, meu marido fez Panamericana.

Desde criança ele sempre pintou, então a gente sempre teve muita familiaridade com tinta e pincel, mas não com escultura, Então as pessoas daqui que faziam pilão, gamela, ele começou a levar pássaros e incentivar a pessoa a fazer, com o tempo ele até aprendeu a fazer escultura, hoje em dia ele também faz mas naquela época era só pintura. E aí um foi ensinando para o outro ou vizinho ou amigo.

Porque aqui havia muita carência de serviço. Aqui é uma área de proteção ambiental, não pode ter indústria não pode ter nada poluente, então o artesanato foi uma grande salvação para o município. Nós demos vários cursos de escultura e pintura tanto aqui como no município de Areias, Vale do Ribeira no município de Iguape. E por que Iguape? Porque a madeira que a gente usa o único lugar do Brasil onde tem manejo sustentável é de lá, então a madeira vem de lá. Então por conta disso os cursos que nós demos pelo Fat que é o fundo de auxílio ao trabalhador, ele pediu que nós déssemos lá também. Então nós fizemos vários cursos 98, 99, 2000. Assim o negócio foi se expandindo. As pessoas trabalharam conosco montaram seus núcleos de produção. Outras aprenderam nós núcleos e montaram também. E isso disseminou na cidade inteira, tanto é que hoje aonde você vê Pássaro de madeira, Arara, tucano, papagaio, é daqui de Silveiras. Pode ser qualquer lugar do Brasil porque o município aqui vende para o Brasil inteirinho. O que eu acho que falta aqui é um pouco de valorização do trabalho. Eu acho que as pessoas aqui precisavam optar mais pelo trabalho e menos quantidade e mais qualidade. Eu acho que isso realmente caiu muito. A gente aqui, eu diminuí muito a minha produção porque como a gente prima pela qualidade. A gente acabou ficando com o preço um pouco diferente demais do município e não deixa de ser uma concorrência então a gente mudou um pouquinho ou trabalho começamos a

fazer outras coisas, fazer brinquedos desde 2000 pra cá que a gente faz brinquedo também mudamos um pouco a linha mas continuamos a fazer os pássaros também. Tanto de decoração como de utilidade, que são mexedores, faquinha de patê, socador para a caipirinha. Mas acho que isso aí é uma coisa que talvez um trabalho... Sei lá de pesquisa... Ajudasse. Então eu acho que aqui precisava diminuir a quantidade e melhorar a quantidade

ANA PAULA - A população valoriza o trabalho?

DENISE - Eu acho que o próprio pessoal que começou a fazer o trabalho e que foi aprendendo Eles começaram a fazer um trabalho muito barato quando é muito barato a mão de obra Ficou muito barato entendeu então assim é uma coisa muito difícil. Eu não sei como mudar este ciclo, porque como eles optaram pela quantidade e não qualidade, fica tudo muito barato. Eles não valorizam o trabalho, então as pessoas que trabalham com isso acabam ganhando pouco E tem que ser ao contrário né

ANA PAULA -Na produção eles colocam o valor agregado

DENISE - Eu vi agora semana passada Um livro novo que saiu sobre arte popular Brasileira, eu acho que O trabalho de Silveiras é uma coisa que deveria sair, mas ele não sai justamente por isso. Ele não é mais uma arte popular o pessoal não, não consegue valorizar o trabalho ele está muito massificado. Ele está muito banalizado, entendeu? Então, não é considerado mais uma arte popular. Você vê um trabalho como aquele ali (aponta para uma peça que está debaixo de uma escada) aquilo é uma arte popular. Você pega um livro de arte brasileira, a pessoa que fez aquilo ali ela está ali no livro. E ela não tem uma expressão tão grande quanto tem o trabalho de Silveiras. Tenho 60 anos quando eu Tinha 20 as pessoas que vinham para o Brasil, turista, levava baiana de concha. Não deve ser da sua época, mas eram aquelas baianinhas de concha que era o souvenir. Era a baianinha de concha, era berimbau e aquelas borboletas que hoje é proibido, mas que antigamente colocava no quadro. Isso era o souvenir brasileiro. Em qualquer loja de aeroporto em qualquer loja de souvenir que você fosse era isso que o turista levava. Hoje em dia o que o turista leva é a arara. Tanto é que tem arara em pedra, tem arara em pedra sabão, naquelas pedras lá de Goiás, de Minas, ne. Então, quer dizer que mudou a cara. O pássaro, a arara ele acabou virando a cara do Brasil e ainda teve aquele filme que fizeram da arara azul ajudou mais ainda, né. Agora, o turista que vem, se ele quer levar um souvenir ele leva uma arara, um passarinho, um socador para caipirinha de arara, um de patê, não é mais aquilo lá. Tanto é que baianinha de concha você nem acha mais a borboleta foi proibida, não é, então, mudou completamente, eu acho que por isso que a gente tem uma demanda tão grande aqui, porque o turista ainda que levar a arara, o pássaro, por isso que você sai ai e vê a quantidade que tem de arara que o pessoal esta fazendo. Você fala, poxa, mas nem é tão bem feito, é feito

de qualquer jeito, como é que a pessoa leva, né, mas eu acho que é isso, o turista que vem e quer levar né. Acredito que é mais turista estrangeiro que gosta de levar, porque no Brasil já tem tanto né

ANA PAULA - Aqui vem muito turista?

DENISE - Não. A gente tem isso aqui, mas... bom, a gente trabalha desde 76, mas a gente trabalhava lá na cidade, era numa casa, no quintal, tinha um galpão no fundo e tal. Daí nós construímos aqui em 2005, então nós estamos a quatorze anos aqui. E a gente construiu isso aqui foi pra turista, né... então a gente tem... é muito pouco... eu ter isso aqui só pra vender pra turista não justifica. É que a gente continua vendendo para loja e tal, só aqui o café que a gente colocou, só para o turismo que tem aqui não segura, não daria, né. O movimento é pouco. Ele ajuda, ele não segura. E olha que nós trabalhamos direto, sábado, domingo, feriado, a gente está aberto direto. Aqui vem muita gente, até...de Cruzeiro vem gente, Lorena... mas assim não é muito, mesmo porque, eu acho assim, a pessoa pensa né, aí vai vir aqui (na loja), bebe um cafezinho, toma uma água, um suco, não sei o que, aí anda um pouquinho não tem mais nada, mais muto o que fazer na verdade, né, principalmente final de semana que não é todo mundo que tá aberto, não é todo lugar que dá pra visitar, né.

ANA PAULA - Então não é uma cidade turística?

DENISE - Não, a cidade no final de semana não tá aberta, não é voltada para a turismo, e olha que a gente trabalha isso há muito tempo, oh! A gente tem uma associação regional de turismo que vai desde Cunha até Bananal e a gente trabalha isso há mais de 10 anos e o negócio fica do mesmo jeito, não rola, vai empurrando... Você vê... porque não tem uma pousada legal e não tem um restaurante legal, então a pessoa não tem onde dormir e nem onde comer. O atrativo que tem é pouco.! Não tem atrativo, porque o principal é o atrativo... o atrativo é pequeno e ainda não tem onde dormir e onde comer... daí fica difícil né, complicado. Lá na Bocaina ainda tem um movimento. A gente que fica aqui bem na esquina, a gente pega o movimento do pessoal que sobe, mas também não é muito, né

ANA PAULA -E o seu marido, ainda continua produzindo?

DENISE - Então, ele continua, só que... é assim, faz já uns 4 anos que ele começou a trabalhar com pintura, eu já te falei ne, que a gente fez Panamericana, que desde pequeno ele pintava e tal, como isso aqui começou a criar as pernas e começou a andar meio que sozinho, a gente já tem os clientes... e aí eu comecei a tocar aqui meio que sozinha e aí ele tá trabalhando com pintura, então, esses quadros aqui são dele (mostra os quadros na parede), ele tá fazendo exposição, então quase ele não vem aqui, é difícil

achar ele aqui, ele vem um pouquinho, vai... ele tem que pintar e aí sai, aí ele tá fazendo uma exposição em São José do Barreiro e aí depois foi em São Paulo, então assim... e esse trabalho de pintura ele faz em casa. E assim, é uma coisa mais tranqüilinha, até se precisar ele faz alguma coisa de escultura, mas já não faz mais muito não. Ele sempre gostou de pintar e por conta de ter que trabalhar e ganhar e se sustentar ele ficou nesse trabalho de pintura de pássaro, só que agora ele deu uma sossegada. Uns 4 anos pra cá ele tá se dedicando a pintura de aquarela, quadro mesmo.

ANA PAULA - Quem faz o trabalho aqui para vocês?

DENISE - Eu tenho uma oficina aqui, né, marcenaria e tem outras pessoas também, muita coisa é terceirizada, essa que estava trabalhando aqui ela pinta e na hora que ele não tá trabalhando ali ela tá pintando, tem gente que pinta em casa, tem o moço que tá ali que faz uns trabalhos aqui, então É assim, o trabalho já ganhou uma forma, não sei por quanto tempo vai ficar assim, mas por enquanto tá uma coisa meio tranqüila, né. As pessoas pedem pra desenvolver um trabalho, agora mesmo eu estou um trabalho aí que pediram pra fazer umas ondas, uma onda do mar, um mexedor de onda, então a gente faz umas coisas assim, eu também faço um pouco. A gente sempre desenha o modelo e depois o moço que trabalha lá na oficina ele recorta, esculpe, lixa, entendeu.

ANA PAULA- Você desenha, pinta também?

DENISE - Pinto, pinteí muito! Muito na minha vida! Agora pinto pouco, mas assim um modelo ou outro dá para fazer.

ANA PAULA - Mas a maioria das peças aqui é de vocês?

DENISE - O que não é pássaro ou brinquedo não é! Aqui é uma loja, então além de ter o que a gente faz, a gente sai e compra coisas que a gente acha bonito e coloca, né, para ficar um lugar bonito. Quando a gente abriu aqui a gente só tinha pássaros e os brinquedos, mas aí ficava pouca coisa e daí a gente começou a aumentar

ANA PAULA -E os brinquedos são todos vocês que desenharam?

DENISE - São todos a gente que faz e desenha. Tem uns que foram o Camilo e tem outros que foram eu.

ANA PAULA - E como surgiu a ideia de fazer os brinquedos?

DENISE - Então, nós fomos fazer uma feira em Milão, na Itália, levar os pássaros, foi em 2000. E nessa feira tinha um stand que tinha umas caixinhas, assim, e ficavam um bolo de gente nesse stand! Esse stand era de... ah, não lembro de que país era, e a gente comprou uma caixinha daquela pra dar de presente a uma amiga aqui no Brasil. E aí quando nós chegamos, nós demos a caixinha de presente, era uma caixinha de madeira, ela falou assim... nossa que linda, não sei o que... daí passou uma semana... olha, a minha mãe foi lá e pegou a minha caixinha, mas é de madeira, dá um jeito de fazer uma outra pra mim, parecia, porque minha mãe gostou de mais, coisa e tal. Daí fizemos uma caixinha. Daí com a ideia daquela caixinha todo mundo começou a gostar e começamos a fazer outros modelos. É uma caixinha segredo, que tem um segredinho para abri, aí depois que já tinha uns 10 modelo assim, falaram pra gente, porque você não vai vender em loja de brinquedo educativo. Aí ele foi numa loja de brinquedo educativo e vendeu, e aí ela disse assim, porque você não faz outros brinquedos... e assim foi. E daí a gente começou a fazer uma pescaria, chapéu mexicano, roda gigante, quebra cabeça e foi daí que começou, tudo por causa da caixinha.

ANA PAULA - Como é a rotina de trabalho?

DENISE - A gente trabalha conforme o pedido. Depende dos pedidos das lojas, então se eu tenho mais pedido disto ou daquilo. A gente sempre trabalha em função daquilo, sempre em cima de pedido. Porque no começo, meu marido colocava a mercadoria no carro e saia pra vender. É assim que funciona até hoje aqui, o pessoal continua fazendo isso. Só que depois a gente viu que estava muito difícil de trabalhar assim, porque a gente viu que o preço do pessoal que trabalha aqui estava muito mais barato que o nosso, então estava difícil trabalhar desse jeito, sair para vender. Daí a gente optou por fazer feira de negócio, é um investimento alto, mas a gente achou que desse certo. Daí começamos a fazer a partir de 1999 ou 2000, por aí. Daí fizemos várias feiras de negócio, conseguimos outros clientes que não conseguia antes. Fizemos feira até 2005. A gente parou de fazer a feira quando abriu aqui, porque a gente achou que o movimentinho aqui dava uma substituída na feira. Paramos de fazer a feira, mas a gente ainda tem muitos clientes, a gente tem o site, tem cliente daquela época, um meio que indica o outro. A gente nunca mais saiu pra vender. Só vende assim, a pessoa passa o pedido, então a gente tem pedido mensal, de três em três meses, varia, né. A gente tem o site da loja, as pessoas fazem pedido por ali.

ANA PAULA - Vocês se consideram mais artesãos ou artistas?

DENISE - Artesão!... Meu marido agora tá pintando aí, mas ele mesmo fala que ele é um artesão da arte, porque artista tá longe pra chegar lá, vamos ver quem sabe né?

ANA PAULA - Ele acha que não é artista?

DENISE - Ah, ele fala que é artesão

ANA PAULA - Mesmo pintando, porque as pessoas acham que artesão trabalha mais com o fazer e artista com quadros...

DENISE - Mas quadro também ele fala que é um artesanato

ANA PAUA - E você?

DENISE - Ah, eu acho que é artesanato. Ah. O trabalho dele eu não sei, quem faz é quem julga, mas o trabalho que a gente faz sempre foi artesanato... não é uma arte!... a linha é muito tênue entre arte e artesanato. Tem gente que deve achar que é arte outros não.

Hoje eu não faço mais tanto artesanato, me coloco mais como empreendedora.

ENTREVISTA COM MARQUINHOS ARTESÃO

MARQUINHO- Meu nome é Edinaldo Marcos Martins e aí sou conhecido como Marquinho, né, todo mundo me conhece como Marquinho. Sou natural daqui de Silveiras mesmo

ANA PAULA – Como você aprendeu o seu ofício?

MARQUINHO- Eu acho que a gente já nasce com um pouco desse negócio na veia, mas eu comecei a ter interesse, daí meu pai falou que tinha uma pessoa que fazia e que trabalhava, e se eu não tinha vontade tentar aprender, daí foi onde eu fui lá procurar ele, essa pessoa que amigo nosso, hoje ele mora alí perto da escola. Aí ele começou a me falar: faz assim, começou a me dar umas dicas de como que cortava e coisa e tal, só que naquela época, isso aí vai fazer uns 15 anos atrás, hoje a gente trabalha com máquina, tem serra, tem equipamento pra facilitar o trabalho, antigamente era só a faca e um enchozinho só. Então você pegava uma madeirinha redonda, ia trabalhando ela e ia moldando, praticamente só com a mão e a ferramentinha. Agora não, hoje em dia a gente já passa na serra, já corta um tanto de uma vez assim, facilitou muito mais, mas no começo foi assim.

ANA PAULA- O material é daqui mesmo?

MARQUINHO- Então, o material antigamente era a caixeta que a gente usava, né, eu uso mais, né, porque é assim, tem vários tios de artesanato. Tem um

pessoal que usa só o MDF que faz esses trios, essas coisinhas aí (aponta para o objeto que está exposto na loja), que é só MDF, mas o meu é praticamente faço tudo em cima da madeira, então era a caixeta que tinha antigamente, lá pra baixo de São Paulo que tinha, que tem, né, um caxetal que é no mangue e aí tem autorização, tinha autorização para extrair a madeira e hoje em dia acabou a autorização aí não estão conseguindo liberar mais, e agora estamos fazendo com o pinos, que é daqui da região mesmo, pinos tem em todo lugar né, que é uma madeira replantada, então você pode cortar não tem restrição e caixeta como é uma madeira nativa então... só que ela é assim, ela bem mais fácil de trabalhar, macia, né, o processo de fazer escultura nela é bem mais fácil do que no pinos, mas infelizmente não tem mais, daí eu trabalho com pinos mesmo.

ANA PAULA- Você trabalha mais com o quê?

MARQUINHO- É, eu trabalho mais com os pássaros, praticamente só os pássaros mesmo, papagaio, tucano, gavião, arara, águia, calopsita, coruja, esses bichinhos todos aí que a gente faz. Daí as outras coisas é assim, quando os clientes da gente que é de outra região vem e muitos são vendedores também, muitos trazem uma coisa da região e a gente acaba fazendo troca.

ANA PAULA – Então vocês vendem mais para os comerciantes?

MARQUINHO – Ah...sim, praticamente pra comerciante. Porque a gente já tentou muitas vezes fazer uma parceria com o poder público pra tentar atrair turismo para nossa cidade, porque seria muito mais vantajoso na questão financeira, porque a gente já vai tá vendendo direto para o cliente final, daí eu vendo num preço que vai compensar mais, mas não, infelizmente não tem, turismo aqui é... não sei... se for contar percentual de vendas pra turismo e pra atacadista e pra lojista, enfim, turismo não chega nem a 5%, insignificante as vendas que a gente faz para o turismo. Ou é o cara que vem aqui enche o caminhão de mercadoria e sai revendendo e distribuindo pelas lojas das cidades ou então é o cara que tem uma determinada loja em um lugar e daí ele vem pra fazer compra pra loja dele. Então a gente vive praticamente disso.

ANA PAULA – É uma pena...

MARQUINHO – É uma pena, porque assim, é uma coisa que depende de muita coisa, né! Não é uma coisa que é assim: “ah, vou fazer isso”, não... é um processo que é demorado e às vezes a Prefeitura nem sempre gosta dessas coisas que você vai plantar uma semente hoje pra colher daqui há 5, 10 anos. Eles gostam de fazer um negócio que faz hoje, já põe uma placa ali e já tá tudo visível, já tá todo mundo batendo palma naquele momento, né! E como isso é um processo que demora, você tem que investir pra poder criar um atrativo e

tal, divulgar, é muita coisa que tá envolvida. Então a gente não tem esse amparo aí, do setor público pra poder tentar atrair as pessoas pra cá.

ANA PAULA – Como você divulga seu trabalho?

MARQUINHO – Então, a nossa cidade é conhecida quase que nacionalmente pelo artesanato, assim, as regiões turísticas onde tem os lojistas, o pessoal que trabalha com o turismo, sempre tá procurando produto pra poder tá vendendo, então, como muitas vezes a pessoa vai daqui pra vender nos pontos turísticos, então acaba levando o nome da cidade, então o pessoal quando vê a arara de madeira já sabe que a maioria é produzida aqui.

ANA PAULA – Você tem Facebook, site?

MARQUINHO- Não. Não tenho. Porque já faz 15 anos que eu trabalho, então... hoje eu tenho uma loja, antigamente eu tinha uma casinha, eu morava numa casinha pequeninha, lá e tinha uma varandinha com um corredorzinho, eu deixava uns passarinhos pendurados lá aí as pessoas iam passando e ia vendo, aí foi onde a gente vai fazendo contato com os clientes. Mas agora a gente tá vendo umas coisas assim, tentar oferecer mis informações, tem um negócio do Google aí que o cara coloca lá na página do Goolge lá, então você faz uma busca dentro do artesanato e vai aparecer. Então, agora isso é uma coisa que a gente tá indo pra esse lado aí, que é uma coisa que tem que fazer, porque hoje em dia a facilidade que a pessoa tem de encontrar por meio da mídia, Internet, é muito mais fácil. Então é o primeiro passo que estou dando, mas eu ainda não tenho site, não tem nada não.

ANA PAULA – E o seu processo de produção? Eu vi você lá fazendo, e quem pinta é você mesmo?

MARQUINHO – Não, minha esposa pinta. Eu faço a parte da escultura, que eu pego a madeira e começo a transformar ela, e às vezes chama um pessoal pra ajudar quando junta bastante serviço, principalmente na época de temporada, novembro, dezembro, janeiro, que é o momento que a gente vende mais, a gente não dá conta de fazer tudo sozinho, daí a gente acaba contratando umas pessoas pra dar uma força na produção. Porque o processo é bastante coisa pra fazer, eu corto a madeira, depois eu tenho que dar um acabamento nela, aí depois tem que secar, pra depois poder lixar, pra depois vim e pintar, depois por verniz, daí tem que montar os galhos, tem que enfim, pezinho... é muita coisa. É bastante trabalhoso e pouco valorizado.

A questão de valor é a própria cidade que foi desvalorizando. Isso quando começou há uns 15, 20 anos atrás, uma peça que eu vendo hoje por R\$ 30,00, acho que há 20 anos atrás era 30. Pra você ver como as coisas tudo aumentou tanto de preço e o nosso trabalho foi desvalorizando muito. No começo a

produção era pouca, como eu falei, era tudo manual, hoje em dia o pessoal foi modernizando a produção nesse sentido. Daí vai usando a serra de fita, boa parte da escultura a gente faz na serra depois só vem com o acabamento e agilizando o processo de produção, aí as pessoas começaram a pensar: “ah, não, eu tô produzindo mais então eu posso vender mais barato e nisso à medida que vai aumentando a produção, vai diminuindo o preço, até chegar uma hora que não consegue se manter e é isso que vai desvalorizando e desqualificando mais. Porque a pessoa pensa em fazer pra ganhar dinheiro, só que não consegue ganhar.

Na verdade não tem a arte do artesanato, não existe a arte. É um trabalho só, acaba que virou um trabalho, porque a parte artística, o valor da arte não existe

ANA PAULA – Mas você se considera um artista?

MARQUINHO – Ah... sem dúvida a gente se considera, porque assim, né... não é qualquer um que chega e faz. Quando eu era criança sem saber o que era artesanato, eu às vezes pegava um pedacinho de madeira e começava a fazer uns carrinhos, uns negocinho, sabe, mas assim, sem ferramenta sem nada, cortava com uma faca, sabe, brincando assim e fazia, então, acho que tem essa tendência a gostar de fazer. Mas isso aí é uma arte, né. Só que infelizmente, a condição de mercado que chegou dá esse crédito de arte pro trabalho, porque você vê aí um artista famoso que pinta uma tela por exemplo, por quanto ele vai vender aquilo? A pessoa vai valorizar a arte que ele fez ali, não só aquela pintura que tá ali, mas todo o trabalho artístico da pessoa, a técnica dele... agora, o artesanato nosso não tem. Eu ganho pelo trabalho de eu cortar o passarinho lá que eu faço. O que eu ganho é só o valor da minha mão de obra ali, não existe valor agregado, como se fosse qualquer outro trabalho.

ANA PAULA – Mas você gosta?

MARQUINHO – Ah, eu gosto. Minha vida é isso aí. Eu nunca tive vontade de sair e trabalhar em empresa. Não me vejo, nunca me vi assim, todo engravatado, todo certinho, não me atrai, né. A gente tá aqui, trabalha lá, chega um cliente a gente vem atende, conversa... não sei, é um tipo de interação que a gente tem que... eu gosto. Embora a gente tem certeza que o trabalho da gente poderia ser muito mais valorizado e não é, não ganha o tanto que deveria pelo trabalho, mas eu gosto de fazer isso.

ANA PAULA – Você tem filho?

MARQUINHO – Tem uma filha.

ANA PAULA – E ela faz artesanato?

MARQUINHO – Não, ela é bebezinha ainda, tem um ano e oito meses. Mas ela gosta, ela vai lá onde que eu estou trabalhando, a minha esposa pinta também e às vezes ela pega um pincel só com água e dá na mão dela, porque a tinta é tóxica... mas ela fica passando o pincel lá nos bichinho, ela gosta. Mas vamos ver. Isso é uma questão de escolha. Quando ela crescer ela vai decidir. Porque aqui... quantas pessoas trabalha e já trabalhou e às vezes o filho cresce e acaba que vai procurar outro pela questão financeira, talvez até goste de fazer, mas às vezes não acha que consegue o retorno financeiro que seja suficiente, né, infelizmente.

Mas não, sei. Há muito tempo atrás a gente ouvia falar assim: “ah, esse negócio do jeito que tá indo vai acabar” Vai chegar uma hora que não vai ter mais como as pessoas se sustenta fazendo isso, mas só que isso já faz mais de 10 anos que eu ouço isso aí e não acaba, acho que isso não vai acabar não. Acho que aqui virou uma cultura da cidade fazer o artesanato, então como tantas outras cidades tem outros tipos de artesanato que vai sobre vivendo aos tempos acho que a gente também vai sobreviver.

ANA PAULA – Sim, aqui a cultura do artesanato é muito forte!

MARQUINHO – Mas acho que a questão envolve as pessoas que trabalham, porque acho que se todo mundo se uni de alguma forma para fortalece, mas só que infelizmente é totalmente o contrário, é um querendo destruir o outro pra se sobressair. Só que nessa aí ninguém ganha, todo mundo perde. Se a gente levasse pra frente essa ideia de tentar valorizar, todo mundo ia ganhar! Eu não preciso destruir o seu trabalho pra eu poder valorizar o meu. Até porque, assim, se for procurar, deve ter uns 10 ou 15, sei lá nunca tive a curiosidade de saber quantas pessoas produzem, só que se você pegar uma arara que eu faço e for pegar todos que faz a mesma arara, mas só que não é a mesma, cada um tem o seu toque especial ali, o seu jeito, o seu estilo de fazer. Então, não é tudo igual, né! Então não tem o porquê eu querer destruir você porque o que é diferente do seu.